

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Dariana Nunes dos Santos

**A concordância verbal na fala de afrodescendentes da comunidade quilombola
Muquém, União dos Palmares – Alagoas**

MACEIÓ/AL

2013

DARIANA NUNES DOS SANTOS

**A concordância verbal na fala de afrodescendentes da comunidade quilombola
Muquém, União dos Palmares – Alagoas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães.

**MACEIÓ/AL
2013**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

S237c Santos, Dariana Nunes dos.
A concordância verbal na fala de afrodescendentes da comunidade quilombola Muquém, União dos Palmares - Alagoas / Dariana Nunes dos Santos. – 2013.
127 f.

Orientadora: Telma Moreira Vianna Magalhães
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística : Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2013.

Bibliografia: f. 118-122.
Anexos: f. 123-127.

1. Português brasileiro. 2. Concordância verbal. 3. Variação linguística. 4. Afrodescendentes. 5. Sociolinguística variacionista. I. Título.

CDU: 806.90(81)



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



PPGLL

TERMO DE APROVAÇÃO

DARIANA NUNES DOS SANTOS

Título do trabalho: *A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE MORADORES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MUQUÉM, UNIÃO DOS PALMARES - ALAGOAS*

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães (PPGLL/UFAL)

Examinadores:

Profa. Dra. Maria Denilda Moura (PPGLL/UFAL)

Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares da Silva (UFRPE)

Maceió, 20 de junho de 2013.

*Dedico este trabalho à comunidade quilombola
Muquém pela receptividade e colaboração para
com esta pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pela oportunidade de cursar mestrado em um estado reconhecido nacionalmente pelos altos índices de analfabetismo e baixos índices na avaliação pública da educação. É com muita satisfação que eu concluo esta etapa tão importante não só para a minha carreira acadêmica e profissional, como também para a minha vida pessoal e agradeço imensamente ao “Pai nosso que está nos céus” por tamanha benção.

À *CAPES* e à *FAPEAL*, pelo financiamento desta pesquisa, sem o qual, sem dúvida alguma, teríamos enfrentado maiores dificuldades para a sua realização.

À minha orientadora *Telma Moreira Vianna Magalhães*, por ter aceitado o desafio de me auxiliar na condução e no progresso deste trabalho, por depositar em mim a sua confiança, por dedicar muitas horas do seu precioso tempo para me orientar nessa caminhada. Deixo aqui o meu muito obrigada!

Às professoras *Denilda Moura* e *Cláudia Roberta*, por aceitarem fazer parte da banca examinadora desta pesquisa e, dessa maneira, darem suas contribuições para o bom desenrolar deste trabalho.

Aos meus *pais* e *familiares*, pela compreensão e colaboração. Agradeço por me acompanharem nessa caminhada depositando em mim confiança e me ajudando a progredir.

Aos *amigos* e *colaboradores*, aos esforços que, somados, resultaram na conclusão deste trabalho e na realização de um sonho. Agradecimentos especiais à *Amanda Patrícia de Almeida Cavalcante*, à *Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória*, à *Giuliana Temoteo*, à *Renata Lívia de Araújo Santos*, à *Samária Edycarla Vianna da Silva* e à *Solyany Soares Salgado*, pelo apoio moral, companheirismo e colaboração que demonstraram desde o início até o fim; pelas palavras de incentivo e motivação, pela compreensão e auxílio nos momentos de maior necessidade, assim como, por sua contribuição na confecção deste trabalho que foi de fundamental importância. Obrigada a todos!

Eu sou negro com muito orgulho, pra falar a verdade pra você, se eu tivesse de morrer e Jesus Cristo mandar eu de volta aqui pra terra, eu nasceria aqui no Muquém e sangue de Zumbi na veia porque é sangue de negro guerreiro. (JEBS, l. 107 – 110, p. 4)

RESUMO

Este trabalho estuda a concordância verbal na fala de afrodescendentes da comunidade quilombola Muquém, localizada em União dos Palmares – Alagoas e tem como objetivo descrevê-la e analisá-la por meio dos pressupostos da Teoria Sociolinguística Variacionista, de William Labov (2008 [1972]). O *corpus* que nos serve como base de pesquisa encontra-se publicado no livro organizado por Moura (2009) e disponível no endereço eletrônico <http://www.fale.ufal.br/projeto/prelin/bancodedados.php>. Ele é constituído de 14 entrevistas gravadas e transcritas de acordo com as normas ortográficas e os critérios adotados pelo Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN) da FALE/ UFAL, disponíveis em <http://www.fale.ufal.br/projeto/Prelin/>. Por meio dessa análise, observamos que o fenômeno estudado apresenta comportamento variável entre a presença e a ausência de marcas de concordância, condicionado por influências internas e externas ao sistema linguístico. Dos grupos de fatores estudados, a variável *relação número-pessoa*; a variável *elementos intervenientes entre sujeito e verbo*; a variável *idade* e a variável *escolaridade* se demonstraram significativas para o condicionamento da variante padrão.

Palavras-chave: Português brasileiro. Concordância verbal. Variação linguística. Afrodescendentes.

ABSTRACT

This work studies the verbal agreement in the speech of African descent Muquém maroon community, located in União dos Palmares - Alagoas and aims to describe it and analyze it by means of the Theory of Variation Sociolinguistics, William Labov (2008 [1972] .) The corpus that serves as the basis for research is published in the book edited by Moura (2009) and available on the website <http://www.fale.ufal.br/projeto/prelin/bancodedados.php>. It consists of 14 interviews were recorded and transcribed according to the orthographic rules and criteria adopted by the Program for Linguistic Studies (PRELIN) of TALK / UFAL available <http://www.fale.ufal.br/projeto/Prelin/>. Through this analysis, we observed that the phenomenon studied has variable behavior between the presence and absence of marks of agreement, conditioned by internal and external influences the linguistic system. Groups of factors studied, the variable number-one relationship, the variable elements intervening between subject and verb, the variable age and education variable is demonstrated significant for conditioning the core flavor.

Keywords: Brazilian Portuguese. Verb agreement. Linguistic variation. African descent.

LISTA DE TABELAS

Figura 1 - Composição das células.....	52
Figura 2 - População de Muquém.....	57
Figura 3 - Codificação dos dados.....	64-65
Figura 4 - Variáveis linguísticas.....	68-69
Figura 5 - Variáveis extralinguísticas.....	73
Figura 6 - Resultados do quadro de variação de CV no dialeto do PB falado por afrodescendentes de Muquém.....	82
Figura 7 - Grupo 1: Relação número-pessoa.....	85
Figura 8 - Grupo 2: Elementos intervenientes entre sujeito e verbo.....	89
Figura 9 - Grupo 3: Idade.....	92
Figura 10 - Grupo 4: Escolaridade – uma análise à parte.....	95
Figura 11 - Escolaridade – dados equiparados.....	97
Figura 12 - Grupo 5: Sexo.....	100
Figura 13 - Grupo 5: Sexo – análise à parte com dados equiparados.....	102
Figura 14 - Grupo 6: Posição do sujeito.....	103
Figura 15 - Quadro geral dos resultados estatísticos da aplicação de CV.....	109-110

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 01 - Concordância Verbal: um caso de variação.....	83
Figura 02 - Resultados da ocorrência de + CV quanto à relação número-pessoa.....	87
Figura 03 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com o grupo de fatores elementos intervenientes.....	91
Figura 04 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com a variável idade.....	93
Figura 05 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com o grupo de fatores escolaridade.....	96
Figura 06 - Resultados da aplicação de + CV conforme a variável escolaridade com dados equiparados.....	97
Figura 07 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com o grupo de fatores sexo.....	101
Figura 08 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com o grupo de fator sexo com os dados equiparados.....	102
Figura 09 - Resultados de + CV e – CV de acordo com a variável posição de sujeito.....	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
1.1 A Sociolinguística Variacionista: pressupostos básicos.....	22
1.2 A realidade sociolinguística no Brasil: breves incursões.....	30
1.3 O fenômeno variável da Concordância Verbal no PB.....	33
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
2.1 A metodologia da pesquisa sociolinguística.....	45
2.2 Constituição do <i>corpus</i>	46
2.3 Descrição da comunidade de fala.....	52
2.3.1 A incursão histórica de 2009.....	53
2.3.2 A enchente de 2010.....	58
2.3.3 Muquém – outras incursões sócio-históricas.....	59
2.4 Coleta de dados.....	62
2.5 Transcrição, codificação e quantificação dos dados.....	63
2.6 Variável dependente e variáveis independentes.....	67
2.7 Hipóteses e objetivos da pesquisa.....	74
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	75
3.1 Aspectos linguísticos do dialeto do PB falado em Muquém: breves discussões.....	75
3.2 Variável dependente.....	80
3.3 Variáveis Significativas.....	84
3.3.1 A variável Relação número-pessoa.....	85
3.3.2 A variável Elementos intervenientes entre sujeito e verbo.....	88
3.3.3 A variável Idade.....	91
3.3.4 A variável Escolaridade – um caso à parte.....	94
3.4 Variáveis não significativas.....	99
3.4.1 A variável Sexo.....	99
3.4.2 A variável Posição do sujeito.....	103
3.4.3 Discussões sobre o quadro de análise.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXOS.....	121

INTRODUÇÃO

O desejo de iniciar este trabalho relatando a minha experiência como pesquisadora até o momento presente se fez mais forte do que seguir a estrutura convencional de elaboração desse gênero textual, pois considero que tão importante quanto os resultados obtidos no fazer científico são os meios utilizados e os caminhos percorridos para se chegar a eles. As informações subsequentes são relevantes para que se compreenda como se deu a escolha do tema, da teoria e da metodologia norteadoras deste trabalho.

Na ocasião da minha licenciatura em Letras Vernáculas com habilitação em Português/ Literatura pela Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), fui provocada por uma problemática bastante familiar: a inclusão da variante /e/ nas monossilábicas *Deus* (deuse) e *mas/ mais* (maise), construções orais que ouvia com frequência desde a infância na fala de minha avó materna e de outros moradores da minha cidade natal, União dos Palmares. Sendo assim, resolvi associar uma inquietação de outrora ao desafio acadêmico que me aguardava – o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); transformar a curiosidade de uma leiga no objeto de estudo de uma pesquisadora em processo de construção.

De posse do fenômeno linguístico a ser estudado, faltava-me delimitar a teoria, a metodologia e a comunidade de fala a ser investigada. Na qualidade de filha natural de União dos Palmares, berço do saudoso Quilombo dos Palmares, símbolo de luta e resistência contra o sistema escravista colonial, voltei o meu olhar para a Serra da Barriga, seio da sede do referido Quilombo. Então percebi o quanto ela atraiu e continuava a atrair a atenção de muitos pesquisadores comprometidos em conceder a esse patrimônio histórico brasileiro reconhecimento e valorização por meio de investigações realizadas com o devido rigor científico e respeito à memória dos quilombolas palmarinos.

Na ânsia de desvendar o mistério dos “deuses” e “maises” que me perseguia, deparei-me com uma questão interessante: enquanto a Serra da Barriga recebia todos os olhares, Muquém, considerada comunidade quilombola remanescente do

Quilombo dos Palmares, seguia no mais profundo esquecimento pelos pesquisadores, no que se referia a estudos que focassem o aspecto linguístico da comunidade. Então, não tive mais dúvidas: eis o fenômeno linguístico a ser pesquisado, eis a comunidade linguística delimitada, mas faltava delimitar os pressupostos teórico-metodológicos. Nesse momento, as aulas de sociolinguística variacionista ministradas pela Profa. Dra. Maria Denilda Moura fizeram toda a diferença.

Conclui a graduação em 2005 com o trabalho *O uso da variante /e/ no final das monossilábicas Deus e mais por falantes da comunidade Muquém*, orientado pela professora responsável pelo despertar teórico. E como todo trabalho científico gera discussões posteriores, desde então, Muquém passou a atrair a atenção da comunidade acadêmica sob a perspectiva linguística. Em 2009, a Profa. Dra. Denilda Moura, coordenadora do Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN) e do Programa de Educação Tutorial (PET) da FALE/ UFAL, nessa época, decidiu aceitar o desafio de liderar a equipe alagoana do projeto nacional *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), coordenado nacionalmente pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho:

Esse projeto foi organizado em 1998, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) integrando-se à proposta de trabalho coletivo lançada no *I Seminário para a História do Português Brasileiro*, realizado em abril de 1997 pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Esse encontro, por sua vez, foi o resultado da articulação entre vários projetos pessoais e coletivos que, a partir de momentos distintos durante a década de 90, se haviam ocupado das questões histórico-linguísticas envolvidas na formação do português brasileiro. Coube aos Professores Doutores Ataliba de Castilho e Rosa Virgínia Mattos e Silva a tarefa de reunir, naquele primeiro seminário, professores, pós-graduandos e graduandos a fim de estabelecer as primeiras ideias de uma investigação coordenada. Essa iniciativa garantiu a continuidade do trabalho sob um mesmo plano geral. Nascia, assim, o Projeto Nacional Integrado *Para a história do português brasileiro* dividido em equipes regionais por todo o país. (fragmento retirado de <http://www.letras.ufrj.br/phpb-rj/>, página do núcleo da UFRJ do PHPB na internet).

O núcleo alagoano do PHPB deu início às suas atividades em 2009, com o projeto *O Conhecimento Linguístico e Sociocultural da Comunidade Quilombola Muquém, União dos Palmares – Alagoas* pela FALE/ UFAL juntamente com o Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL/ UFAL), o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/ UFAL) e o Programa de Apoio à Extensão (PROAPEX). Contando com uma equipe de trabalho composta por 25 pessoas, entre professores doutores e pesquisadores bolsistas, realizou-se a publicação do livro *Resquícios de Palmares: O que uma comunidade quilombola nos diz*, primeiro registro histórico e sociocultural de Muquém, bem como a realização do simpósio *A contribuição de comunidades afrodescendentes para a sócio-história do Português Brasileiro*, durante a IV Bienal do Livro de Alagoas promovida pela Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL). Tais ações foram responsáveis por uma maior visibilidade de Muquém junto à comunidade acadêmica. A partir de então, novas investigações sobre o falar de Muquém foram feitas, como podemos ver em Salgado (2009), Costa (2010), Santos (2011), PET - Letras/ UFAL (2011), Avelar (2012) e outras ainda que estejam em pleno curso e por isto não as mencionamos aqui.

Neste trabalho, estudamos a concordância verbal, doravante CV, no panorama da variedade do Português Brasileiro (PB) falado por afrodescendentes dessa comunidade, isto na perspectiva teórico-metodológica da Teoria Sociolinguística Variacionista, de William Labov (2008 [1972]). Nesse campo de análise que considera o aspecto social da linguagem de grande importância para o estudo da língua é imprescindível sabermos quem são esses falantes, situando-os num contexto histórico e sociocultural e quais fatores condicionantes linguísticos e extralinguísticos pesam sobre suas escolhas linguísticas no que diz respeito ao fenômeno estudado. Desse modo, realizamos um estudo sincrônico e quantitativo com o objetivo geral de descrever e analisar o comportamento sintático de CV de Muquém, acreditando que há variação entre presença e ausência de marcas de concordância entre sujeito e verbo, e que esta variação encontra-se submetida a fatores condicionantes estruturais e sociais. Assim, investigamos como se dá o processo de variação entre a presença de marcas de concordância, o que convencionamos chamar de + CV, e a ausência dessas marcas, - CV; ou seja, *variável dependente* nos termos da teoria adotada; vejamos, então, algumas

evidências dessa variação nos dados de fala a seguir retirados do *corpus* disponível em Moura (2009):

1. Sentenças em que há a aplicação de + CV:

- a) “**A mininada de hoje** num *qué* mais tê fio assim não” [MNC, l. 127, p. 13]
- b) “**Os bem do Brasiliano Sarmento** (...) *foro leiloado*” [JEBS, l. 21, p. 2]
- c) “**Eles** *chegaram*” [MCNS, l. 174, p. 8]
- d) “**Nóir** *nasce*mo nas gruguéia pru dento da campina no seirtão” [JAS, l. 11-12, p. 15]
- e) “**A gente** num *sabia fazê*” [IRNS, l. 246, p. 35]

2. Sentenças em que há a aplicação de - CV:

- a) “Aonde **esse casal** *casaram*” [JEBS, l. 3, p. 2]
- b) “**As crianças** *fica* tudo cheia de osadia” [JEBS, l. 37-38, p. 3]
- c) “Então **eles** *fazia* esse tipo de armadilha cum varas” [JEBS, l. 93, p. 4]
- d) “Aí **nóir** num *sabe* realmente” [ANS, l. 9, p. 27]
- e) “**A gente** *temos* aqui na escola seis professora três serviçal né” [ANS, l. 112-113, p. 30]

Os sujeitos das sentenças acima foram destacados em negrito e os verbos em itálico, os elementos entre colchetes representam as iniciais dos nomes reais dos informantes, seguidos do número da linha em que a sentença aparece no *corpus* analisado e o número da página, respectivamente, procedimento de identificação de sentenças que adotamos em todo o trabalho para facilitar a visualização.

Com essa pequena amostra dos casos de variação de CV na fala de afrodescendentes de Muquém, que serão melhor detalhados no capítulo 3 do

presente trabalho, que trata da descrição e análise dos dados, podemos observar alguns pontos interessantes:

- a) Quando o SN-sujeito é constituído por núcleos nominais com ideia de plural, como *mininada* e *casal* nas sentenças 1.a. e 2.a., respectivamente, a concordância pode ocorrer de duas maneiras: ou o verbo admite a terceira pessoa do singular “ele ou ela” concordando com o seu sujeito ou admite a terceira pessoa do plural “eles ou elas” concordando com o valor semântico desse item lexical;
- b) Quando o SN-sujeito é expresso por determinante no plural + nome (s) no singular ou determinante + nome (s) ambos no plural, como nas sentenças 1.b. e 2.b. a CV pode variar entre + CV com o verbo na terceira pessoa do plural, sentença 1.b., ou - CV com o verbo na terceira pessoa do singular, sentença 2.b., nesse caso, ainda é interessante observarmos que nem a distância entre sujeito e verbo na sentença 1.b. foi capaz de inibir a aplicação de + CV, assim como nem a marcação de plural no determinante e no nome na sentença 2.b. foi capaz de condicionar a aplicação de + CV;
- c) Com SN-sujeito nucleado pelo pronome de terceira pessoa de plural “eles ou elas”, a CV também apresenta variação entre + CV e - CV, como vemos claramente nas sentenças 1.c. e 2.c., respectivamente;
- d) O mesmo ocorre quando o núcleo do sujeito é o pronome de primeira pessoa do plural “nós”, sentenças 1.d. e 2.d.;
- e) A expressão pronominal “a gente”, sentenças 1.e. e 2.e., largamente usada em território nacional com verbos na terceira pessoa do singular ou do plural também apresenta variação.

Tal variação pode ser regida por grupos de fatores condicionantes de ordem linguística e extralinguística, denominados *variáveis independentes*, ambos capazes de influenciar no uso de uma das variantes em detrimento da outra ou das outras.

Após uma pré-análise dos dados, destacamos para este estudo, três grupos de fatores linguísticos, também denominados estruturais: a) *posição do sujeito em*

relação ao verbo (anteposto ou posposto); b) *elementos intervenientes entre sujeito e verbo* (presença ou ausência de elementos entre sujeito e verbo); c) *relação número-pessoa* (terceira pessoa do plural “eles ou elas” e sintagma nominal [SN] no plural, primeira pessoa do plural “nós” e expressão pronominal “a gente”). A decisão de distinguir primeira pessoa do plural e expressão pronominal a gente na posição de sintagma nominal sujeito [SN-sujeito] se deu pelo fato desta ocorrer em maior número com verbos na terceira pessoa do singular. Como fatores condicionantes extralinguísticos ou sociais, selecionamos: a) *sexo* (masculino e feminino) e b) *faixa etária* (FI - de 15 a 30 anos, FII - de 31 a 50 anos e FIII - de 51 anos em diante).

A *escolaridade*, apesar de não fazer parte da composição das células acima subscritas, por conta de algumas questões técnicas explicitadas no segundo capítulo deste trabalho que trata dos procedimentos metodológicos adotados, entra como variável condicionante numa investigação paralela para a qual delimitamos três categorias de análise: a) nível de escolarização mínimo ou inexistente, b) nível Fundamental II completo ou cursando e c) nível Médio completo ou cursando, pois julgamos esse aspecto relevante e necessário para esta pesquisa no sentido de que se trata de um fator social que consideramos capaz de condicionar o uso de + CV. No terceiro capítulo deste trabalho, que trata da descrição e análise dos dados, esse aspecto será mais aprofundado.

Para a realização deste trabalho, utilizamos o *corpus* coletado por Salgado e Santos que se encontra publicado no livro de Moura (2009) e disponível em <http://www.fale.ufal.br/projeto/prelin/bancodedados.php>, constituído de 14 entrevistas gravadas. Esse banco de dados faz parte da etapa inicial do projeto *O conhecimento Linguístico e Sociocultural da Comunidade Quilombola Muquém, União dos Palmares – Alagoas*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Denilda Moura e apresentado como contribuição do núcleo alagoano ao projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), coordenado nacionalmente pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho.

Para a realização desta pesquisa quantitativa, delimitamos como sentenças-alvo: sentenças simples e encaixadas; já no que diz respeito à quantificação dos dados de fala, contamos com o suporte do programa computacional GOLDVARB X, versão atualizada do VARBRUL, que consiste num conjunto de programas

matemáticos que dão tratamento estatístico aos dados apresentando a quantidade de ocorrências do fenômeno em estudo, porcentagem e peso relativo (PR.) de cada grupo de fator previamente selecionado pelo pesquisador de acordo com suas hipóteses e objetivos com o intuito de demonstrar a significância de cada um deles.

Assim, realizamos uma análise nucleada em três eixos temáticos: (i) como a língua é um patrimônio imaterial, histórico e sociocultural de um povo, ela deve ser analisada no seio da interação social, nesse caso, a fala; (ii) como a língua é um produto da comunidade a que serve, sofre influências decorrentes das pressões sociais às quais se encontra naturalmente submetida; e (iii) nesse movimento constante que é a língua, temos um campo fértil para variabilidade, competitividade entre formas e mudança linguística.

Nesse contexto a CV, que é um fenômeno bastante estudado em nossa língua, apresenta alguns pontos que nos preocupam nessa pesquisa e que trazemos para discussão: a) como se comporta o fenômeno da CV na variedade do PB falada por afrodescendentes de Muquém; b) quais fatores condicionantes linguísticos e extralinguísticos influenciam tal comportamento; c) a CV observada na fala desses afrodescendentes apresenta marcas ou traços linguísticos que sejam característicos dessa comunidade?

É compreensível que aquilo que vem sendo dito sobre concordância pelas gramáticas tradicionais, tanto do PB quanto de outras línguas, esteja longe de dar conta desse fenômeno tal qual ele ocorre na fala e na escrita dos falantes reais em situações sociocomunicativas igualmente reais, pois elas partem apenas da norma dita culta/ padrão das línguas baseando-se nos usos considerados bons e empregados por escritores consagrados da Literatura, contudo, a visão da gramática normativa sobre o tema abordado não faz parte da análise que propomos aqui. Desse modo, para traçar um quadro da CV na fala desses afrodescendentes, partimos do que já vem sendo estudado e comprovado por pesquisas linguísticas relevantes sobre a concordância e que Castilho (2010, p. 208) traz à tona: (1) a simplificação da CV; (2) a manutenção da concordância apenas quando há saliência fônica entre a forma singular e a forma plural; (3) a tendência a não marcação de concordância de gênero; (4) a tendência à não marcação da concordância de pessoa gramatical entre o verbo e o sujeito; (5) a tendência à não marcação da

concordância de número entre o verbo e o sujeito posposto; (6) a predominância do sujeito expresso e colocado antes do verbo, evitando-se o sujeito posposto. Importante salientar que nesta investigação nos deteremos apenas na análise dos itens (1), (4), (5) e (6).

Como se espera que a intervenção da educação institucionalizada leve o falante a fazer uso das variantes que gozam de maior prestígio social, supõe-se que quanto mais o falante tiver acesso à educação de qualidade, mais ele fará uso das variantes tidas como padrão em sua comunidade de fala¹. Daí a importância do fator escolaridade para o fenômeno da CV nas variedades linguísticas do PB. Isto, porém, não significa, necessariamente, que o falante em processo de escolarização deixará de lado as variantes inovadoras e estigmatizadas com as quais, porventura, teve contato desde a mais tenra idade em sua comunidade de fala, em substituição àquelas que são consideradas conservadoras e de prestígio, mas, simplesmente, que ele (o falante) terá a possibilidade de fazer uso de uma fala e/ ou escrita mais monitorada em determinadas situações de comunicação nas quais será esperado dele uma linguagem mais próxima daquela considerada culta/ padrão em sua sociedade.

A escolha dessa comunidade como público-alvo dessa investigação se deu pelo fato de se tratar de uma comunidade quilombola oriunda do grande Quilombo dos Palmares. Muquém é legalmente reconhecida como remanescente do memorável Quilombo de Palmares desde 2005, que foi sediado na Serra da Barriga entre os séculos XVI e XVII. O falar desse povo nos intriga porque pode apresentar traços linguísticos característicos que remetam a sua origem, ou seja, pode haver ligação entre a CV desses afrodescendentes e a CV da língua que seus antepassados usavam no Quilombo dos Palmares, provavelmente uma língua africana de origem Banto. Ainda desconhecemos a dimensão desta investigação e, mesmo sabendo o rumo que iremos seguir, não podemos prever quais os resultados que iremos encontrar.

Sumariamente podemos dizer que, enquanto a preferência do falante por uma variante linguística em detrimento de outra ou outras for usada para servir de

¹ Comunidade de fala aqui é definida conforme Lucchesi (2006) nos termos de Labov (1974), não como semelhança entre o comportamento linguístico dos falantes que a compõem, mas sim como um sistema de avaliação semelhante dos usos linguísticos que eles fazem.

supervalorização de grupos sociais enquanto outros são desvalorizados, ridicularizados e rebaixados, trabalhos como esse se fazem importantes na medida em que tentam mostrar que todas as formas de comunicação são válidas, desde que se estabeleça a compreensão entre os falantes, porque todas elas encontram-se regidas pelas leis estabelecidas pelo próprio sistema linguístico diante das quais até as influências das pressões sociais passam por uma filtragem; e a concordância observada na fala de afrodescendentes de uma comunidade de quilombo, grupo social marginalizado pela sociedade, pode revelar características linguísticas tipicamente marcantes e distintivas desse povo, ou apenas apresentar aspectos já observados e descritos em outros trabalhos realizados em território nacional em outras comunidades rurais, como o de Lemle e Naro (1977); Naro (1981); Rodrigues (1997); Scherre (1988); Galves (1998); Naro e Scherre (2003); dentre outros.

Nesse ínterim, estudos têm comprovado que a CV do PB é variável. Trabalhos realizados na perspectiva da Sociolinguística Variacionista (Gonçalves, 2007; Moura, 2001; Naro & Scherre, 2007; Oliveira, 2005; Santos, 2010; Silva, 2005; Silva, 2008) comprovam que tal variação é decorrente de influências de ordem estrutural e social, dentre as quais as que têm se mostrado de maior relevância são: posição do sujeito em relação ao verbo; elementos intervenientes entre sujeito e verbo; natureza do SN-sujeito, saliência fônica ou mórfica, paralelismo formal ou linguístico, escolaridade e faixa-etária.

Visando à discussão aqui pretendida, evste trabalho encontra-se organizado em três capítulos. No primeiro, apresentamos o **Referencial Teórico** que é a *Teoria Sociolinguística Variacionista*. Nossa escolha teórica se deu por encontrarmos na Sociolinguística Variacionista um arcabouço teórico-metodológico coerente com o que propomos neste trabalho e consoante à nossa forma de conceber o sistema linguístico. Nesse capítulo, ainda, trataremos da *Concordância Verbal* sob o prisma abordado por um renomado linguista do nosso país: Castilho (2010), fazendo uma breve apresentação do que ele diz sobre o assunto em sua gramática lançada recentemente. Abordaremos também aspectos que consideramos importantes do trabalho de alguns pesquisadores sobre o assunto.

No segundo capítulo deste trabalho, trataremos dos **Procedimentos Metodológicos** adotados, descrevendo tanto quanto possível o caminho que

percorremos para chegarmos aos resultados obtidos e aqui apresentados; já no terceiro e último capítulo, seguimos com a **Descrição e análise dos dados** com enfoque nos grupos de fatores previamente selecionados e considerados relevantes pelo programa computacional utilizado na quantificação dos dados de fala.

Esta pesquisa parte de três pressupostos básicos: (i) a CV observada na fala de afrodescendentes de Muquém apresenta variação entre marcas e ausências de CV; (ii) os grupos de fatores selecionados nesta pesquisa se demonstrarão relevantes para esta investigação, especialmente: a) posição de sujeito; b) relação número-pessoa; c) idade e d) escolaridade; e (iii) a CV desses afrodescendentes pode apresentar traços linguísticos característicos marcantes desse grupo social. A partir dessas hipóteses, esperamos atender às necessidades de análise desse trabalho de modo a contribuir significativamente com a literatura que vem crescendo sobre o tema da CV na fala de afrodescendentes em todo o país.

Como objetivos específicos, pretendemos observar se os fatores: (i) sujeito anteposto ao verbo, (ii) ausência de elementos intervenientes entre sujeito e verbo, (iii) faixa-etária FI e FII, e (iv) nível de escolarização Fundamental II completo ou cursando e Médio completo ou cursando condicionam a variante padrão; e se os fatores: (i) sujeito posposto, (ii) presença de elementos intervenientes, (iii) faixa-etária FIII e (iv) nível de escolarização mínimo ou inexistente condicionam o uso da variante não padrão nessa comunidade de fala.

De uma forma geral, sabemos que o fato da CV do PB apresentar comportamento variável pode gerar ideias pré-concebidas que levem a um sentimento de inferioridade linguística e ao preconceito linguístico, sobretudo, na fala de pessoas que pertencem às camadas sociais mais baixas da sociedade brasileira. No entanto, o argumento teórico da Sociolinguística desautoriza a prática e a disseminação desse tipo de preconceito. Dessa forma, a variação entre presença e ausência de marcas de concordância não pode servir como base de apoio ou parâmetro para a discriminação, desvalorização e exclusão de pessoas. Assim sendo, com este trabalho pretendemos contribuir com a diminuição do preconceito linguístico, uma vez que acreditamos no uso da pesquisa científica como um meio de fazer avançar a sociedade no sentido de que se é possível desmistificar tabus,

quebrar preconceitos e modificar comportamentos convencionais por meio do discurso de autoridade que à ciência é conferido através do fazer científico.

Para resumirmos, este trabalho teve como ponto de partida o interesse de trabalhar a temática do negro sob a perspectiva linguística fugindo ao encaço de vê-lo apenas sob o prisma da problemática escravista e nesse caminho tomar posse de sua fala respeitando a sua história, cultura e condição social, garantindo que as suas memórias não sejam esquecidas, que a sua voz não seja silenciada e que o seu falar não sirva de parâmetro para o surgimento e a disseminação do preconceito linguístico e étnico-racial arraigado na sociedade de classes em que vivemos. Nesse ponto, este trabalho se faz relevante porque leva em conta um grupo de pessoas que sempre foi confinado às margens da sociedade brasileira, sociedade esta que sempre negou a sua história e silenciou as suas dores, recusando-lhe ainda condições favoráveis para que assumisse papéis sociais relevantes.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo apresentamos alguns dos pontos discutidos pela Teoria Variacionista de William Labov (2008 [1972]) no que concerne à língua, enfatizando aqueles que se aplicam ao estudo de CV em variedades do PB, na tentativa de elucidarmos o comportamento variável de CV observado na fala de afrodescendentes da comunidade quilombola Muquém.

1.1 A Sociolinguística Variacionista: pressupostos básicos

A Sociolinguística Variacionista surge efetivamente na década de 60 nos Estados Unidos da América como teoria linguística que inclui o *aspecto social* em suas análises sobre o sistema linguístico, como resposta ao mito da homogeneidade linguística adotado tanto pelo Estruturalismo (que teve como ponto de partida as ideias de Saussure) quanto pelo Gerativismo, de Noam Chomsky.

A Sociolinguística tem como principal representante o linguista americano William Labov nascido em 1927, em Rutherford, New Jersey, que, sob a orientação do professor Uriel Weinreich, defendeu a sua tese sobre um fenômeno de mudança fonética na fala de moradores da ilha de Martha's Vineyard – um estudo clássico para esse novo ramo da Linguística. Daí em diante, o linguista tem realizado pesquisas empíricas e análises linguísticas responsáveis por desenvolver o escopo teórico-metodológico da Sociolinguística, bem como, popularizá-la entre linguistas do mundo inteiro. O trabalho de Labov tem dado importantes contribuições para os estudos sociolinguísticos, além de servir como argumento teórico para a quebra de preconceitos étnico-raciais e de classe.

Labov (2008 [1972]) reflete sobre a natureza da linguagem humana e chega à conclusão de que deve considerá-la em suas características essenciais: o caráter social dos fatos linguísticos e sua variabilidade. Assim, ele trilha um caminho diferente daquele escolhido pela maioria dos linguistas da época e apresenta um

aparato teórico-metodológico consistente para dar conta da heterogeneidade linguística manifestada na fala, delimitando como objeto de estudo: a fala (*parole*), justamente aquilo que a Linguística estruturalista ou gerativista havia deixado de lado até então. Nesse caso, a fala é entendida como:

(...) a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como o vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística. Tarallo (1986, p. 19).

Para Labov (2008 [1972]), o caos linguístico decorrente da diversidade linguística pode ser sistematizado, virar objeto de estudo científico e entrar nos moldes da pesquisa empírica por meio da observação, descrição e análise do comportamento linguístico humano. Dessa maneira, a variação linguística passa a fazer parte dos estudos linguísticos, deixando-se de lado o seu caráter dito assistemático e aparentemente caótico. Em outras palavras, quando Labov considera o caráter social e a variabilidade como características essenciais das línguas delimitando como objeto de estudo o “caos” linguístico manifestado na fala, ele quer saber quem é esse falante e, para tanto, ele sugere que, através da observação e análise da sua fala, possamos apreender informações preciosas sobre ele que são refletidas na sua forma de se comunicar com os outros, como por exemplo: o seu local de origem, a comunidade de fala a qual pertence, a classe social da qual faz parte, o seu sexo, a sua idade e o seu nível de escolaridade, dentre outros.

Segundo Tarallo (1986), dentro desse modelo de análise, o objeto de estudo que é o caos linguístico é, ao mesmo tempo, o ponto de partida da investigação e um porto ao qual o modelo espera que o pesquisador retorne todas as vezes que encontrar dificuldades de análise, pois ele é o dado de análise e também é a base para o estudo, uma vez que resume em si mesmo as informações necessárias para

fins de confirmação ou rejeição de hipóteses anteriores sobre a língua, assim como para o levantamento e também o lançamento de novas hipóteses.

A Sociolinguística perscruta a relação existente entre estrutura e funcionamento da língua e da sociedade, pois, nesse campo de investigação da linguagem, língua e sociedade andam lado a lado e uma reflete os padrões de comportamento da outra, aqui a língua varia em função do tempo e do espaço sob os quais ela se encontra submetida. Assim, a variação linguística é uma característica natural da propriedade da linguagem humana de nunca ser idêntica, e sim múltipla, dinâmica e flexível.

Para compreendermos os estudos labovianos, é necessário admitir que os fenômenos de mudança linguística são decorrentes da variação que, por sua vez sofrem a influência de fatores condicionantes; e podem ser objeto de observação e estudo. Além disso, os fenômenos linguísticos costumam ser condicionados, também, por fatores externos ao sistema linguístico. Dessa forma, a interpretação de uma mudança linguística deve ser acompanhada da análise das pressões sociais que a determinaram. Para Tarallo (1986, p. 63):

Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação! Os resultados de análises de variantes apontam, de maneira geral, para duas direções distintas: 1. A estabilidade das adversárias (“relação de contemporização” pela subsistência e/ ou coexistência das variantes); 2. A mudança em progresso (que reflete uma situação de duelo de morte entre as variantes).

Conforme o mesmo autor, a concepção e o alcance do modelo sociolinguístico são a um só tempo *sincrônicos* e *diacrônicos*, sendo assim, tanto a *variação* que se enquadra numa situação linguística em um determinado momento – sincronia; como a *mudança* que se origina de uma situação linguística em vários momentos sincrônicos, avaliados longitudinalmente – diacronia; devem ser estudadas.

Segundo os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, o sistema linguístico é heterogêneo por natureza e tal heterogeneidade é manifestada na fala de falantes reais numa dada comunidade de fala real e é justamente esta característica intrínseca a natureza da língua que a torna, segundo Tarallo (1986, p. 11), “um sistema linguístico de possibilidades”. Portanto, o conjunto de oposições funcionais, ou seja, os signos linguísticos oferecem múltiplas possibilidades de realização, isto é, variadas formas de realização fônica que levam ao mesmo significado, vejamos o exemplo que criamos a seguir:

3. Problema – Probrema – Poblema – Pobrema – Poblema - Pobema

Nesse momento, é importante ressaltarmos que as variantes encontram-se geralmente em relação de concorrência no campo de batalha que é a língua, assim, temos variantes padrão VS. variantes não padrão; variantes conservadoras VS. variantes inovadoras; variantes de prestígio VS. variantes estigmatizadas, mas as variantes padrão são conservadoras e de prestígio e as variantes não padrão são inovadoras e estigmatizadas. Entretanto, a metodologia sociolinguística consegue dar conta do aparente caos linguístico de forma coerente, comprovando que os discursos individuais podem ser apreendidos e analisados de forma consistente e sistematizada, uma vez que existem alguns fatores condicionantes internos impostos pelo próprio sistema linguístico que restringem o campo de variações.

Como nem todos os fatos da língua estão sujeitos à variabilidade, pois ela apresenta fatores condicionantes internos que são invariantes, ou seja, regras categóricas que o falante não pode violar, sob pena de tornar o seu enunciado incompreensível ou agramatical, uma dessas regras diz respeito à ordem que os elementos devem ocupar na sentença, no caso do PB que é uma língua de ordem sujeito-verbo-objeto (SVO), o que observamos na sentença 4.b abaixo não constitui uma sentença possível nessa língua:

4.a “Aí eles caía dento daqueles buraco” [JEBS, l. 96, p. 5]

4.b “caía daqueles aí dento eles buraco”²

Dessa maneira, o próprio sistema linguístico estabelece o que pode e o que não pode variar num determinado contexto, mesmo em decorrência das pressões sociais a que se encontra submetido. Porém, as regras variáveis existem e ocorrem em maior abundância do que as regras categóricas ou invariantes. Nesse caso, quando duas ou mais formas se encontram em concorrência num mesmo sistema linguístico, o falante é levado a escolher uma delas e esta escolha advém de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural quanto de ordem externa ou social.

Neste campo de análise da língua, constitui-se uma variável linguística, a coexistência de duas ou mais formas de se transmitir a mesma informação num mesmo contexto sociocomunicativo e com o mesmo valor de verdade. Em nosso caso, podemos dizer que a presença ou ausência de marcas de concordância entre o sujeito e o verbo é uma variável,

5. “Úir mái véi já morrero” [MNC, l. 64, p. 11] (+ CV)

“Os mais velhos já morreram”

6. “Úi chefão tinha medo de tumá o Muquém” [MCNS, l. 166, p. 8] (- CV)

“Os chefões tinham medo de tomarem o Muquém”

e que as formas alternantes que ocorrem na comunidade de fala em estudo são as variantes linguísticas. A estas formas diferentes de se dizer o mesmo são atribuídos valores sociais, julgamentos de peso valorativo, dos quais decorrem os conceitos de

² A sentença 4.b não foi retirada do *corpus* utilizado nesta pesquisa, mas criado por nós a partir do dado 4.a retirado do *corpus* em análise, para exemplificar e expandir o conceito de variabilidade discutido.

“certo” e “errado”, nos quais uma das formas é considerada de prestígio e a outra é estigmatizada, o que inclusive pode levar ao preconceito linguístico numa dada comunidade de fala. Para Labov (2008 [1972], p. 26):

Uma variável linguística só pode servir de foco de estudo se ela for **frequente** (que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas), **estrutural** (quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo) e **estratificada** (a distribuição do traço deve ser altamente estratificada, ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade).

Neste trabalho se realiza a análise da variação entre a concordância do sujeito com o verbo (+ CV) e a ausência de concordância (- CV) no contexto da Comunidade Quilombola Muquém, em União dos Palmares – Alagoas, numa perspectiva sincrônica e quantitativa mediante tratamento estatístico dado pelo programa computacional GOLDVARB X, no qual se busca medir o peso dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a variável.

Para esta nova abordagem da língua, as pressões sociais são fatores essenciais na determinação das estruturas linguísticas. Nesse campo investigativo da linguagem, porém, há um paradoxo que Labov denomina de *paradoxo do observador* que se estabelece na relação entre pesquisador e pesquisado durante a realização da coleta de dados de fala e consiste na interferência que a presença do pesquisador causa na fala do pesquisado. Dito de outro modo, uma vez que o colaborador da pesquisa tem consciência de que está sendo observado, sua fala não será espontânea, pois a presença do observador e do gravador levará o falante a se expressar com um certo grau de formalidade ou monitoramento, afinal de contas, ele está diante de um pesquisador que geralmente lhe é desconhecido.

Todavia, com os recursos tecnológicos que temos hoje para realizar a coleta de dados orais e com as técnicas que vêm sendo aplicadas por sociolinguistas em

todo o mundo, esse paradoxo parece estar sendo superado não representando mais problemas significativos para pesquisas feitas nesta abordagem teórico-metodológica. Conforme sugere Labov (2008 [1972]), por experiência própria como pesquisador, uma forma bastante proveitosa de coletar dados de fala espontânea é levar o informante a reproduzir fatos ou acontecimentos em que tenha vivenciado emoções fortes, como situações que envolvam risco de morte, por exemplo. A partir do momento em que o entrevistado é reportado a momentos de forte tensão como este, a fala deixará de ser o foco de sua atenção e ele, sem perceber, conseguirá ser mais espontâneo.

Segundo Labov (2008 [1972]), somente se atribuem valores sociais às regras linguísticas quando existe variação, então, se um determinado grupo utiliza uma variante particular, as conotações sociais atribuídas a esse grupo se transferem à variável linguística. Como prova disso, vejamos um exemplo do fenômeno em estudo: a) “Os meninos estão todos na rua”, b) “Os menino tá tudo na rua” e c) “Os menino tão tudo na rua”, dentre outras possibilidades; todas são exemplos de sentenças consideradas como sendo do PB, porém, a sentença *a* goza de maior prestígio social que as sentenças *b* e *c*, isto ocorre em decorrência de ambas serem consideradas socialmente como sendo variedades linguísticas representativas de grupos sociais de menor prestígio social e nível socioeconômico.

Ainda de acordo com o que diz Labov (2008 [1972]), para se estudar uma variável linguística, ela deve atender a três condições básicas, ou possuir três características essenciais: a) ser frequente; b) ser estrutural; c) ser estratificada. Dito de outra forma, ela deve ocorrer com frequência na fala espontânea dos informantes; deve estar integrada num sistema maior de unidades em funcionamento e, ainda, a distribuição do traço deve estar altamente estratificada no sistema linguístico.

Pesquisas em Sociolinguística vêm demonstrando que, como fatores extralinguísticos influenciam na escolha de uma dada variante por falantes de um determinado grupo social, toda variação linguística é motivada por fatores estruturais e sociais, sem exceção. Assim sendo, as variantes linguísticas podem ser analisadas como sendo de prestígio ou estigmatizadas. Uma variante adquire prestígio se for associada a um falante ou grupo social de *status* considerado

superior, dessa forma, ela pode passar a ser imitada por outras pessoas de classe inferior, pois a variedade linguística da classe dominante tende a se impor como marca de prestígio, determinando a atitude dos falantes dos grupos dominados, no sentido de levá-los a supervalorizar a variedade da classe dominante e estigmatizar a sua própria variedade linguística. Nesse sentido, o preconceito linguístico se configura como o julgamento depreciativo da variedade linguística do outro ou da sua própria.

Dessa maneira, conforme observa Labov (2008 [1972]), a variedade das classes dominadas tende a se desestruturar quando em contato com a variedade da classe dominante, gerando sentimentos de culpabilidade ou de inferioridade linguística. Assim, se instaura o preconceito linguístico na sociedade de classes em que vivemos: a variedade das classes dominadas é estigmatizada não só pelos falantes da classe dominante, mas por eles próprios que as compõem. A variação linguística pressupõe um quadro de valoração social, por isto, é tão importante o que se fala quanto quem fala, pois as variantes empregadas por falantes dos estratos sociais mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas e o preconceito cresce na medida em que aumenta a identificação da forma variante com a classe discriminada, todavia, esse quadro muda na proporção em que a variante estigmatizada passa a ser usada por outros grupos sociais, então, o estigma vai diminuindo e chega a desaparecer completamente se tal variante for aceita pela classe dominante³.

Havendo duas ou mais possibilidades de se dizer o mesmo, é natural que uma das formas deixe de existir em um determinado tempo que, inclusive, não se pode prever com exatidão. E aqui se estabelece um conflito entre variantes conservadoras (mais antigas) e variantes inovadoras (mais recentes). Quando se fala em dialeto padrão de uma língua, a variante conservadora costuma gozar de mais prestígio na comunidade, e a variante inovadora é estigmatizada até ser aceita por completo. Assim, no caso do comportamento variável de CV no PB, a variedade inovadora é a – CV e ainda tem encontrado muita resistência junto aos falantes da dita norma padrão dessa língua.

³ Como exemplo disso, temos a preferência pela expressão pronominal ‘a gente’ na posição de sujeito em substituição à forma pronominal ‘nós’ e exercendo a posição de terceira pessoa do singular ‘ele ou ela’. É o caso também do fenômeno aqui estudado, apesar de encontrar ainda bastante resistência da parte de falantes das variedades urbanas de prestígio.

Como a mudança linguística ocorre no entremeio das pressões entre língua e sociedade, as variáveis sociais influenciam na escolha dos falantes por esta ou aquela variante linguística. Entretanto, apenas por meio de pesquisa empírica, é possível verificar se a escolha de uma dada variante se dá através de pressões do próprio sistema linguístico (fatores internos, denominados linguísticos ou estruturais), de pressões sociais (fatores externos, denominados extralinguísticos ou sociais), ou mesmo, por essas duas forças atuando juntas.

Dentre os fatores extralinguísticos ou sociais, os que mais têm recebido destaque são: o estilo de fala, o sexo, a idade, a escolaridade, a profissão, a classe social, a região e a origem do falante. Neste trabalho, investigamos apenas três: a variável sexo, a variável idade e a variável escolaridade.

Para a Sociolinguística, a língua é naturalmente dinâmica, flexível, heterogênea e tem como propriedade intrínseca a ela a variabilidade de formas. Ela ocorre no seio de uma comunidade de fala real por falantes igualmente reais e, justamente por isto, inevitavelmente sofre as pressões sociais externas ao seu sistema, além das internas, o que ocasiona variações e mudanças na língua num dado tempo e espaço. Assim, o aspecto social se apresenta como imprescindível para estudos nessa perspectiva que vê a fala como uma manifestação possível do sistema linguístico e que pode ser sistematizada para estudo.

1.2 A realidade sociolinguística no Brasil: breves incursões

No Brasil, a Teoria Sociolinguística Variacionista aflorou na década de 70 e de lá para cá diversos trabalhos têm contribuído para a descrição e análise de fenômenos linguísticos do PB nesta perspectiva. Um dos fenômenos mais estudados nessa proposta teórica em território nacional, sem dúvida, tem sido o da CV, cujas principais conclusões pertinentes a esse estudo veremos ao decorrer desse trabalho. Para um breve panorama histórico de estudos realizados nessa perspectiva em nosso país, selecionamos alguns autores na tentativa de fazermos um apanhado geral de alguns pontos que consideramos importantes para a nossa

análise pelo fato de trazerem no seu bojo de discussões questões que consideramos de bastante relevância para os estudos em CV no PB, como a delimitação e competição entre variantes da norma dita culta *versus* variantes da norma dita popular da nossa língua.

Rodrigues (1997, p. 39) realiza uma análise sobre “A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco”, na qual diz que os pioneiros nos estudos de caráter sociolinguístico no Brasil foram Lemle & Naro entre os anos de 1974 e 1976 com o objetivo de analisar a concordância do sujeito com o verbo na língua falada por mibralenses do Rio de Janeiro. A partir de então, o fenômeno da CV no PB chamou a atenção de estudiosos brasileiros e estrangeiros que realizaram diversas análises nos moldes da Sociolinguística Variacionista, de Labov.

Para Lucchesi (2001, p. 97), a realidade sociolinguística brasileira é bipolarizada entre uma *norma culta*, definida a partir dos padrões de fala das classes médias e alta da sociedade e uma *norma popular ou vernácula*, resumindo os falares das classes baixas. Segundo o autor, a popularização do ensino público e a explosão dos meios de comunicação de massa que conseguem chegar aos lugares mais longínquos e precários, acabaram consolidando uma tendência no PB, o que o linguista chama de ‘afrouxamento normativo no português culto’. Em outras palavras, ele defende que tem se configurado uma mudança na norma culta da nossa língua fazendo-a caminhar em direção contrária ao padrão prescrito pela gramática normativa. Lucchesi (2001, p. 107) diz que, ao mesmo tempo e pela influência dos mesmos veículos apontados anteriormente: a escola e a mídia, acrescentando-se aí o êxodo rural, o português popular caminha ao encontro dos modelos da norma culta.

Retenção pronominal, ocorrência de sujeitos nulos e ocorrência de objetos nulos, configurariam tais mudanças/ alterações no português culto, para esse autor, ao passo que o fato de falantes mais jovens e alfabetizados de comunidades rurais fazerem mais uso tanto da concordância nominal quanto da verbal, configuraria o processo de mudança no português popular.

Em outro texto de Lucchesi (2006) intitulado *Parâmetros Sociolinguísticos do PB*, extrai-se que o cenário multicultural e multidialetal da nossa sociedade

desautoriza qualquer estudioso da língua a propor afirmações generalizantes sobre a nossa realidade linguística. Como a Teoria Sociolinguística Variacionista propõe, em suma, a análise da dimensão social do fenômeno linguístico, o autor diz que integrar à análise da estrutura linguística do PB a complexidade da história social do Brasil, a violência de suas diferenças econômicas e a riqueza do cruzamento étnico do seu povo constitui o grande desafio teórico da Sociolinguística nesse país. Dessa forma, ele propõe uma análise que tenta recuperar os processos sócio-históricos que determinaram a formação da sociedade brasileira com o objetivo de conhecer melhor a língua ou as línguas que aqui falamos.

Para Varejão (2009, p. 119), há normas cultas e vernáculas em tensão na heterogênea comunidade de fala brasileira. Segundo a autora (2009, p. 128), nas três últimas décadas do século passado, a produção científica brasileira gerou trabalhos que fazem um mapeamento das tendências gerais de mudança e refletem a trajetória da variação em todos os níveis da gramática do PB e em diferentes correntes teóricas. Ela segue dizendo que nesse momento surgiram importantes projetos como o *Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta* (NURC) desenvolvido em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) com o objetivo de descrever o português urbano culto do Brasil, no que se refere a realizações fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais. Varejão (2009, p. 129) acrescenta que, no campo da morfossintaxe e sob os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo, muitos trabalhos foram realizados, inclusive sobre CV.

A autora aponta (2009, p. 130) para o surgimento de estudos em Sociolinguística Variacionista no Brasil, que datariam de 1979, a partir da formação de um grupo interuniversitário sob a orientação do professor Anthony Julius Naro, na UFRJ – que mais tarde seria denominado *Programa de Estudos sobre o uso da Língua* (PEUL), com o objetivo de traçar o perfil da norma urbana considerada inculta no PB. Segundo Varejão (2009, p. 131), atualmente esse grupo atua assessorando outros grupos de pesquisa em todo o país, como por exemplo: *Dialetos Sociais Cearenses*; *Estudos do Bilinguismo e Variação Linguística na Região Sul do País* (VARSUL); *A Língua Falada em Alagoas*; *Projeto de Vitória da Conquista*.

Ainda segundo Varejão (2009, p. 132), nesse patamar de efervescência científica, estudos foram realizados no campo da morfossintaxe que apontaram para uma simetria entre processos variáveis relacionados à concordância: a variação na concordância em verbos portugueses pessoais (Gryner, 1997); a variação do sujeito na escrita informal (Paredes da Silva, 1988); a concordância no sintagma nominal (Scherre, 1988; 1994); (Naro; Scherre, 1993; 1997); *a concordância verbo e sujeito* (Naro; Scherre 1993; 1996; 1997).

No começo da década de 90, eis que surge o *Projeto de Gramática do Português Falado*, organizado pelo professor Ataliba Teixeira de Castilho em conjunto com uma série de outros importantes linguistas do nosso país, a partir do qual foram elaborados 10 volumes intitulados: *Gramática do Português Falado*. Em decorrência das questões abordadas nesses trabalhos, surgiram outros importantes projetos nacionais sobre o PB, o primeiro numa perspectiva histórica, denominado: *Programa Para a História da Língua Portuguesa* (PROPHOR) coordenado pela professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, na Universidade Federal da Bahia (UFBA); o segundo busca investigar, por exemplo, a contribuição de línguas indígenas e africanas para o processo de formação do PB, chamado: *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), cujo coordenador é o professor Ataliba Teixeira de Castilho, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esta autora salienta ainda a relevância de outro projeto, também desenvolvido na UFBA, e coordenado pelos professores Lucchesi & Baxter cujo título é *Projeto de Dialectos Crioulos em comunidades afro-brasileiras* que trabalha com conceitos como criouliização e descriouliização do PB.

1.3 O fenômeno variável da Concordância Verbal no PB

A CV é tradicionalmente entendida como a solidariedade entre sujeito e verbo numa mesma sentença de forma que o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito para situá-lo no tempo.

Linguisticamente, a concordância é a conformidade morfológica entre uma classe (o verbo) e seu escopo (o sujeito) que implica na redundância de formas, isto é, se houver marcação de plural no sujeito, haverá marcação de plural no verbo (CASTILHO, 2010), como podemos ver em:

7. “Os homens trabalham na usina Serra Grande” [JIBN, l. 137, p. 70]

Conforme este autor (2010, p. 412), a sentença é assimétrica com relação à concordância e no PB o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito e não concorda com os argumentos internos nem com os adjuntos. Daí então é que se dá a assimetria da sentença (concordância com o sujeito, expresso no caso reto, não concordância com os complementos, expressos no caso oblíquo). Vejamos o exemplo:

8. “As terra nunca foi disputada por ninguém né” [ANS, l. 38, p. 28]

Acima, o SN-sujeito é expresso na terceira pessoa do plural do caso reto “eles ou elas” (os pais) e o verbo da sentença *doar* estabelece concordância com ele (doam), mas não concorda com o complemento (esses pedaço).

Segundo Castilho (2010, p. 412-413), a sintaxe de CV do PB está sujeita a regras variáveis que dependem de um conjunto de fatores que ele enumera como:

- a) *Saliência morfológica*, ou seja, com verbo rico na marcação de pessoa a concordância pode ocorrer pela distância entre a forma singular do verbo e a sua forma plural, como em “E os *oto* foro” (foi, foram), [JIBN, l. 139, p. 70]⁴, e a ausência de concordância se deve

⁴ Este e todos os outros exemplos utilizados foram retirados do *corpus* analisado nesta pesquisa.

à proximidade mórfica entre a forma singular e a forma plural do mesmo verbo, como em “Agora tenho *uns menino* que istuda na rua” (estuda, estudam), [AJPS, l. 18, p. 72];

- b) *Proximidade ou distância entre o verbo e o sujeito* também pode influenciar o comportamento sintático de CV, pois verbo localizado adjacente ao sujeito favorece a + CV, como vemos em “Aí *os minino* foro inté mais eles pa amostrá os rumo né”, [LN, l. 528-529, p. 88]”;
- c) *Posição do SN-sujeito na sentença* pode favorecer ou inibir a aplicação da regra variável de CV, nesse caso, o sujeito anteposto oferece maior possibilidade de ocorrência de + CV, como na sentença “E agora *os pais* tão entrano no Brasil alfabetizado”, [MNS, l. 343-344, p. 61];
- d) *Paralelismo linguístico*, isto é, a presença de marca de plural precedente ao verbo favorece a concordância, como verificamos em “Então esses mininos ficavam tudo no mêi da rua sem tê o que fazê”, [MNS, l. 143, p. 55], ao passo que a ausência de marcas de plural precedente ao verbo inibe-a, como em “E **os mái véio** cota cana [MNC, l. 47, p. 10]”;
- e) *Nível sociocultural dos falantes*, nesse caso, tem se verificado que as classes socioculturais mais elevadas utilizam mais regras de CV que as classes mais baixas, nos dados de Muquém, das 711 sentenças analisadas, 54% aplicam a regra variável de CV contra 46% que não aplicam, resultado que parece bastante balanceado quando levamos em conta o nível sociocultural dos falantes, já que se trata de uma mostra de dados de fala de pessoas em sua maior parte com pouca ou nenhuma escolarização e que habitam numa comunidade rural.

Segundo Perini (2010, p. 277), a CV no PB culto falado em todo o país apresenta alguns pontos convergentes:

1. As formas de segunda pessoa gramatical (tu e vós) não se usam mais, a primeira tem sido historicamente eliminada e ocorre geralmente com forma verbal de terceira pessoa (tu vai), já a segunda deixou de ser usada há tempos até mesmo em textos escritos com alto grau de monitoramento nos dados de Muquém que aqui analisamos, não há ocorrência dessas pessoas gramaticais;
2. A diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural tende a desaparecer, ou seja, são muito familiares para qualquer falante nativo do PB sentenças como “os meninos foram jogar bola” e “os menino foi jogar bola” nos dados de Muquém, percebemos que essa é uma realidade bastante presente, como exemplo, vejamos as sentenças que seguem: “as mulheres tem direito de iscolhê” [MCNS, l. 162, p. 8] e “se meus pais contava”, [MCNS, l. 185, p. 8];
3. Há uma tendência para se observar a concordância quando o sujeito é anteposto ao verbo no *corpus* estudado nesta pesquisa, por exemplo, das 711 sentenças analisadas, 659 apresentam sujeito anteposto ao verbo, dentre as quais, 54,6% apresentam marcas de + CV;
4. A primeira pessoa do plural “nós” em posição de sujeito é largamente substituída pela expressão pronominal “a gente”; nos dados que analisamos, esta última ocorre 146 vezes na posição de sujeito, enquanto a primeira ocorre apenas 60 vezes, porém é interessante ressaltarmos que a expressão ‘a gente’ ocorre abundantemente na terceira pessoa do singular e não na primeira pessoa do plural, como enfatiza Perini (2010, p. 273).

Para ampliarmos a reflexão sobre o assunto, vejamos o que dizem outros autores. Lucchesi (2006, p. 94) afirma, assim como Perini (2010, p. 277), que a indicação da pessoa do sujeito na morfologia verbal no PB vem sofrendo profundas alterações em um processo complexo que reúne um conjunto de mudanças linguísticas independentes e provavelmente de naturezas distintas, isto em função das diferentes correlações sociolinguísticas subjacentes a cada uma dessas

mudanças, nas palavras do autor. O linguista (2006, p. 94) segue apresentando possíveis fatores responsáveis por tais mudanças, como por exemplo: a) as alterações que vêm ocorrendo ao longo do tempo no seio dos pronomes pessoais na posição de sujeito do PB, como é o caso da *substituição do 'vós' e do 'tu' por 'vocês' e 'você'*, respectivamente (processo de mudança ou de substituição), bem como, b) a *substituição do pronome 'nós' pela gramaticalização da expressão nominal 'a gente'* e c) o *enfraquecimento fonético do segmento nasal final* (Eles trabalha por Eles trabalhaM) que, apesar de largamente utilizado em território nacional pelos falantes da norma popular da língua, ainda não ganhou a competição na luta contra a variante utilizada pelos falantes da norma dita culta da língua (Eles trabalham). Dessa forma, embora esse enfraquecimento fonético tenha se instaurado como mudança linguística na norma vernácula, não conseguiu ganhar espaço e gozar de prestígio entre os falantes da norma padrão do PB, conforme o mesmo autor (2006, p. 96-100).

Em sua análise, Lucchesi (2006) faz uma divisão didática entre a variação na CV do PB culto falado, que foram as que explicitamos acima, e a variação na CV das variedades populares do PB falado, nesse contexto, o linguista cita como fator principal *a redução da morfologia flexional do nome e do verbo* a despeito do que ocorre em línguas crioulas e, para tanto, o autor recorre ao processo de “transmissão linguística irregular” desencadeado pelo contato entre línguas como argumento teórico para defender o seu ponto de vista – conceito este que não nos cabe aprofundar neste trabalho. Em suma, vimos que o que Lucchesi (2006) apresenta é consonante com o que os outros dois autores anteriormente citados, Castilho (2010) e Perini (2010), argumentam em suas gramáticas do PB.

Outra autora que traz algumas considerações relevantes sobre o assunto é Moura (2001, p. 69) numa análise comparativa bastante interessante sobre a concordância do sujeito com o verbo no PB e no Francês Contemporâneo (FC) falado. Essa análise foi feita sob a perspectiva da sintaxe comparativa, com o intuito de investigar se a ausência de marcas na morfologia lexical é capaz de conduzir à ausência de marcas na sintaxe. Para essa autora, a CV também é considerada como uma regra variável mesmo quando se trata da norma dita culta da língua.

Nesta análise, Moura (2001, p. 70-71) aborda três grupos de fatores, especificamente: a) *sujeito anteposto ao verbo*; b) *sujeito posposto*; e c) *sujeito distante do verbo*, os quais apresentam os seguintes resultados em PB e em FC:

- i. Na modalidade oral dessas línguas, há uma tendência para construções canônicas do tipo SVO, fato que também observamos nos dados de fala de Muquém;
- ii. A ausência ou a presença de marca de número no item lexical mais próximo ao verbo pode influenciar a concordância do sujeito com o verbo, ou seja, ‘marcas levam a marcas’ e ‘zeros levam a zeros’ – ou Paralelismo Formal; valendo referir que não contemplamos tal aspecto em nossa análise;
- iii. O sujeito depois do verbo favorece a ausência de concordância, este fator parece de pouca relevância nos dados de Muquém, uma vez que a porcentagem para a aplicação de + CV quando o sujeito é posposto é de 48,1% bem próxima do índice de aplicação de - CV que é de 51,9% e, apenas no caso do PB, a distância do sujeito em relação ao verbo também influencia a aplicação da regra de CV; em nossa análise, a presença de elementos intervenientes entre sujeito e verbo parece mesmo desfavorecer a aplicação de + CV com 53,7% de ocorrências de - CV, porém a diferença como podemos ver não é alarmante, já que 46,3% das sentenças analisadas apresentam a aplicação da regra de CV.

Para concluirmos, a pesquisadora acrescenta que a ausência de marcas na morfologia flexional pode levar à ausência de marcas na sintaxe das línguas analisadas ou, dito de outro modo, ela defende que “diferenças morfológicas podem conduzir a variações sintáticas”.

Em sua dissertação de mestrado, Santos (2010, p. 36) faz um estudo sobre “A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió”, no qual diz que as pesquisas feitas sobre concordância do

sujeito com o verbo no PB em Sociolinguística Variacionista encontram subsídio pelo fato de a gama de regras prescritivas estabelecidas pela Gramática Tradicional (GT) não serem aplicadas nem na fala nem na escrita dos falantes mesmo em situações de alto nível de monitoramento e por falantes das variedades urbanas de prestígio. Por esse motivo, a autora segue dizendo que estudos sobre CV no PB nessa perspectiva teórica vêm crescendo e demonstrando que a regra do comportamento sintático de concordância é variável e que essa variabilidade é influenciada tanto por fatores condicionantes linguísticos quanto extralinguísticos.

Como o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística, ela analisa a língua dentro de comunidades de fala, assim como o contato linguístico e sociocultural entre comunidades de fala distintas que leva os falantes dessas comunidades a alterarem o seu repertório linguístico, modificando-o algumas vezes, surgindo daí o processo de variação.

Ainda nesse trabalho, Santos (2010), toma como variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas: a) *posição do sujeito*, b) *número de elementos entre o sujeito e o verbo*, c) *número-pessoa*, d) *escolaridade*, e) *tempo de permanência na entidade filantrópica* e f) *a localidade que o colaborador residia antes*. Em sua análise, ela constatou que as variáveis que se demonstraram significativas no processo de variação entre presença e ausência de marcas de CV com relação à sua aplicação foram:

- I. *A relação número-pessoa* (1ª pessoa do singular “eu” com peso relativo de **.97** favorável à aplicação da regra de CV);
- II. *A ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo* (a ausência de elementos entre o sujeito e o verbo se demonstrou relevante pelo programa matemático e computacional utilizado para a aplicação da CV, com peso relativo de **.60**);
- III. *O tempo de permanência na entidade filantrópica* (o fator: mais de cinco anos de permanência na entidade filantrópica é significativo

ao apresentar peso relativo de **.64** com relação à aplicação da regra variável de CV);

- IV. *A posição do sujeito em relação ao verbo* (o sujeito antes do verbo na sentença favorece a aplicação da regra de concordância com peso relativo apontado pelo programa de **.52**);
- V. *A escolaridade* (os falantes que estão no final do ciclo do ensino fundamental, ao contrário daqueles que o estão iniciando, utilizam mais CV, com peso relativo dado pelo programa de **.56**).

Mesmo em se tratando de uma análise linguística a partir de dados escritos, logo mais adiante, no terceiro capítulo deste trabalho, faremos uma ponte entre alguns dos resultados gerais do trabalho de Santos (2010) acima descritos, ou seja, aqueles que nos interessam nesta análise e os resultados aqui encontrados – já que ambos os estudos tratam de variedades linguísticas do PB de Alagoas.

Silva (2005) em sua tese de doutoramento intitulada de “A concordância verbal de terceira pessoa do plural no Português Popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia” faz uma análise que agrupa alguns grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, dentre os quais citaremos apenas aqueles que favorecem a aplicação da regra variável de CV do PB e que consideramos relevantes para este trabalho, como: a) *Sujeito Anteposto* (com peso relativo de **.54**); b) *Sexo Masculino* (com peso relativo de **.57**); c) *Faixa Etária* (dentre as três faixas destacadas [FI: de 20 a 40 anos, FII: de 41 a 60 anos e FIII: de 61 anos em diante] aquelas que mais favorecem a aplicação da regra de CV são as duas primeiras num empate técnico de peso relativo de **.54**); d) com relação ao *Nível de Escolaridade*, o autor seleciona duas categorias: escolarização precária e analfabetismo, dentre elas, a que se demonstrou mais favorável à aplicação da regra de CV foi a primeira, com peso relativo de **.58**. Esse quadro panorâmico levantado por Silva (2005) se assemelha bastante ao que encontramos nos dados de Muquém exceto pela predominância do sexo masculino à aplicação da regra de CV.

Oliveira (2005) também apresenta um estudo sobre a CV de terceira pessoa do plural na cidade de Vitória da Conquista com o objetivo de responder a um

questionamento bastante pertinente: tratar-se-ia de uma variação estável ou de uma mudança em progresso? Diante da análise de 3200 sentenças submetidas à quantificação pelo programa VARBRUL, a autora se depara com 1639 casos que apresentam a aplicação da regra de CV, o que corresponde a 51% do total analisado e com 1561 sentenças que não aplicam a regra de CV, o que representa 49% dos casos – e que, para ela, indica uma situação de *variação estável* na comunidade estudada.

Dentre os grupos de fatores que a autora seleciona para compor a sua análise, selecionamos apenas aqueles que consideramos relevantes para os interesses deste trabalho e que, segundo o programa estatístico e computacional utilizado, se demonstraram relevantes para a investigação feita: a) *sujeito anteposto presente na pergunta do entrevistador com estímulo para a concordância* apresentou peso relativo (PR) de **0.71** e *sem estímulo para concordância* apresentou PR de **0.79**, ambos são os que mais favorecem a não aplicação da regra variável de CV; b) quanto à constituição do sujeito, ficou clara a relevância do *SN-sujeito simples ou composto formado por substantivo, acompanhado ou não por determinante* com PR de **0.77** e *SN-sujeito formado por pronome indefinido* com PR de **0.69** para a não aplicação da regra de CV; c) grau de escolaridade selecionou o *nível fundamental*, dentre o médio e o universitário, como aquele que mais pesa com relação à não aplicação da regra de CV com PR de **0.67**; d) a *terceira faixa etária* (de 50 anos em diante) influencia a não marcação de CV com PR de **0.60**; e) o *sexo masculino* é aquele que mais favorece a não aplicação da regra de CV pelos falantes com PR de **0.53**. O interessante dessa análise em relação ao estudo que desenvolvemos aqui é o fato do sujeito anteposto desfavorecer ou inibir a aplicação de + CV, pois, como temos acompanhado na leitura dos resultados dos trabalhos anteriores a este, o fator sujeito anteposto favorece a aplicação de + CV.

Gonçalves (2007) realiza um estudo sobre a ausência de CV no Vale do Rio Doce em Minas Gerais diante da qual se extrai que *sujeito posposto* (PR 0.79); *falantes que procedem da zona rural* (PR 0.62); *falantes com até quatro anos de escolarização* (PR 0.67); e *falantes do sexo masculino* (PR 0.52) são fatores que mais favorecem a não aplicação da regra de CV nessa comunidade. Estes resultados se mostram consonantes com os estudos que vêm sendo feitos sobre o

comportamento variável de CV em variedades do PB falado, como temos visto até então.

Silva (2008) desenvolveu um trabalho sobre a CV contemplando aspectos como: norma, variação e ensino. Esse trabalho foi feito a partir da modalidade escrita do PB, por meio da observação e análise de redações escolares de alunos do nono ano do Fundamental II e da segunda série do Ensino Médio de uma escola pública tradicional de Niterói, localizada em bairro de classe media alta, na área urbana e central do município, mas que atende a alunos de diversos bairros da cidade e municípios adjacentes, como São Gonçalo e Itaboraí. Dessa forma, o nível socioeconômico dos informantes apresenta certa heterogeneidade. Apostando na influência da educação institucionalizada sobre a aquisição de estilos formais monitorados pelos alunos, a autora realiza uma pesquisa que procura identificar os contextos de solidariedade entre sujeito e verbo mais frequentemente empregados nos textos dos alunos; detectar quantitativamente a realização de concordância X não-concordância e detectar os fatores intervenientes na realização dessa regra variável.

Analisando *tipo* (simples e composto) e *posição do sujeito em relação ao verbo na sentença* e *tipos de verbo* em ambas as séries, a autora conclui que os alunos não apresentam dificuldades em utilizar a aplicação da regra de CV como propõe a norma culta do PB. Segundo a autora, isto nos leva a reconhecer a importância da atuação da escola no que se refere à aplicação da regra de CV no sentido de que ela parece estar cumprindo o seu “dever” de assegurar aos alunos o acesso e o domínio da norma dita padrão do PB, preparando-os para situações sociocomunicativas reais em que será cobrado deles um maior conhecimento e domínio da norma culta da língua em sua modalidade falada ou escrita. Talvez não só a intervenção da educação institucionalizada seja responsável por uma maior aplicabilidade da regra de + CV, mas também a ampliação do acesso a textos de diversos gêneros textuais orais ou escritos. Trata-se apenas de uma observação que julgamos cabível nesse momento. E com relação aos dados de Muquém, o que eles revelam sobre a influência do fator escolaridade na aplicação ou não aplicação da regra variável de CV? Veremos no terceiro capítulo deste estudo.

Em sua análise, Rodrigues (1997, p. 76-77) apresenta argumentos que considera determinantes no que se refere ao comportamento variável de CV no PB, como: a) *sujeito anteposto ao verbo* favorece a ocorrência da CV; b) o *aspecto morfofonêmico do verbo* favorece a aplicação da CV, ou seja, a oposição singular/plural das formas verbais favorece a ocorrência de concordância (saliência fônica); c) *sujeito oculto* favorece a ocorrência de CV; d) *mulheres tendem a usar mais a CV do que os homens*; e) *os falantes com maior nível de escolarização* e f) *contexto situacional mais formal* favorecem a ocorrência de CV. De acordo com o peso relativo dado pelo programa VARBRUL, os fatores que se demonstraram relevantes nessa investigação foram: sujeito imediatamente anteposto ao verbo (PR de **.58**); saliência fônica (*fez/fizeram, quis/quiseram*) com peso relativo de **.87**; SN-sujeito constituído de pronome pessoal de terceira pessoa do plural “eles/elas” é o que mais favorece a aplicação da regra de CV com PR de **.65**; sexo feminino com PR de **.53**; falantes de 6º ao 9º ano fazem mais uso da CV do que falantes de 1º ao 5º ano, com peso relativo de **.66** – o que aponta a importância da escolarização para a aplicação dessa regra. Quanto ao fator grau de formalidade, a autora diz que esse aspecto não se demonstrou sistemático para a sua análise, uma vez que os falantes entrevistados utilizaram o mesmo nível de informalidade do início ao fim da entrevista.

Nesta pesquisa, discordamos de Rodrigues (1997) no que se refere ao fator ‘sujeito oculto’ como sendo favorável à aplicação da variante padrão de CV no PB, pois consideramos que ele nem deveria ser levado à análise – uma vez que sujeitos ocultos não podem ser recuperados pelo verbo e, dessa forma, não se pode dizer que há uma relação de solidariedade entre sujeito e verbo própria do fenômeno em estudo.

Diante desse quadro de observações, descrições e análises sobre o fenômeno de CV do PB sob o suporte teórico-metodológico da Teoria Sociolinguística Variacionista no panorama da diversidade linguística brasileira, assumimos algumas posições em relação ao assunto. O padrão de CV do PB é comprovadamente variável, influenciado por fatores de ordem estrutural e social, dentre os quais aqueles que mais pesam sobre as preferências dos falantes de acordo com a aplicação da CV são: *sujeito anteposto ao verbo na sentença*; *tipo ou natureza do SN-sujeito*; as primeiras *faixas etárias*, ou seja, os falantes mais jovens;

sexo feminino e escolaridade elevada, isto é, quanto maior o nível de escolaridade maior a probabilidade de aplicar a regra de CV. Com relação à Muquém, veremos o que ocorre nos dados analisados no terceiro capítulo deste trabalho.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, expomos o caminho que percorremos para a execução desta pesquisa de acordo com os moldes da Teoria Sociolinguística Varicionista, de William Labov (2008 [1972]). Assim, discorremos sobre como se deu a constituição do *corpus* que serve de base para esta análise; descrevemos a comunidade de fala; explicitamos como e quando ocorreu a coleta de dados; quais os critérios e procedimentos para a transcrição dos dados, como foi feita a codificação e a quantificação dos dados, apresentamos a variável dependente estudada e as variáveis independentes e, por fim, explicitamos quais as hipóteses e os objetivos deste trabalho.

2.1 A metodologia da pesquisa sociolinguística

Para se realizar uma pesquisa em Sociolinguística Variacionista, o linguista deve ter em mente que a heterogeneidade linguística manifestada na fala pode ser observada por meio de pesquisa empírica. Segundo Tarallo (1986, p 10-11), para a sistematização de uma pesquisa sociolinguística deve-se realizar: a) o levantamento exaustivo de dados de língua falada; b) a descrição detalhada da variável e perfil completo das variantes que a constituem; c) a análise dos possíveis fatores condicionantes linguísticos e extralinguísticos; d) o encaixamento da variável no sistema linguístico social da comunidade (nível linguístico e social da comunidade em que a variável pode ser colocada); e e) a projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade (variação ou mudança). Assim, neste capítulo, especificamos como se deu a constituição do *corpus*; a descrição da comunidade de fala; a coleta, a transcrição e a quantificação dos dados; a variável dependente e as variáveis independentes. Além disso, apresentamos as hipóteses e os objetivos que norteiam este trabalho.

2.2 Constituição do *corpus*

Na investigação sociolinguística, o pesquisador que não dispuser de um *corpus* já existente e disponível para sua pesquisa, deverá coletar dados de fala após ter estabelecido um plano de entrevistas direcionado tanto para obter o maior número possível de realizações do fenômeno que se está estudando quanto para levar o falante a uma fala o mais espontânea possível, evitando-se o paradoxo do observador, explicitado anteriormente. Para tanto, o linguista pode tomar posse de métodos bastante diversificados: aplicação de questionário, perguntas relativas a juízo de valor, leitura de palavras ou texto, entrevistas rápidas e anônimas, narrativa pessoal, coleta de dados sistemáticos de programas de rádio, televisão (em casos de entrevistas, palestras ou debates); consulta a redes sociais a fim de se verificar o comportamento linguístico dos internautas face ao uso do fenômeno estudado; consultar sites, blogs onde o observador tenha acesso a textos formais escritos dos mais variados gêneros conforme as suas necessidades de análise, etc.

Para realizar a pesquisa de campo, o pesquisador deve delimitar a amostra de forma que ela seja de fato representativa da comunidade de fala que se pretende estudar. Para saber qual o tipo de amostragem adequada para os propósitos de sua pesquisa, o pesquisador deve ter em mente o seu campo de estudo, assim como os objetivos da análise que será feita. Uma das formas de coletar os dados é através da amostragem aleatória, na qual o linguista escolhe seus informantes casualmente e cada habitante da comunidade de fala a ser pesquisada tem exatamente a mesma chance de ser selecionado. Esse método, dependendo dos objetivos da análise que se pretende fazer, pode apresentar problemas com relação aos grupos de fatores extralinguísticos a serem estudados, como por exemplo, origem do falante, escolaridade, profissão, idade, sexo, etc. Desse modo, quando o linguista tem seus grupos de fatores extralinguísticos pré-determinados, os falantes que compuserem a sua amostragem devem representar as categorias adotadas.

O tamanho da amostra representativa pode variar de acordo com o fenômeno que se pretende estudar, porém, deve sempre levar em conta o tipo de variável a ser

descrita e analisada, bem como o número de categorias ou células a serem contempladas na investigação.

Fazer opção por uma comunidade de quilombo para realizar um estudo linguístico como este, faz-se interessante porque traz em seu bojo implicações científicas e políticas muito fortes. No primeiro caso, no que concerne a questões linguísticas, podemos dizer que ainda há muito a se desvendar por meio de pesquisas como esta e os resultados de investigações feitas a esse respeito podem dizer muito sobre a identidade linguística desse país, nesse sentido, é importante indagarmos até que ponto o contato do PB, que teve sua origem no português europeu vulgar, com as línguas africanas que adentraram em território nacional por meio do tráfico de africanos escravizados, como por exemplo, o quicongo, o quimbundo e o umbundo, influenciaram ou contribuíram com o processo de formação da nossa língua; no segundo caso, acreditamos que os impactos sociais e políticos que tais investigações podem causar são imensuráveis não só para os afrodescendentes, mas também para a sociedade brasileira como um todo, uma vez que entra em questão o modo como os falantes reconhecem e se relacionam com a sua própria língua, no caso o PB, o que inclusive pode gerar tanto sentimentos de culpabilidade e inferioridade quanto de superioridade linguística. É nessa relação, muitas vezes conflituosa entre ciência e sociedade, que se situa qualquer fazer científico, sobretudo, quando se trata de grupos sociais marginalizados.

Segundo Albuquerque e Filho (2006, p. 120), quilombos, palenques, maroons são denominações diferentes para o mesmo fenômeno nas diversas sociedades escravistas nas Américas: grupos organizados de negros fugidos. No Brasil esses agrupamentos também eram chamados de mocambos. Em todo o país, muitos negros se refugiaram em pequenos grupos ao redor de engenhos, fazendas, cidades e vilas, lugares estes que eram conhecidos por seus senhores.

O mais importante agrupamento de negros dessa natureza foi *Palmares*, século XVI e XVII, localizado na Serra da Barriga, região que se estendia do rio São Francisco, em Alagoas, até as vizinhanças do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, um lugar isolado por mata fechada, acidentado e de difícil acesso; constituído essencialmente de negros, mas também havia índios e brancos; politicamente organizado e autossustentável. Este foi o mais importante quilombo das Américas, foram 65 anos de combates e resistência à sociedade escravista da

época, mas que teve seu fim em 20 de novembro de 1695, com a captura e morte do seu líder Zumbi.

Porém o fenômeno do quilombismo, como diz Albuquerque e Filho (2006, p. 125), não parou por aí. Com a descoberta do ouro em Minas Gerais, no final do século XVII, houve a necessidade de uma grande demanda de escravos que, assim como antes, foi se rebelando e construindo novos quilombos.

Atualmente, as comunidades de quilombo são definidas como grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana e que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e as práticas culturais próprias. Estima-se que, em todo o país, existam mais de três mil comunidades quilombolas⁵.

Desde o Decreto nº 4.887, em 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes dos quilombos de que trata o artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, comunidades quilombolas em todo o país vêm sendo reconhecidas como tal e recebendo assistência governamental em forma de políticas públicas⁶.

Tal reconhecimento se dá pela autoidentificação da própria comunidade, de acordo com o artigo 2º do Decreto 4887/2003, “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”⁷.

Em 12 de março de 2004, o Governo Federal lançou o Programa Brasil Quilombola (PBQ) como uma política de Estado para as áreas remanescentes de quilombos. O PBQ abrange um conjunto de ações inseridas nos diversos órgãos governamentais, com suas respectivas previsões de recursos, bem como as responsabilidades de cada órgão e prazos de execução. Dessas ações, a política de

⁵ Isto segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no endereço eletrônico: <http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas>.

⁶ Disponível em <http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas>.

⁷ Disponível em <http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas>.

regularização é atribuição do INCRA, mas cabe à Fundação Cultural Palmares emitir uma certidão sobre essa autodefinição⁸.

Segundo o Centro Pró-Índio de São Paulo (CPISP), há comunidades quilombolas em pelo menos 24 estados brasileiros, são eles: Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins⁹.

Somente no estado de Alagoas, conforme o Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas (ITERAL), já foram reconhecidas 65 comunidades quilombolas, dentre elas a comunidade quilombola Muquém – alvo desta pesquisa¹⁰.

Neste trabalho, elegemos a comunidade quilombola Muquém como alvo de nossa investigação porque desejamos conhecer, descrever e analisar o comportamento variável da regra de CV de falantes dessa comunidade com o intuito de contribuirmos para a crescente literatura sobre a língua falada por afrodescendentes que vem sendo desenvolvida neste país, no sentido de reforçar o reconhecimento da relevância desse povo para a nossa história, cultura e sociedade, bem como para o processo de formação da nossa língua, pois acreditamos que, para irmos mais longe e caminhararmos lado a lado com o desenvolvimento e o progresso, precisamos conhecer e respeitar as nossas origens.

A comunidade quilombola Muquém dista 4 km da zona urbana de União dos Palmares e está localizada aos pés da Serra da Barriga, à margem esquerda do rio Mundaú, na rodovia que dá acesso ao município circunvizinho de Santana do Mundaú, limitando-se ao norte com as fazendas Mundaú e Barro Branco, ao sul, com a fazenda Sementeira; ao leste, com a fazenda Jurema, e ao oeste, com a fazenda Lavagem.

⁸ Retirado do sítio <http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas>.

⁹ Disponível em http://www.cpis.org.br/comunidades/html/i_brasil.html.

¹⁰ Encontrado no sítio <http://www.iteral.al.gov.br/comunidades-quilombolas-de-alagoas/comunidades-quilombolas-de-alagoas>.

Muquém é a única comunidade negra do estado de Alagoas reconhecida como remanescente do Quilombo dos Palmares, desde 2005. Trata-se de uma comunidade rural constituída em sua essência de afrodescendentes e que apresenta difícil acesso em tempos de chuva.

Neste trabalho utilizamos 12 das 14 entrevistas do *corpus* de Salgado e Santos disponível no livro de Moura (2009) e na internet por meio do endereço eletrônico <http://www.fale.ufal.br/projeto/prelin/bancodedados.php>. Este recorte foi necessário para viabilizar a constituição das células (categorias sociais) adotadas: *sexo* (feminino e masculino) e *idade* (dividida em três faixas, a saber: Faixa I, de 15 a 30 anos; Faixa II, de 31 a 50 anos; e Faixa III, de 51 anos em diante. Sendo assim, os colaboradores identificados no *corpus* como F5 e F6 ficaram de fora desta investigação: a) o primeiro foi sublimado para que fosse possível equiparar a quantidade de informantes do sexo masculino, 6 informantes, à quantidade de informantes do sexo feminino, 6 informantes e, após uma análise prévia dos dados dessa entrevista, ela foi considerada como pouco satisfatória em relação às outras pelo fato de apresentar o menor número de dados para esta análise; b) o segundo não foi selecionado por ser morador da zona urbana de União dos Palmares e não da comunidade, além disso, seu nível sociocultural difere muito do dos outros informantes, já que ele é o único entrevistado com nível superior, realiza trabalhos investigativos sobre a história do município como historiador, é filho de uma das famílias mais antigas e tradicionais da cidade responsável, inclusive, pela sua formação sócio-histórica, e é um empresário do ramo alimentício da classe média local, e só foi selecionado para fazer parte desse *corpus* por deter bastante conhecimento histórico e sociocultural do município.

Não foi possível enquadrarmos a variável social *escolaridade* nesta pesquisa quantitativa pelo fato de ela não se apresentar de forma sistemática na composição das células. Caso fosse seria necessário preencher a sequência matemática: $2 \times 3 \times 3 = 18$, que equivaleria, respectivamente, a sexo: masculino e feminino; três faixas etárias que correspondessem à fase jovial, adulta e idosa, como delimitado no parágrafo anterior; e três níveis de escolaridade: de Inexistente à Mínima; Fundamental I a II completo ou cursando; e Ensino Médio completo ou cursando; sendo aconselhável, portanto, um total de no mínimo 18 informantes, contando-se com 2 informantes para cada célula. Dessa forma, a maneira que encontramos de

dar conta desse grupo de fatores que consideramos relevante para essa análise foi realizar uma pesquisa qualitativa paralela. A seguir, no capítulo de descrição e análise dos dados, veremos detalhadamente como se deu essa investigação.

Ainda com relação à variável escolaridade e com base na constituição da amostra da Comunidade Quilombola Muquém, verificamos que a média de informantes com escolaridade de Inexistente à Mínima por sexo encontra-se equiparada: 3 x 3; o número de informantes com Fundamental II completo ou cursando é de 3 informantes, sendo 2 do sexo masculino e 1 do sexo feminino; e o número de informantes com nível Médio completo ou cursando é de 3 pessoas, 2 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Diante desse quadro, é possível percebermos que o nível de escolarização representado na amostragem é bastante precário oscilando de Inexistente/ Mínima à Educação Básica em curso. Importante salientarmos também que uma das mulheres que possui o Ensino Médio completo é também a professora da escola comunitária – o que parece representar uma prática comum na comunidade. Com relação a todas as variáveis discutidas até aqui, sexo, idade e escolaridade, podemos dizer que essa amostra é composta basicamente por pessoas adultas e com escolarização mínima ou inexistente ou em processo de escolarização básica.

Na época da constituição desse *corpus*, os informantes foram selecionados obedecendo-se aos critérios: a) *conhecimento histórico e sociocultural da comunidade* (nesse aspecto demos preferência a falantes apontados pelos próprios moradores de Muquém como os que detinham maiores informações sobre a comunidade) e b) *idade* (os mais velhos foram selecionados por se supor que eles teriam mais conhecimento sobre a comunidade e os mais novos, para fazer o contraponto entre ambos e observarmos se a memória de seus antepassados continuava viva entre eles).

Levando-se em consideração o objetivo central da composição do *corpus* disponível em Moura (2009) – que foi o de realizar um resgate sócio-histórico e cultural de Muquém na tentativa de conhecer e documentar a sua história a partir do relato de seus próprios moradores, ponderamos que o preenchimento da equação matemática $2 \times 3 = 6$, num conjunto de 2 informantes por célula se configura como uma amostra representativa dessa comunidade de fala, já que Muquém é uma comunidade rural constituída de pouco mais de 500 pessoas que apresentam uma

certa homogeneidade quanto ao nível sociocultural. Vejamos a ilustração abaixo para compreendermos melhor como se deu a composição dessas células:

Figura 1 - Composição das células

Sexo	Idade	Quantidade de informantes célula	de Total de informantes amostra
I - Masculino	Faixa I	2 informantes	
II - Masculino	Faixa II	2 informantes	
III - Masculino	Faixa III	2 informantes	
I - Feminino	Faixa I	2 informantes	
II - Feminino	Faixa II	2 informantes	
III - Feminino	Faixa III	2 informantes	
			12 informantes

Fonte: Autora, 2013.

2.3 Descrição da comunidade de fala

Por motivo de organização, dividimos esta seção em três períodos de tempo: a) 2009, por ocasião da pesquisa de campo realizada pelo núcleo alagoano do PHPB coordenado regionalmente pela Prof^a. Dr^a. Denilda Moura e que deu origem ao *corpus* utilizado nesta análise; b) 2010, quando visitamos a comunidade após a enchente que assolou a região, conversamos informalmente com alguns moradores sobre a tragédia e registramos os estragos realizados pelas águas em fotografias; e c) de 2011 até os dias de hoje, quando participamos de uma gincana cultural organizada por uma das atuais associações da própria comunidade, na qual

coletamos outras informações relevantes sobre aspectos históricos e socioculturais desse povo.

2.3.1 A incursão histórica de 2009

Entre os meses de abril a junho de 2009, participei como pesquisadora bolsista-colaboradora do projeto *O Conhecimento linguístico e sociocultural da comunidade quilombola Muquém, União dos Palmares – Alagoas* no qual colaborei com a coleta de depoimentos que deram origem às informações que se seguem sobre a comunidade.

Partindo da experiência vivida, foi a minha segunda incursão na comunidade quilombola Muquém porque a primeira ocorreu em setembro de 2004 quando realizei uma pesquisa de campo para a constituição do *corpus* que utilizei em meu trabalho de conclusão de curso (TCC) em Letras pela FALE/ UFAL. Como nesse primeiro momento eu não fiz muitas visitas à comunidade e realizei a maior parte das entrevistas entre os arredores e alpendres das casas dos moradores, não consegui criar muitos vínculos com eles; dessa forma, deixei de capturar pelo olhar e pelo ouvir muitos detalhes importantes sobre o cotidiano dessas pessoas.

Uma segunda vez na comunidade e não iria repetir as falhas cometidas na primeira pela falta de experiência como pesquisadora, então me empenhei o máximo que pude para de fato conhecer esses afrodescendentes. Neste momento a impressão que eu tive foi a de adentrar em um sítio, como muitos outros que conheço da região e estar diante de pessoas que em muito pouco lembram os camponeses “matutos” ou “jecas” que imaginamos ao pensar no ambiente rural, isto porque a despeito das muitas precariedades enfrentadas por esse povo, eu percebi a presença de alguns recursos tecnológicos considerados como mais típicos da vida urbana, como: 70% das casas são de alvenaria e têm energia, água encanada, móveis, televisão, rádio, antenas parabólicas e outros; além de alguns moradores possuírem até mesmo motocicletas e telefones celulares. É claro que isto lança por terra a possibilidade de pensarmos em Muquém como uma comunidade isolada.

Segundo os relatos coletados nessa época, a comunidade existe há mais de 100 anos (150 ou 200 aproximadamente), o que nos remete ao século XIX, período histórico para o nosso país em que ocorreu a abolição da escravatura, porém, como bem sabemos, esse fato não impediu que a comunidade negra continuasse a ter que lutar pela sua sobrevivência no seio de uma sociedade aristocrática e latifundiária como a nossa, à procura de melhores condições de vida. Muitos negros preferiam as zonas rurais do país.

A fundação de Muquém teria se dado por meio de um casal descendente do Quilombo dos Palmares que, após a sua queda, resolveu se “amuquenhar” (esconder-se) na região – uma vez que a localidade era conhecida por eles por fazer margens ao rio Mundaú, ser local de passagem, caça e pesca, além de ser usado para negociações noturnas e também como ponto de emboscada para possíveis invasores.

A povoação da comunidade se deu basicamente a partir desse casal que teve uma família bastante numerosa, o que também não impediu a vinda de pessoas de fora para o sítio, principalmente índios e/ ou caboclos de tribos indígenas pernambucanas. Exemplo disto é o fato de o casal mais velho da comunidade ser natural do estado de Pernambuco e, segundo o que se pode deduzir de seus próprios relatos, vieram de tribos indígenas pernambucanas do município de Águas Belas.

Conforme os filhos foram crescendo e constituindo suas próprias famílias, a posse das terras era acordada no seio da família, que determinava os domínios de cada um, não havendo documento legal que os fizesse donos da região. O sítio foi dividido em 16 partes iguais entre os irmãos, mas na base do boca à boca. Porém, tornando-se cada vez mais conhecidos e apreciados pelos moradores da cidade, com quem estabeleciam contato semanal durante a comercialização da cerâmica utilitária na feira-livre, os quilombolas acabaram ganhando as terras de um homem ou casal cuja identidade é desconhecida.

As terras que compreendem a comunidade quilombola Muquém pertenciam a Basiliano Sarmiento, um dos homens mais ricos e poderosos da cidade naquela época e que vivia de emprestar dinheiro. Quando os empréstimos não eram pagos,

conforme o acordado entre as partes, ele se apossava das terras dos seus clientes. O Sr. Sarmiento também emprestava terras, cobrando aos moradores o foro (imposto) todos os anos pelo seu uso. Os moradores de Muquém dizem que não passavam de poceiros nesse tempo. Com a morte de Basiliano Sarmiento, seus bens passaram a pertencer ao governo porque ele não tinha herdeiros. Logo depois, o governo começou a leiloar as terras porque era de seu interesse o dinheiro que poderia arrecadar com elas. Sendo assim, o sítio Muquém foi comprado e doado aos quilombolas que passaram de poceiros a proprietários legais da terra.

Não há relato de conflitos étnicos e/ ou territoriais na história de Muquém, porém as mulheres eram preparadas para o combate e responsáveis pela segurança de todos. Quando as terras foram compradas do governo e doadas à comunidade, elas foram registradas no nome do patriarca da família. Por isto, temendo a perda e/ ou divisão de seu bem material mais valioso – a terra, os quilombolas adotaram como prática comum entre eles o matrimônio endogâmico – no qual primos e primas se davam em casamento.

A economia local gira em torno principalmente da cana-de-açúcar, agropecuária de subsistência e cerâmica utilitária que se transformou em cerâmica artesanal com o advento das panelas de alumínio e a passagem do fogão à lenha para o fogão a gás. Famílias inteiras sobrevivem com o auxílio de benefícios sociais, como o Bolsa Família ou a aposentadoria, além da dependência de vínculos empregatícios esporádicos com a prefeitura do município ou comércio local. Alguns são autônomos e mantêm seu próprio negócio, como bancas de roupas na feira livre da cidade, bares, pequenas mercearias ou vendas na própria comunidade. Porém, há muitos ainda que vivem ociosos por falta de trabalho. Quando não há como sobreviver em meio à parentela, muitos se veem obrigados a viajar para fora em busca de trabalho e algumas vezes não retornam à comunidade.

Muquém já foi conhecida como a comunidade quilombola que mais teve artesãos de cerâmica utilitária (85 ao todo), cuja matéria-prima é o barro massapé (argila), extraído da própria região. Atualmente, a comunidade conta com menos de 10 artesãos de cerâmica artesanal, dentre os quais se encontram e se destacam D. Marinalva, D. Irinéia, Sr. Antônio e Sr. Edson, porém é reconhecida internacionalmente pelo artesanato produzido.

Em suas manifestações religiosas, observei a presença forte do catolicismo popular através da prática esporádica de missas, novenas, terços e festas de santos, bem como a presença de curandeiros e conselheiros espirituais, eu mesma já fui “curada” algumas vezes por um deles. Trata-se de um ritual bastante comum na região, o curador ou curandeira, e no caso foi uma curandeira, pega um punhado de planta, que eles chamam de mato, faz uma espécie de buquê em sua mão direita, pede para que a pessoa que receberá a cura fique em silêncio e de preferência sentada, então começa a pronunciar uma reza repetidas vezes em tom sussurrante como se estivesse cantando baixinho ao mesmo tempo em que sacode o punhado de plantas sobre todo o corpo da pessoa que está sendo curada em forma de cruz, esses movimentos repetidos lembram uma dança e nesse momento não pode haver interferências de terceiros até que o processo de cura acabe totalmente, por um instante são só curador e curado. Segundo a curandeira local, esse ritual de cura é uma sessão de descarrego que liberta a pessoa de mau olhado, encosto, energias negativas, doenças da alma. Tanto que, após cada sessão, a curandeira diz coisas do tipo “você estava muito carregada”. Na verdade posso dizer que não senti nada de especial depois das sessões de cura que tive, isto porque para a cura ser “fechada”, como eles dizem, é preciso que o ritual aconteça três vezes, caso contrário não se obtém efeito algum.

Os quilombolas gostavam de realizar festas depois da construção das casas de taipa com comidas regionais como o Mocotó, por exemplo, regada ao som de muito samba. Os dias de fabricação do artesanato também eram festivos, com muita cantoria, danças e comidas. A criançada costumava brincar de Estrivulim, um carrossel improvisado com material humano. Interessante observarmos como esses afrodescendentes apresentam características tão semelhantes às de seus antepassados africanos como trabalhar em coletividade transformando todo o fazer cotidiano em atividades festivas com participação social, confraternizando-se entre eles.

Ainda segundo os depoimentos colhidos, aquela região era um mocambo do Quilombo dos Palmares que poderia ter recebido esse nome por três razões: a) por ser local de emboscada, o que eles chamam de *aratacas*, que eram armadilhas feitas com varas de secar peixe; b) por ser o nome do seu patriarca, guerreiro que sobreviveu à queda do Quilombo dos Palmares; ou c) por se originar do vocábulo

amuquenhar que, segundo os moradores, significa esconder-se. Diante disto, fica a pergunta se, conforme esses relatos, a comunidade existe a mais de 100 anos apenas, como pode haver a possibilidade dela ter sido um dos mocambos do Quilombo dos Palmares, que existiu entre os séculos 16 e 17?

A comunidade se organizou e fundou uma associação com representantes eleitos periodicamente por todos os associados para defender os seus interesses. De acordo com as informações dadas pela presidente da associação, o povoado é composto por 128 famílias quilombolas (pouco mais de 500 pessoas aproximadamente) e 11 famílias que não são quilombolas (de 30 a 40 pessoas). As ditas famílias não-quilombolas adquiriram terras no local através de compra ou troca, todavia algumas delas construíram casas para simples passeio. Vejamos a tabela a seguir para termos uma ideia geral da população de Muquém:

Figura 2 - População de Muquém

População de Muquém	
Famílias quilombolas	128
Total aproximado	500 habitantes
Famílias não-quilombolas	11
Total aproximado	40 habitantes
Total geral de habitantes	540 habitantes

Fonte: Autora, 2013.

A comunidade dispõe de uma escola comunitária chamada *Pedro Pereira da Silva*, que foi construída em 1993, com apenas uma sala de aula para atender aos alunos das séries iniciais do Fundamental I (do 1º ao 5º ano) num sistema de ensino multisseriado, no qual alunos de diferentes anos estudam juntos e com uma mesma professora. Para cursar o Fundamental II e o Ensino Médio, os alunos da comunidade dispõem de transporte escolar para estudar nas escolas da cidade.

É importante salientarmos que todos os funcionários da escola são da própria comunidade e não têm o nível de escolaridade necessário para a execução das atividades propostas para cada cargo: 1 gestor, 6 professores e 3 serviçais. Após alguns anos de funcionamento, a escola abriu uma segunda sala de aula. Trata-se de uma extensão na área de uma casa em frente a ela para atender aos estudantes da comunidade, atualmente, após a enchente de 2010, a escola passou por uma pequena reforma para ser revitalizada, na qual sua única sala de aula foi dividida em duas por meio de uma parede divisória e a extensão foi desativada.

2.3.2 A enchente de 2010

O ano de 2010 foi marcado pela enchente que assolou muitas cidades do nordeste brasileiro, inclusive a comunidade. Eu pude observar de perto em visitas que fiz ao local, o estrago causado pela força das águas. Em anexos, apresentamos o questionário-roteiro aplicado durante as entrevistas gravadas e as fotos que retiramos durante a pesquisa de campo realizada em 2009.

Em Muquém, 120 famílias tiveram suas casas condenadas pela Defesa Civil tendo que se abrigar temporariamente em barracas colocadas numa área segura do sítio, onde a força das águas geralmente não consegue alcançar. Após o ocorrido, os moradores começaram a receber assistência governamental para poderem dar continuidade a suas vidas. A partir de então, começaram a ser construídas 120 novas casas na comunidade numa área distante do rio. Depois da enchente, a casa de farinha a motor e o galpão construído para a fabricação do artesanato foram abandonados pelos moradores.

A escola também foi atingida pela enchente e teve que parar suas atividades. Depois de algum tempo desativada, a escola voltou a funcionar a partir do início do ano de 2012.

2.3.3 Muquém – outras incursões sócio-históricas

Segundo informações que coletei nos anos subsequentes (2011 e 2012) em conversas informais com moradores da comunidade, a população atual de Muquém já ultrapassa 600 pessoas; a escola funciona manhã e tarde com alunos do Fundamental I em processo de ensino multisseriado, além de atender aos alunos do projeto “Brasil Alfabetizado” todas as noites e a única sala de aula existente foi dividida em duas por meio de uma parede divisória, cada uma com um total de 20 alunos. Para cursar as demais séries, os moradores têm que se deslocar para a zona urbana da cidade, mas, para isto, contam com o auxílio de transporte-escolar (ônibus) disponibilizado pela prefeitura municipal nos horários matutino e vespertino.

Os moradores de Muquém recebem atendimento médico diariamente por meio do “Programa de Saúde da Família”, o PSF, que funciona numa casa construída pela prefeitura e conta com a assistência de quatro especialistas: uma clínica-geral, uma dentista, uma enfermeira e uma auxiliar de enfermagem. O PSF funciona pela manhã e pela tarde até as 14h00 e só atende 10 pessoas por dia. Depois desse horário, havendo algum problema de saúde, os quilombolas devem esperar pelo atendimento médico no dia seguinte ou se locomover até um centro médico na zona urbana da cidade por conta própria ou com o auxílio da SAMU que atende os pacientes por telefone, pois a comunidade não dispõe de transporte para essa finalidade.

Por causa de conflitos internos de toda ordem, atualmente a comunidade se dividiu em duas associações – o que mostra uma organização política enfraquecida e dividida pela sobreposição dos interesses individuais aos interesses coletivos; isto tem trazido alguns problemas para a comunidade, como por exemplo, tentativas de desapropriação das terras com a proposta de tombamento do INCRA, fato que

sempre levou muitos moradores da comunidade a fazerem protestos bastante enérgicos, o último e mais impactante aconteceu ano passado na BR que dá acesso à comunidade.

Numa gincana cultural realizada na própria comunidade por uma das associações (Ádapo Muquém), em 2011, fiquei impressionada ao ver um depoimento escrito sobre a história da comunidade de um dos moradores de lá que inclusive participou da pesquisa de campo realizada em 2009 pelo núcleo alagoano do PHPB, o qual é identificado no *corpus* como JEBS. Essa gincana convidou todas as escolas da cidade, públicas e privadas, a participarem do projeto, mas apenas duas aceitaram o convite. Como professora de português da rede estadual de ensino, coordenei a equipe da escola em que trabalho. O objetivo da gincana era levar os alunos a coletar informações sobre os aspectos históricos e socioculturais da comunidade por meio de uma pesquisa de campo e, em seguida, levá-los à produção de relatório de visita e material audiovisual para mostrar os resultados do trabalho. Tentarei expor de forma breve o resumo dos pontos que considerei interessantes por apresentar novas informações sobre Muquém no material que consegui com uma de minhas alunas que participou da gincana e é moradora da comunidade. Nele encontrei as informações que seguem.

A propriedade rural que compreende a comunidade quilombola Muquém atualmente é composta por 189 hectares de terra e, segundo o depoimento desse morador, pertencia a um casal pernambucano que residia no interior da cidade de Garanhuns. Esse casal possuía duas propriedades com o mesmo nome, uma em Alagoas, outra em Pernambuco, porém, nessa época, Alagoas pertencia a Pernambuco.

Rosa Maria da Conceição e Venâncio Bezerra da Silva tinham um posseiro que cuidava do Muquém em Alagoas, ele se chamava Miguel Bezerra da Silva e pagava o foro da terra todo ano ao casal. Com o passar dos anos, o casal resolveu vender esta propriedade para o poceiro por mil contos de réis. Logo após, ele se casou e teve sete filhos.

Diante de uma dívida não paga, Basiliano Sarmiento, banqueiro da época, expulsou os sete herdeiros de Miguel Bezerra da Silva para ficar com a sua terra.

Foi então que surgiu outro casal, Cassimiro Bezerra da Silva e Felícia Maria da Conceição, para arrendar a propriedade de Muquém. Estes tiveram treze filhos responsáveis por povoar a comunidade.

Ainda, segundo esse relato escrito, na origem de Muquém seus moradores sofriam muito preconceito étnico-racial porque ela foi a primeira comunidade habitada por negros da região depois da destruição do Quilombo de Palmares. Mas, com o passar do tempo e o reconhecimento da luta empreitada pelos quilombolas palmarinos, o preconceito foi diminuindo.

Como Basiliano Sarmiento nunca se casou, quando ele morreu, suas propriedades ficaram para o governo que decidiu leiloá-las – nessa época Alagoas e Pernambuco já tinham se separado e eram dois estados distintos.

Assim, em consonância com as informações coletadas e publicadas através da pesquisa de campo realizada em 2009, Muquém foi leiloada pelo governo para uma pessoa de quem não se sabe absolutamente nada. Essa pessoa a comprou por 150 mil réis e um cavalo de raça puro sangue passando a escritura das terras no centurião Fausto Cavalcante, cartório de União (provavelmente o único da época), para o nome de Cassimiro Bezerra da Silva e sua esposa Felícia Maria da Conceição, de forma que essas terras foram doadas para os seus donos anteriores à tomada do governo. Por qual razão? O morador responsável por essas informações alega que isso tenha acontecido pelo fato da família muquenhense ter bastante popularidade junto aos moradores do centro da cidade por conta da venda de cerâmica utilitária na feira livre do centro da cidade.

Nos dias de hoje, a comunidade tem como maiores problemas: a falta de saneamento básico; a constante falta de água e energia elétrica; a falta de uma coleta de lixo regular e o desemprego. Esperamos que trabalhos como este sejam responsáveis por uma maior visibilidade social de Muquém no sentido de despertar novos olhares para essa comunidade que lhe dêem um retorno político, econômico e sociocultural, já que fazer pesquisa é uma via de mão dupla na qual ciência e sociedade devem ajudar-se mutuamente em direção ao desenvolvimento.

2.4 Coleta de dados

Como pesquisadora bolsista de extensão, fazendo parte do projeto *O Conhecimento Linguístico e Sociocultural da Comunidade Quilombola Muquém, União dos Palmares – Alagoas* coordenado pela Prof^a. Dr^a. Denilda Moura, participei da pesquisa de campo que aconteceu em meados de 2009, na qual dados de fala de uma amostragem representativa da comunidade foram coletados por meio da aplicação de um questionário semiestruturado¹¹ a alguns falantes durante as entrevistas gravadas que realizamos, estimulando-se sempre a fala espontânea deles, conforme sugerido por Labov (2008 [1972]). Essas entrevistas foram feitas com explícito consentimento deles, mesmo não tendo o projeto sido submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/ UFAL. Dos 14 entrevistados que compõem o nosso *corpus*, apenas 1 não é morador de Muquém, mas da zona urbana da cidade, identificado como SS, filho de família ilustre de União dos Palmares, único informante com nível superior, selecionado por ser um profundo conhecedor e pesquisador da história da cidade.

O principal critério de seleção desses informantes foi o grau de familiaridade com os aspectos históricos e socioculturais da comunidade. Assim, os mais idosos do povoado foram entrevistados, pois tínhamos o interesse de conhecer e documentar a história desses afrodescendentes dando voz à memória dos seus antepassados. Ademais, achamos interessante incluir alguns jovens e adultos, dentre homens e mulheres, todavia, o objetivo central da construção desse *corpus* foi de cunho linguístico e de caráter histórico e sociocultural.

Gravamos, com o auxílio de um gravador mp3, depoimentos de homens e mulheres de diferentes faixas etárias com o intuito de resgatarmos a história da comunidade. Podemos dizer que o método adotado nessa pesquisa de campo se aproximou bastante daquele que serve como prática da História Oral que, segundo Fernandes (2006, p. 112), foi introduzida no Brasil na década de 70 e, desde então, é largamente utilizada pelos historiadores. Devido à precariedade e mesmo escassez de documentos oficiais e referências bibliográficas sobre Muquém, não

¹¹ O modelo de questionário utilizado encontra-se disponibilizado em Anexos.

nos restou outra alternativa senão a de gravar a história de vida desse povo através de seu próprio ponto de vista, o que apresenta alguns entraves para o pesquisador: como dar total credibilidade ao que dizem esses afrodescendentes se não há praticamente outras fontes de pesquisa que possam asseverar ou mesmo refutar aquilo que eles tomam como verdade? Por outro lado, como negar a voz a um grupo social que nunca teve vez em uma sociedade latifundiária, branca e escravista, como não o tem por completo agora? Como desrespeitar aquilo que ficou na memória desse ajuntamento de afrodescendentes se as condições precárias de subsistência a que foram submetidos neste país não lhes proporcionaram outra forma de reviver o seu passado e engrandecer os seus heróis, além da literatura oral? Dessa maneira, acordamos com o que diz Fernandes (2006, p. 111):

Existe a certeza de que a memória de uma sociedade como essa não está fadada a desaparecer, pois sempre haverá alguém para contar, mesmo sabendo que memória de negro, na historiografia brasileira, ainda não foi escrita, seja ela a de uma comunidade reconhecida, quilombola ou não. A história negra sempre foi guardada na memória dessa gente. Durante séculos, a memória dos negros nunca foi registrada e tratada de maneira científica, a não ser no que se referia à escravidão, mesmo assim de maneira tardia e cheia de preconceitos, se tomarmos como referência a obra de Gilberto Freyre, que na época foi vista como inovadora (1933). O negro não tinha o direito de contar a sua própria história. Talvez, seja o momento de começar a rever os nossos olhares para os quilombolas. Deixar que eles contem essa história, presa na garganta de tanta gente espalhada por esse país.

2.5 Transcrição, codificação e quantificação dos dados

Numa pesquisa em Sociolinguística Variacionista, a transcrição dos dados pode ser fonética ou ortográfica de acordo com normas e critérios pré-estabelecidos. Neste trabalho, foram realizadas transcrições ortográficas na tentativa de reproduzir da forma o mais fiel possível à fala dos entrevistados de acordo com as normas ortográficas e os critérios adotados pelo Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN) da FALE/ UFAL disponíveis em <http://www.fale.ufal.br/projeto/Prelin/>.

Feita a transcrição, segue-se a codificação dos dados. Nesse caso, cada ocorrência das variáveis previamente selecionadas pelo pesquisador (linguísticas e extralinguísticas) deve ser destacada por um símbolo, escolhido a critério do pesquisador, tomando-se cuidado apenas para não selecionar os mesmos símbolos utilizados pelo programa computacional para a quantificação dos dados que são: “/” (barra inclinada), “.” (ponto final), “(” (parêntese de abrir), “)” (parêntese de fechar) e espaço em branco, conforme Santos e Vitória (2011, p. 49). Vejamos, a seguir, o quadro demonstrativo da codificação feita:

Figura 3 - Codificação dos dados

Variável dependente	<p>∅ – ausência de marcas de concordância verbal</p> <p>1 – presença de marcas de concordância verbal</p>
Variáveis linguísticas	independentes
<i>Posição do sujeito em relação ao verbo</i>	<p>a – Sujeito anteposto ao verbo</p> <p>b – Sujeito posposto ao verbo</p>
<i>Elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo</i>	<p>d – ausência de elemento (s) interveniente (s) na relação entre sujeito e verbo</p> <p>e – presença de elemento (s) interveniente (s) na relação entre sujeito e verbo</p>
<i>Relação número-pessoa</i>	<p>f – terceira pessoa do plural “eles ou elas” e SN no plural</p> <p>h – primeira pessoa plural “nós”</p> <p>j – expressão pronominal “a gente”</p>
Variáveis	independentes

extralinguísticas

Sexo	F – feminino
	M – masculino
Idade	P – de 15 a 30 anos
	Q – de 31 a 50 anos
	R – de 51 anos em diante
Escolaridade ¹²	Nível mínimo ou inexistente
	Nível Fundamental II completo ou cursando
	Nível Médio completo ou cursando

Fonte: Autora, 2013.

Utilizamos para quantificação dos dados o programa matemático e computacional GOLDVARB X, versão atualizada do *Variable Rule Analysis* mais conhecido como VARBRUL e desenvolvido por David Sankoff em 1978 para dar suporte técnico à proposta laboviana, que busca medir o padrão de ocorrência de cada variável selecionada pelo pesquisador em sua análise por meio de dados estatísticos. Para conferir mais detalhes sobre a utilização desse programa, consultar Santos e Vitória (2011, p. 43-62).

Conforme o que sugere Guy e Zilles (2007, p. 31),

O objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal não é produzir números (por exemplo, medidas estatísticas para resumir os dados), mas identificar e explicar fenômenos linguísticos. Dessa maneira, gostaríamos de conseguir testar hipóteses, comparar análises alternativas e desenvolver modelos dos dados a partir dos quais possamos fazer prognósticos. Para essa finalidade, pode-se contar com outra classe de métodos quantitativos chamada de

¹² O fator escolaridade entrou para esta investigação como uma análise qualitativa paralela e em complementação à análise quantitativa realizada, foco desta pesquisa.

estatística inferencial. Nosso foco recairá aqui sobre dois desses métodos amplamente utilizados em estudos dialetais de comunidades de fala: os testes de significância e a análise da regra variável.

Como o foco da investigação é verificar a variação no uso de CV e quais fatores condicionantes linguísticos e extralinguísticos estariam influenciando o uso de uma dessas variantes em detrimento da outra, acreditamos que os grupos de fatores selecionados nesta pesquisa nos habilitam a realizar uma análise bastante pertinente, pois, conforme Guy e Zilles (2007, p. 73):

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos.

Interessante neste momento nos reportarmos aos critérios que utilizamos para selecionar as 711 sentenças analisadas neste trabalho no sentido de esclarecermos o que convencionamos denominar de sentenças. Sem mais delongas, nos deteremos agora a explicitar de forma breve a partir do quê selecionamos os dados estudados. De acordo com Perini (2010, p. 65),

Uma oração é uma estrutura que tipicamente contém um verbo e muitas vezes um ou mais complementos (sujeito, objetos e/ ou sintagmas preposicionados, adjetivos ou adverbiais). Além disso, a oração pode comportar um ou mais adjuntos.

Nesse contexto, selecionamos sentenças em que houvesse a ocorrência explícita de sujeito e verbo em virtude do fenômeno linguístico que estamos analisando. Em alguns casos, o sujeito da sentença podia ser recuperado pela

sentença anterior tanto da fala do entrevistador quanto da fala do próprio entrevistado. Vejamos os exemplos abaixo dos dados considerados:

9. “Só que **eles** *cortava* a estrada o caminho” [JEBS, l. 93-94, p. 4] (SN-sujeito e verbo explícitos) (- CV)
10. “*Colocava* essas vara” [JEBS, l. 94, p. 4] (SN-sujeito [**eles**] recuperado na sentença anterior “Só que **eles** *cortava* a estrada o caminho” [JEBS, l. 93-94, p. 4]) (- CV)

Na sentença 9, vemos claramente o sujeito “eles” e o verbo “cortava”; já, no caso da sentença 10, observamos que o sujeito não se encontra presente na oração, no entanto, pode ser facilmente recuperado na sentença anterior da fala do próprio entrevistado “eles”.

2.6 Variável dependente e variáveis independentes

Para cada dimensão de uma variável, são criados códigos que as identificam no processo de análise por meio das ferramentas computacionais utilizadas. Neste trabalho, destacamos como variável dependente, ou seja, variável que depende ou é influenciável por grupos de fatores independentes de natureza social e/ ou estrutural, a presença ou a ausência de marcas de concordância entre sujeito e verbo, vejamos os exemplos abaixo:

11. “**Eles** *falava* isso” [JEBS, l. 111, p. 5] (+ CV)
12. “Porque **eles** *tava* cum medo de perdê as terreno” [JEBS, l. 111-112, p. 5] (- CV);

E como variáveis independentes linguísticas ou estruturais, selecionamos as que se encontram explicitadas no quadro abaixo, com exemplos que aplicam ou não a CV.

Para uma melhor visualização da tabela que segue, destacamos todos os SN-sujeitos em negrito e os verbos em itálico, no grupo de fatores *Elementos intervenientes* sublinhamos SN-sujeito, verbo e o (s) elemento (s) interveniente (s) para facilitar a visualização do leitor. Todas as construções selecionadas apresentam a identificação do falante, bem como da sua localização no *corpus* estudado, vejamos então:

Figura 4 - Variáveis Linguísticas

Grupos de fatores + CV		- CV
linguísticos		
Posição do sujeito		
Anteposto	“Os mais velhos <i>contam</i> ” [MNS, l. 19, p. 51]	“Os moradores <i>bota</i> cada um no seu quintal pra dormi” [MNS, l. 92-93, p. 54]
Posposto	<i>Ficô</i> munta gente ainda” [JEBS, l. 115, p. 5]	“Diz os ôto pa lá” [MNC, l. 108, p. 12]
Elementos intervenientes		
Ausência	“<u>Todo mundo</u> <i>vivia</i> bem né?” [FPS, l. 17, p. 39]	“E <u>os pais</u> <i>dá</i> os pedacinhos que tem” [MNS, l. 102, p. 54]

Presença	“A gente <u>aqui num tinha</u> água incanada” [FPS, l. 97, p. 42]	“As <u>pessoa aqui quase tudo sabe nadá</u> ” [FPS, l. 286-287, p. 47]
-----------------	---	--

Relação número-pessoa

Terceira pessoa do plural “eles ou elas” e SN no plural¹³	“Eles não são quilombola” [MNS, l. 62, p. 53]	“Eles foi um dos grande herói” [ANS, l. 18, p. 27]
---	---	--

“O pessoal sempre teve mais um” [FPS, l. 12, p. 39]	“E as casa era contada” [IRNS, l. 216, p. 34]
---	---

Primeira pessoa do plural “nós”	“Nóis temo Frio” [JEBS, l. 23, p. 2]	“Aí nóir trabaia” [IRNS, l. 291, p. 36]
--	--------------------------------------	---

Expressão pronominal “a gente”	“A gente bota uma táuba cum um pauzinho aqui” [JEBS, l. 91, p. 4]	“Mais a gente tamos hoje com cinquenta casa de taipa” [ANS, l. 147, p. 31]
---------------------------------------	---	--

Fonte: Autora, 2013.

A seleção desses fatores se deu basicamente pela relevância que demonstraram em outros estudos realizados sobre o fenômeno da CV em variedades do PB na perspectiva da *Sociolinguística Variacionista*, como aqueles que citamos na sessão 1.2 do capítulo 1 que trata do fenômeno variável da CV nas variedades do PB de acordo com o referencial teórico utilizado neste trabalho.

A título de esclarecimento, é importante explicitarmos alguns pontos para que seja possível a compreensão do estudo que realizamos aqui. Primeiro, consideramos como aplicação da regra variável de CV, ou seja, + CV:

¹³ Admitimos ainda como SN no plural, substantivos com valor semântico de plural, como exemplificado no dado que apresenta o SN-sujeito ‘O pessoal’.

- a) Sentenças em que há a presença de marcas explícitas de CV em todos os elementos do SN-sujeito (determinante + nome + verbo) – como no exemplo de sujeito anteposto (+ CV) dado no quadro acima, mas este não é um caso muito recorrente nos dados analisados;
- b) Sentenças em que há a presença de marcas de CV em apenas alguns elementos do SN-sujeito (determinante ou nome + verbo), como no exemplo de sujeito anteposto (- CV) do quadro acima - o que é mais comum nos dados de Muquém;
- c) Sentenças em que as marcas de concordância não se encontram exatamente de acordo com o que prevê a gramática tradicional da nossa língua, mas que convencionamos denominar de + CV, como é o caso de ‘falaro’ por ‘falaram’, por exemplo.

Neste último caso, vejamos os exemplos ilustrativos abaixo:

13. “Hoje **nóis** temo a Simentera” [JEBS, l. 22, p. 2] (+ CV)

14. “**A família dele todo os irmãos dele** casaro cum uns quatro mulheres cum quatro irmã” [JEBS, l. 54-55, p. 3] (+ CV)

Em ambas as sentenças acima, consideramos que houve a aplicação de + CV, uma vez que o falante diz “nóis temo”, em 13, e “a família dele todo os irmãos dele casaro”, em 14, mas não diz “nóis tem” e “a família dele todo os irmãos dele casou”, respectivamente, sentenças nas quais o SN-sujeito estaria na terceira pessoa do plural “eles ou elas” e o verbo na terceira pessoa do singular “ele ou ela”, casos claros de não concordância de número e pessoa, isto é, - CV.

Como já foi dito na sessão introdutória deste trabalho, chamamos de – CV a não concordância de número e pessoa do sujeito com o verbo. Nesse ponto encontramos nos dados de Muquém alguns casos interessantes com sentenças nucleadas por verbo de terceira pessoa plural com sujeito de terceira pessoa do singular, como nos exemplos a seguir:

15. “**Ele** *morrero* cair mão deler mermo” [JAS, l. 154, p. 19] (- CV)
 16. “**Ele** num *sintregaro* o gunverno” [JAS, l. 147-148, p. 19] (- CV)

Nesta análise consideramos como SN-sujeito apenas aqueles sintagmas nominais presentes explicitamente na sentença ou recuperados pela sentença anterior da fala do próprio informante ou do entrevistador, na qual ele também se encontra literalmente presente, sendo assim, descartamos o estudo de sujeitos ocultos, elípticos ou desinenciais. Como sujeito anteposto, analisamos tanto aqueles que ocorrem explicitamente antes do verbo na sentença estando estes elementos próximos ou distantes, quanto aqueles que podem ser recuperados pela sentença anterior da fala do próprio entrevistado ou do pesquisador. E como sujeito posposto, compreendemos somente aqueles que aparecem explicitamente após o verbo sem nos determos na quantidade ou não de elementos intervenientes entre eles.

Quanto ao grupo de fator “*Elementos intervenientes*”, utilizamos nesta pesquisa sentenças em que ocorre a ausência e a presença de elementos entre sujeito e verbo, como exemplificado no quadro acima, sendo que, no último caso consideramos como presença de elementos intervenientes tanto elementos isolados, como nos exemplos dados no quadro acima, quanto sentenças inteiras quando elas estão correlacionadas, como nos exemplos abaixo:

17. Presença de elementos intervenientes considerando-se a fala anterior do próprio entrevistado:
- a) “E *tiveram* onze filho” (**esse casal**) [JEBS, l. 3-4, p. 2]
 “Aonde **esse casal** *casaram*” [JEBS, l. 3, p. 2] (fala anterior)
- b) “E *foro dominando* agumas parte do Muquém” (**os filho**) [JEBS, l. 4-5, p. 2]
 “Aonde **os filho** *foro casando*” [JEBS, l. 4, p. 2] (fala anterior)

Com relação ao grupo de fator “*Relação número-pessoa*”, selecionamos três categorias como se pode observar no quadro da Tabela 1: a) terceira pessoa do plural “eles ou elas” e SN no plural; b) primeira pessoa do plural “nós”; e c) expressão pronominal “a gente”. No primeiro caso, consideramos como SN no plural, tanto sentenças em que o SN-sujeito apresenta marcas de plural em todos os seus elementos, no determinante e no nome, apenas no determinante, quanto sentenças em que o núcleo do SN-sujeito é uma palavra com valor semântico de plural, como em:

18. “**A maioria** é tudo amarrado” [JA, l. 696, p. 93]

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 33-34),

a análise de regra variável é um tipo de análise multivariada amplamente empregada em estudos de variação linguística hoje em dia. Seu propósito é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística. Esses fatores condicionantes podem ser tanto sociais ou linguísticos.

O resultado das muitas rodadas dos dados no programa GOLDVARB X nos dá uma ideia bastante esclarecedora a respeito do número de ocorrências, percentual e peso relativo da aplicação da regra variável de CV de acordo com cada grupo de fator selecionado neste trabalho – é o que veremos, a seguir, de forma detalhada.

Para montarmos um quadro geral desta análise, o programa utilizado gerou 40 células e selecionou como melhor rodada a de número 13 na qual os grupos de fatores considerados relevantes foram: 3 (relação número-pessoa), 2 (elementos intervenientes) e 5 (idade), nesta ordem; e os grupos de fatores considerados irrelevantes foram: 4 (sexo) e 1 (posição do sujeito).

A inclusão do componente social para o estudo da língua amplia o leque de possibilidades no sentido de que apresenta as regras variáveis extralinguísticas ou

sociais para o uso de uma variante em substituição ou preferência de outra. Nesse caso, vejamos o quadro abaixo referente às variáveis independentes extralinguísticas ou sociais que selecionamos nesta pesquisa.

Figura 5 - Variáveis Extralinguísticas

Sexo

Masculino	Feminino
-----------	----------

Faixa-etária

FI – de 15 a 30 anos	FII – de 31 a 50 anos	FIII – de 51 anos em diante
----------------------	-----------------------	-----------------------------

Escolaridade

Nível mínimo ou inexistente	ou Nível Fundamental completo ou cursando	II Nível Médio completo ou cursando
-----------------------------	---	-------------------------------------

Fonte: Autora, 2013.

As variáveis extralinguísticas que compõem o nosso quadro de análise podem condicionar a variante padrão – uma vez que supomos ser falantes do sexo feminino, das faixas-etárias FI e FII e em processo de escolarização os que mais fazem uso da variante padrão nessa comunidade de fala. Dessa forma, o nosso objetivo com este trabalho é justamente testar a nossa hipótese e verificar a relevância de cada grupo de fator selecionado nesta análise na tentativa de conhecer o padrão de CV da variedade do PB falado por afrodescendentes da comunidade quilombola Muquém.

2.7 Hipóteses e objetivos da pesquisa

Para esta análise, partimos da hipótese de que a CV da variedade linguística do PB falado por afrodescendentes de Muquém apresenta comportamento variável na concordância número-pessoal entre sujeito e verbo e que alguns dos grupos de fatores selecionados nesta análise se demonstrarão relevantes para a variante padrão.

A partir daí, e com base em trabalhos anteriores sobre concordância, como aqueles que citamos nesta pesquisa, objetivamos verificar a significância de cada um dos grupos de fatores selecionados nesta pesquisa para o condicionamento ou não da variante padrão (presença de marcas de concordância). Assim, temos como objetivos específicos averiguar se os fatores “sujeito anteposto ao verbo”, “ausência de elementos intervenientes entre sujeito e verbo”, “faixa-etária FI e FII”, e “nível de escolarização Fundamental II completo ou cursando e Médio completo ou cursando” condicionam a variante padrão; bem como se os fatores “sujeito posposto”, “presença de elementos intervenientes”, “faixa-etária FIII” e “nível de escolarização mínimo ou inexistente” condicionam o uso da variante não padrão (ausência de marcas de concordância) nessa comunidade de fala.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como o modelo de análise linguístico denominado Teoria Sociolinguística Variacionista, de William Labov (2008 [1972]), preocupa-se, como diz Tarallo (1986, p. 6), “em analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala tendo como objeto de estudo elucidar o “caos linguístico” contemplado na língua falada que é, ao mesmo tempo, heterogênea e diversificada”, neste capítulo realizamos uma descrição do comportamento variável de CV na variedade do PB falado por afrodescendentes de Muquém com o intuito de analisarmos como a variante padrão, + CV, e a variante não padrão, - CV, coexistem em seu campo natural de batalha que é a língua.

3.1 Aspectos linguísticos do dialeto do PB falado em Muquém: breves discussões

Antes de darmos início à análise que propomos aqui, achamos por bem fazermos um apanhado geral de trabalhos anteriores que focaram a comunidade quilombola Muquém sob a ótica do aspecto linguístico, como é o caso de Avelar (2012); Costa (2010); Salgado (2009); Santos (2005; 2011); PET - Letras/ UFAL (2011), desse modo, objetivamos conhecer melhor o comportamento linguístico desses afrodescendentes.

Avelar (2012) trata em seu texto *“Expressões possessivo-existenciais de tempo decorrente na fala de quilombolas de Muquém”* de construções de base possessivo-existenciais de tempo na fala dessa comunidade em comparação com construções do mesmo tipo em amostras de fala do Rio de Janeiro com o objetivo de evidenciar resquícios de mudanças gramaticais desencadeadas por contato interlinguístico decorrentes da relação entre o PB e línguas africanas (LAs), nesse caso, as do grupo Banto.

Nesse trabalho, o autor percebeu uma peculiaridade no dialeto falado em Muquém relacionada a um tipo de construção de base possessivo-existencial que funciona como tempo decorrente e serve para indicar o tempo decorrido entre um estado de coisas e um determinado ponto do eixo temporal, como em “[isso aconteceu] há uns cento e cinquenta anos, mais ou menos” e “já tá com uma porção de tempo que tem a escola”, exemplos do autor.

Segundo Avelar (2012, p. 74), *ter* é o verbo existencial canônico na fala desses afrodescendentes, da mesma forma que em outras variedades do PB, como na variedade do PB falado pelos cariocas, por exemplo; mas ele observa que, nos dados de Muquém, *haver* não varia com *ter* e sim com a locução verbal *estar com*, como vimos no segundo exemplo de fala dado no parágrafo anterior. Frente a esse fato, o autor discute se não é o caso de hipotetizar que os verbos em alternância na produção de expressões possessivo-existenciais de tempo decorrente no dialeto de Muquém seriam uma marca delimitadora de sub (variedades) do PB.

Nesse contexto, ele busca dados de LAs, tomando como base o quimbundo que é apontada como uma das línguas mais faladas pelos africanos trazidos para a América como escravos e que não tem verbo que seja essencialmente possessivo ou existencial, dessa forma, tanto orações existenciais como possessivas são construídas, nessa língua, com um verbo de cópula seguido de um morfema adposicional com interpretação comitativa (- ala ni), que equivaleria literalmente à locução “estar com” do PB.

Porém, segundo Avelar (2012, p. 76), esta relação entre as expressões possessivo-existenciais de tempo decorrente no dialeto do PB falado em Muquém e no quimbundo não é o suficiente para validar a hipótese da contribuição de LAs para o processo de formação do PB, pelo menos, não quanto a este fenômeno em particular. Entretanto, conforme o autor (2012, p. 79), esta é uma possibilidade que deve ser melhor investigada, inclusive em outras comunidades de fala do Nordeste, para verificar o que ocorre nesse sentido e ver se realmente esse aspecto formal e sociolinguístico de alternância entre as formas *ter* e *estar com* do PB podem refletir estágios do processo de mudança linguística que culminou no uso generalizado do possessivo *ter* em construções existenciais.

Costa (2010) realizou um estudo sobre “*Gênero no determiner phrase, na fala de moradores da comunidade quilombola Muquém*”, no qual investigou se havia marcação de gênero nos DPs nominais e pronominais pesquisados.

Nesse estudo, a autora analisa como DP nominal (determinante [D] + nome [N]); e como DP pronominal as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e do plural, ambos apresentam aspectos significativos responsáveis pela estrutura (gêneros masculino e feminino) e pela concordância interna. Porém, esses mesmos DPs denotam características linguísticas peculiares de acordo com os traços *phi*, que são os traços de gênero, número e pessoa, bem como com a marcação de gênero. Assim, Costa (2010) apresenta alguns exemplos de como isso ocorre na fala de Muquém.

Nesse sentido, ela observa que os DPs nominais possuem diferenças estruturais importantes com relação à determinação de gênero, como nos exemplos (os filho; os habitantes; o rapaiz); no primeiro caso, percebemos o traço ϕ de gênero no determinante [o] e no nome [o]; no segundo caso, percebemos o traço ϕ de gênero apenas no determinante [o] + o nome *habitantes* que simplesmente não possui marca de gênero visível, pois apresenta uma única forma lexical para o feminino e para o masculino; no terceiro caso, vemos o traço ϕ de gênero no determinante [o] + o nome *rapaiz* cuja forma lexical já é própria para o masculino.

Com relação aos DPs pronominais, Costa (2010) percebeu que eles também apresentam particularidades importantes quanto à marcação de gênero, desse modo, a autora verificou que os DPs pronominais de 1ª pessoa do singular e do plural (eu, a gente, nós e nós) não possuem o traço ϕ de gênero; os de 2ª pessoa do singular e do plural (você e vocês) também não possuem o traço ϕ de gênero; mas os de 3ª pessoa do singular e do plural (ele, ela, eles, elas) apresentam o traço ϕ de gênero nas sentenças analisadas.

De modo geral, percebemos no trabalho de Costa (2010) que os dados de Muquém apresentam rica marcação de gênero.

Salgado (2009) realizou um estudo sobre “*A concordância entre sujeito e predicativo do sujeito na fala da comunidade quilombola Muquém – AL: estudo sócio-histórico linguístico*” no qual verificou que a CV entre sujeito e predicativo do sujeito e a CV entre esses dois elementos e o verbo dependem de fatores como: a)

tipo de sujeito e b) referência ao falante no discurso para que a regra variável de concordância seja aplicada.

Com relação ao primeiro item listado acima, a autora (2009, p. 100) diz que a marcação da CV está relacionada à marcação da concordância entre sujeito e predicativo e a não marcação de CV está relacionada a não marcação de CV entre os outros elementos da estrutura predicativa – o que a leva a concluir que o efeito do paralelismo estrutural (marcas levam a marcas) está atuando nesse grupo de fator; com relação ao segundo item, tipos de sujeito, a autora verifica que sujeitos explícitos constituídos de nominais no singular favorecem a marcação da concordância entre o sujeito e o seu predicativo; em se tratando da referência ao falante no discurso, ela observou que há uma forte tendência para marcação da regra variável de concordância entre o sujeito e o seu predicativo quando o falante fala de si próprio na sentença.

Santos (2005) faz um estudo sobre “*O uso da variante /e/ no final das palavras monossilábicas Deus e mais por falantes da comunidade Muquém*”, no qual observa a presença das variantes *Deuse* e *maise* que, como podemos ver incluem o fonema /e/ em posição de coda, na fala desses afrodescendentes. Nesse trabalho, a autora observou que tal fenômeno é decorrente de uma variação fonológica chamada de metaplasmo por acréscimo que, por sua vez, é denominado *epítese* ou *paragoge*.

Assim, ela define em que contexto a paragoge ocorre na fala de afrodescendentes de Muquém. Sabemos que se trata de um substantivo masculino (Deus) e de um advérbio de intensidade (mais), ambos monossilábicos e compostos por ditongo decrescente seguidos do fonema /s/ em que se observa a inclusão do fonema /e/ em posição final, permitindo, assim, a construção de uma nova sílaba para atender ao padrão silábico do PB que é consoante + sílaba (CV). O primeiro caso parece ocorrer, conforme a análise feita pela autora, no final de sentenças (eu acredito em Deuse); já o segundo ocorre quando a palavra precedente começa por vogal (ah minha fia maise eu só miorava quando Deus quiria).

Em 2011, essa mesma autora realizou um novo estudo na comunidade denominado *O uso das formas apocopadas de mas e mais na língua falada em*

Muquém: um estudo em sociolinguística, no qual observa algo novo em relação ao fenômeno da paragoge anteriormente estudado. Desta vez, Santos (2011) verifica que a conjunção adversativa *mas* e o advérbio de intensidade *mais* apresentam uma variação fonológica que consiste não num acréscimo de fonemas, como em *maise* (paragoge), mas numa redução deles (*mai/ ma* por *mas* ou *mais*), semelhantemente ao que tem ocorrido com o fonema /r/ em posição de coda no PB, principalmente em formas verbais, como *comê* por *comer*, *fazê* por *fazer*, por exemplo, fenômeno este que é denominado *apócope*.

Nesse estudo, Santos (2011) constata que o apagamento do /s/ e /i/ finais nas monossilábicas *mas* e *mais* se apresenta no seguinte contexto sócio-estrutural: a) jovens e adultos são os que mais fazem uso das variantes *mai* e *ma*; b) homens usam mais as formas apocopadas; c) conforme o nível de escolaridade vai aumentando, o índice de ocorrência das variantes não padrão *mai* e *ma* vai diminuindo significativamente, chegando a desaparecer por completo da fala dos falantes com nível médio e superior e d) o fenômeno da *apócope* ocorre bem mais quando se trata do advérbio de intensidade *mais* do que da conjunção de adversidade *mas*.

Interessante observarmos que da primeira pesquisa de Santos, em 2005, para a segunda, em 2011, há um espaço de tempo relativamente pequeno (6 anos) para que percebêssemos uma mudança quanto a variação fonológica (acrécimo de fonemas/ redução de fonemas) observada nas monossilábicas *mais* e *mas*; o que nos leva a um questionamento básico: o que ocorreu? Já que em seu segundo trabalho a autora não menciona nenhum caso de variação fonológica por acréscimo, mas apenas a presença de variação fonológica por redução. Desse modo, constatamos que o fenômeno da paragoge descrito anteriormente já existia nessa comunidade, mas não foi alvo da segunda pesquisa dessa autora e, portanto, o dado não aparece no *corpus* analisado.

Por fim, o PET - Letras/ UFAL (2011) realizou um estudo com o tema *Comunidade quilombola Muquém: um estudo sobre a concordância nominal de número entre os elementos do sintagma nominal da fala de moradores dessa comunidade*, no qual se verifica a perda de traços na concordância nominal (CN) entre os elementos do SN na fala desses afrodescendentes – em muitos casos se

observou a ausência do /s/ na marcação de plural do nome, mas se observou a sua presença no determinante, como vemos em “os canto”.

Segundo o PET - Letras/ UFAL (2011, p. 185), não é possível relacionar tal fenômeno ao processo de africanização do PB, uma vez que ele ocorre na fala de brasileiros e de brasileiras de outras comunidades de fala do país, inclusive comunidades rurais. Os grupos de fatores que se demonstraram relevantes nesse estudo foram: a) faixa etária e b) nível de escolaridade, assim, falantes mais novos e com maior nível de escolaridade fazem mais uso da CN entre os elementos do SN do que os demais nessa análise.

Nos trabalhos descritos acima, assim como no trabalho que desenvolvemos aqui, os resultados obtidos em vista dos fenômenos estudados nos desautorizam a afirmar a hipótese da contribuição de LAs para o processo de formação do PB, pelo menos, nessa comunidade de fala, assim, uma alternativa possível na tentativa de dar continuidade a esta investigação é realizar estudos comparativos entre a fala desses afrodescendentes e a de outras comunidades do Nordeste, por exemplo, ou a de outras comunidades quilombolas do país, bem como a de outras comunidades negras do mundo para verificar possíveis semelhanças e diferenças. Dessa maneira, objetivamos realizar um estudo posterior sobre o fenômeno da CV em sintaxe comparativa com a variedade do PB falado em Muquém e uma variedade do Crioulo Cabo-verdiano, com o objetivo de verificarmos possíveis semelhanças entre essas línguas, assim como, diferenças também.

3.2 Variável dependente

(...) em primeiro lugar, você deve apresentar, definir e caracterizar detalhadamente cada uma dessas concorrentes – as variantes, pois é somente a partir do perfil individual das variantes que você poderá explorar as armas de que cada uma dispõe, bem como avaliar os contextos mais favoráveis à derrota de uma e à vitória de outra. A essa descrição detalhada das variantes daremos o nome de envelope de variação. O envelope consiste no elencamento das adversárias de um campo de batalha. (TARALLO, 1986, p. 33-34).

Naro e Scherre (2007) afirmam que os dialetos não padrão do PB apresentam, de modo geral, fenômenos de concordância variável, exemplos disso são a concordância variável de número verbo/ sujeito, a concordância variável de número entre os elementos do SN e a concordância variável de número no sintagma predicativo.

Neste trabalho e conforme os autores acima, verificamos que a concordância variável de número e pessoa verbo/ sujeito é uma variável dependente binária, pois apresenta duas formas concorrentes, uma, a + CV, é considerada padrão, conservadora e de prestígio; a outra, - CV, é considerada não padrão, inovadora e estigmatizada. Vejamos alguns exemplos retirados do *corpus* publicado em Moura (2009) que comprovam tal variação:

19. + CV:

- a) “**Os rapazes** daqui *migram* tudo pra Mato Grosso Bahia pra cortá cana fora” [MNS, l. 107-108, p. 54]
- b) “E **os funcionário da iscola** são todos daqui” [ANS, l. 112, p. 30]

20.- CV:

- a) “E **os mái véio** *cota* cana” [MNC, l. 47, p. 10]
- b) “**As terra** é do pessoá mermo” [MNC, l. 162, p. 14]

Acima selecionamos quatro exemplos com SN-sujeitos nos quais averiguamos que a marca de plural é expressa apenas no determinante, com exceção da sentença 19 a. As sentenças 19 a e b são exemplos da aplicação de + CV, enquanto as sentenças 20 a e b são exemplos da ocorrência de - CV. A tabela abaixo ilustra bem esse quadro de variação de acordo com os resultados dados pelo programa GOLDVARB X.

Figura 6 - Resultados do quadro de variação de CV no dialeto do PB falado por afrodescendentes de Muquém

Variantes	Ocorrências	Porcentagens
+ CV	385	54,1%
- CV	326	45,9%
Total	711	100%

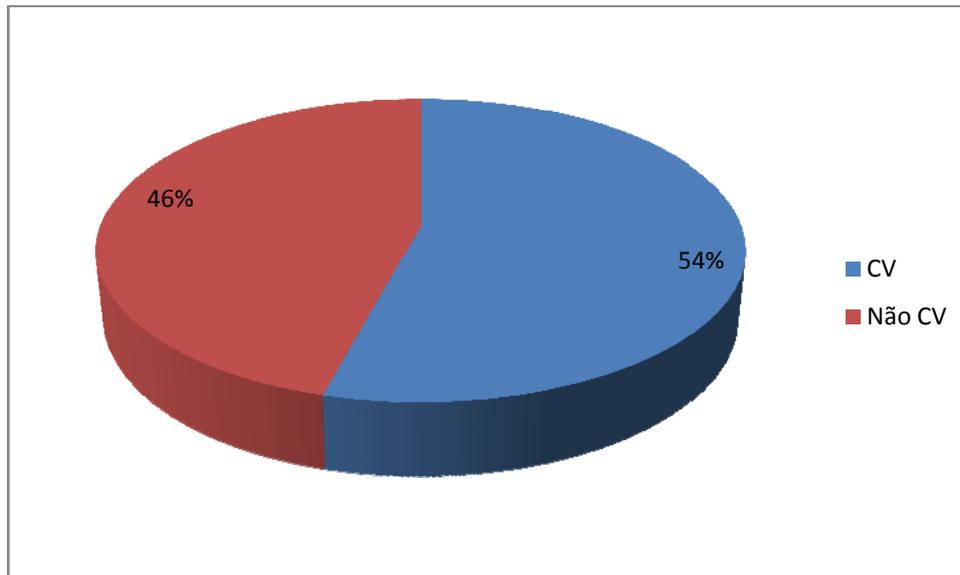
Fonte: Autora, 2013.

Podemos constatar que os dados numéricos apresentados na tabela acima são bastante significativos, uma vez que oferecem subsídio para que se comprove a hipótese central deste trabalho de que a CV do dialeto do PB falado em Muquém apresenta variabilidade. Porém, apesar de a variante padrão ocorrer em maior proporção nos dados de fala analisados do que a variante não padrão, há uma diferença percentual de apenas 8,2% de uma (+ CV) para a outra (- CV).

Esses resultados adquirem particular importância se levarmos em conta que a maior parte dos informantes que constituem o *corpus* analisado possui nível de escolaridade mínimo ou inexistente (6 informantes), seguida de uma minoria que possui nível Fundamental II completo ou cursando (3 informantes) e outros três informantes com nível Médio completo ou cursando – o que nos levou a ponderar inicialmente que uma comunidade de fala com um nível de escolarização tão baixo faria um uso bem maior em termos percentuais da variante não padrão do que da variante padrão e pesa sobre essa hipótese o fato de considerarmos o fator escolaridade relevante para o fenômeno estudado.

Vejamos a seguir o quadro de variabilidade do fenômeno de CV no dialeto da comunidade de fala em estudo em valores percentuais:

Figura 01 - Concordância Verbal: um caso de variação



Fonte: Autora, 2013.

O gráfico acima, assim como todos os outros gráficos deste trabalho, foi feito no programa computacional Excel 2007 que não aceita o símbolo “+”, desse modo, somente nesse caso, para identificarmos + CV e – CV utilizamos os símbolos CV e Não CV, respectivamente. Além disso, para a confecção desse gráfico, utilizamos os dados numéricos referentes a quantidade de ocorrências de cada variante e o mesmo programa estabeleceu o valor percentual representado acima para cada uma delas.

Cientes de que o fenômeno estudado apresenta comportamento variável, buscamos compreender melhor como ocorre tal variabilidade identificando quais os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem a variante padrão.

3.3 Variáveis significativas

Esses fatores contextuais são organizados em grupos de fatores (...). Cada grupo de fatores pode ser definido como um *lócus* na regra variável onde ocorre o condicionamento e consiste em uma lista exaustiva de todos os possíveis fatores mutuamente exclusivos que podem ocorrer naquele *lócus*. Assim, os grupos de fatores são variáveis independentes, e os fatores no grupo são os valores possíveis dessa variável independente. (GUY e ZILLES, 2007, p. 38).

As variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas compõem o quadro de análise do modelo sociolinguístico. São elas que determinam o campo de variação da variável dependente, ou seja, os contextos estruturais e sociais que favorecem ou inibem o uso de cada uma das variantes que compõem o envelope de variação estudado.

Ao decorrer deste capítulo, discutiremos cada uma das variáveis independentes contempladas neste trabalho, tomando por base os contextos estruturais e sociais que favorecem ou inibem a variante padrão e a variante não padrão, as nossas hipóteses para cada uma delas e quais foram consideradas significativas ou não pelo programa GOLDVARB X. Apresentaremos tabelas e gráficos para representarmos o número de ocorrências de cada variável no processo de quantificação dos dados, assim como o percentual de aplicação e o Peso Relativo (PR.), tudo isto de acordo com o valor de aplicação de + CV.

Como variáveis significativas, isto é, aquelas que condicionam a variante padrão nesta análise, o programa selecionou as seguintes, exatamente nessa ordem:

1. Relação número-pessoa
2. Elementos intervenientes entre sujeito e verbo
3. Idade

Vejamos a seguir cada uma delas de acordo com o grau de relevância dado na sequência acima.

3.3.1 A variável relação número-pessoa

Para a variável relação número-pessoa entre sujeito e verbo, destacamos três possíveis fatores condicionantes, a saber: a) terceira pessoa do plural “eles ou elas” e SN no plural; b) primeira pessoa do plural “nós”; e c) expressão pronominal “a gente”. Nesses contextos, o SN-sujeito é um sintagma presente na oração que pode ser recuperado na sentença anterior da fala do próprio informante ou do pesquisador. Com relação à primeira categoria delimitada, o SN-sujeito pode ser simples ou composto, porém há somente uma ocorrência de sujeito composto no *corpus*; pode ser nucleado por nome, pronome (pessoal, indefinido, demonstrativo, de tratamento), numeral ou advérbio. Com relação a esta variável, nossa hipótese é de que a terceira pessoa do plural “eles ou elas” e o SN no plural e a expressão pronominal “a gente” na posição de sujeito condicionam a + CV, enquanto a primeira pessoa do plural “nós” na posição de sujeito deverá inibi-la favorecendo, assim, a variante não padrão. Vejamos a tabela a seguir que apresenta o quadro de ocorrências, porcentagens e PR. dessa variável.

Figura 7 - Grupo 1: Relação número-pessoa

Relação número-pessoa	Total de ocorrências	de Ocorrências (+ CV)	%	PR.
“eles ou elas” e SN no plural	505	234	46,3	.37
“nós”	60	13	21,7	.17
“a gente”	146	138	94,5	.92

Fonte: Autora, 2013.

A partir da observação do quadro acima, vemos que a preferência por uso da terceira pessoa do plural “eles ou elas” e SN no plural na posição de núcleo do SN-sujeito na fala de afrodescendentes de Muquém lidera o ranking de ocorrências com 505 realizações, mas, apesar disso, o PR. é de apenas .37. Nesse caso, pode ser relevante verificarmos qual a natureza desses nomes e como eles aparecem na posição de sujeito. Vejamos alguns exemplos:

21. “**Essas onze família** *permanece* na comunidade” [ANS, l. 81, p. 29] (- CV)
22. “**Os mais velhos** que *contava* a história a esses mair novo” [IRNS, l. 187, p. 33] (- CV)
23. “**Os minino** num *mexe*” [FPS, l. 224-225, p. 45] (- CV)

Nos exemplos acima, percebemos que os núcleos dos SN-sujeitos são substantivos no singular, no plural ou com valor semântico de plural e figuram em contextos em que apenas o determinante encontra-se no plural ou mais de um elemento do SN, como no caso da sentença 22, os sujeitos são simples e as sentenças são curtas. Nesses casos, o PR. é de apenas .37 com relação a + CV, o que é considerado pouco significativo de acordo com o GOLDVARB X.

O uso da expressão pronominal “a gente” na posição de sujeito é líder absoluto no quesito aplicação de + CV, com valor percentual de 94,5% e PR. de .92 com relação à variante padrão, isto significa que os afrodescendentes realizam CV em quase 100% dos casos da ocorrência de “a gente” na posição de SN-sujeito. Já SN-sujeito nucleado pela primeira pessoa do plural “nós” condiciona a variante não padrão – o que acaba comprovando a nossa hipótese inicial para esses fatores. Vejamos os exemplos abaixo:

24. SN-sujeito nucleado pela expressão pronominal “a gente”:

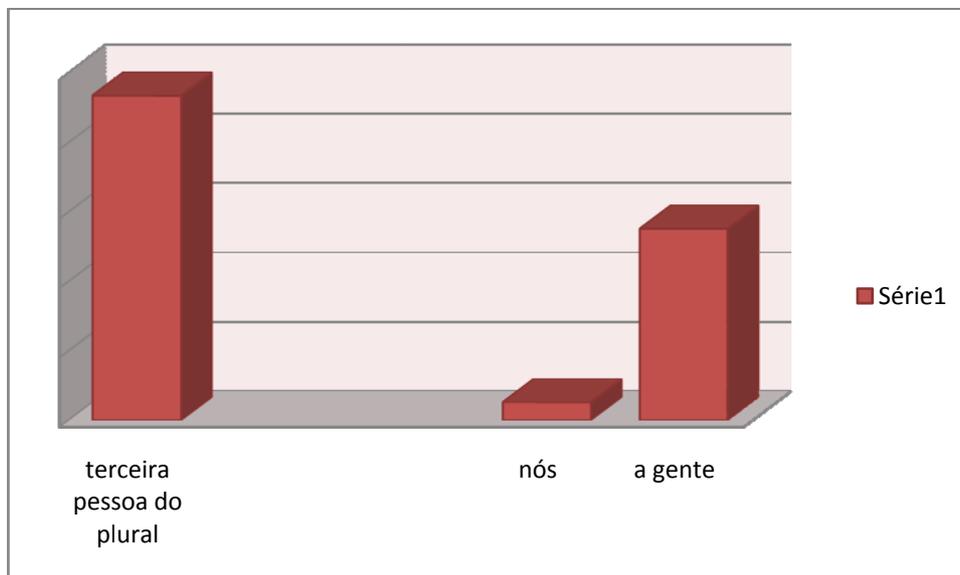
- a. “Hoje **a gente** véve do Muquém através da cana de açúcar né” [ANS, l. 99, p. 30] (+ CV)

- b. “**Rente** (gente) *planta* mandioca milho batata inhame macaxera tudo” [ANS, I. 109, p. 30] (+ CV)
- c. “E **a gente** *vamo continuá* o siviço” [IRNS, I. 333, p. 38] (- CV)
- d. “Mais agora Afe Maria **a gente** *tamo* numa praça” [MNS, I. 336-337, p. 61] (- CV)

25. SN-sujeito nucleado pela primeira pessoa do plural “nós”:

- a. “**Nóis** *temo* tradição com a Serra de Barriga” [FPS, I. 135, p. 43] (+ CV)
- b. “Porque **nóir** num *temo* dificuldade pa sê os quilombola da serra né” [LN, I. 507-508, p. 87] (+ CV)
- c. “**Nóis** aqui *fáiz* parte dos quilambola” [IRNS, I. 176, p. 33] (- CV)
- d. “**Nóis** *trabaia* na roça nesse tempo” [AJPS, I. 46, p. 73] (- CV)

Figura 02 - Resultados da ocorrência de + CV quanto à relação número-pessoa



Fonte: Autora, 2013.

No trabalho de Santos (2010), a variável número-pessoa também lidera a competição com as outras variáveis delimitadas no quesito relevância. Em sua

análise, a autora delimita quatro categorias para esta variável, a saber: a) primeira pessoa do singular “eu”; b) primeira pessoa do plural “nós”; c) terceira pessoa do singular “ele ou ela”, expressão pronominal “a gente” e SN; e d) terceira pessoa do plural “eles ou elas” e SN; destas temos particular interesse nas letras *b*, *c* e *d* que, segundo a autora, *b* e *d* desfavorecem a variante padrão, sendo que *a* e *c* apresentam um quadro de variação mais equilibrado. Fazendo uma comparação com os resultados apresentados neste trabalho, vemos que ocorre o oposto – uma vez que a “terceira pessoa do plural e SN” é o fator mais recorrente e “expressão pronominal “a gente”” é o que mais condiciona a variante padrão, porém, no caso do fator “primeira pessoa do plural”, podemos dizer que ele também condiciona a variante não padrão.

Rodrigues (1997) mostra que o pronome pessoal “eles ou elas” também se demonstrou relevante para a aplicação de concordância com PR. de .65; já o fator “núcleo substantivo plural com marca apenas no determinante” se demonstrou favorável à variante não padrão, com PR. de .42.

3.3.2 A variável elementos intervenientes entre sujeito e verbo

A variável *elementos intervenientes entre sujeito e verbo na sentença* foi dividida em duas categorias de análise: *ausência* e *presença* de elementos. Para esta variável, acreditamos que a ausência de elementos entre sujeito e verbo na sentença favorece a variante padrão e a presença de elementos pode inibi-la. Fato já observado em outros trabalhos que se debruçaram sobre o mesmo fenômeno.

Por meio de uma análise paralela que realizamos sem a ajuda do GOLDVARB X, observamos a existência de dois tipos de sentenças em que ocorre a presença de elementos intervenientes: a) sentenças nas quais o SN-sujeito e os elementos intervenientes na relação sujeito-verbo aparecem explicitamente na sentença anterior, nesses casos sujeito e verbo se encontram distanciados por sentenças inteiras, importante observarmos que dentre as 335 sentenças em que há a ocorrência de elementos intervenientes, 196 delas se caracterizam da forma que

descrevemos acima: “E *tiveram* onze filho” [JEBS, l. 3-4, p. 2] em (aonde esse casal casaram [JEBS, l. 3, p. 2]/ fala anterior) e ““**A gente aqui** quando o rio inhenche fica ilhado” [MNS, l. 427-428, p. 64]”; destas, 102 aplicam a regra variável de CV e 94 não aplicam; b) sentenças que apresentam explicitamente tanto o sujeito quanto os elementos intervenientes: “Hoje **essas terra já tá** inventário” [JEBS, l. 67, p. 4], um total de 157 sentenças, dentre as quais 73 delas aplicam a regra variável de concordância e 84 não aplicam. Vejamos o gráfico abaixo que ilustra a ocorrência de presença e ausência de elementos intervenientes entre sujeito e verbo:

Figura 8 - Grupo 2: Elementos intervenientes entre sujeito e verbo

Elementos intervenientes	Total de Ocorrências	Ocorrências (+ CV)	%	PR.
Ausência	376	230	61,2	.56
Presença	335	155	46,3	.42

Fonte: Autora, 2013.

Por meio da ilustração acima, vemos que, de acordo com a variante padrão, a ausência de elementos intervenientes entre sujeito e verbo pode ser considerada um fator linguístico condicionante desse fenômeno. É relevante também identificarmos nas sentenças em que os elementos intervenientes se encontram explicitados qual a natureza desses elementos, bem como a sua quantidade. Com exceção de 24 sentenças, das 157 que apresentam explicitamente sujeito e mais de um elemento interveniente entre sujeito e verbo, 133 apresentam apenas um elemento interveniente que geralmente é: um **pronome** (quem, mesmo), um **advérbio** (já, não/ num, nunca, sempre, hoje, só, aqui, dentro, ainda, quando, agora, também) ou uma **conjunção** (que, e). Vejamos alguns exemplos do *corpus* analisado:

26. “**As terra nunca** foi disputada por ninguém né?” [ANS, l. 38, p. 28]
(advérbio) (- CV)

27. “**Eles** quem sabe” [MNC, l. 53-54, p. 10] (pronome) (- CV)

Agora, vejamos outros exemplos de sentenças em que aparece mais de um elemento interveniente:

28. “**A gente** aqui num tinha água incanada” [FPS, l. 97, p. 42] (+ CV)

29. “Aqui **a maioria** em União mesmo ainda tá muito difícil de valorizá”
[MNS, l. 280, p. 59] (+ CV)

Nas sentenças acima, vemos que as classes gramaticais que ocorrem como elementos intervenientes entre sujeito e verbo são: expressão pronominalizada e substantivo, além daquelas que foram citadas anteriormente e a única novidade é que, em alguns casos temos adjuntos adverbiais, como é o caso das sentenças 30, 31 e 32 a seguir, vejamos:

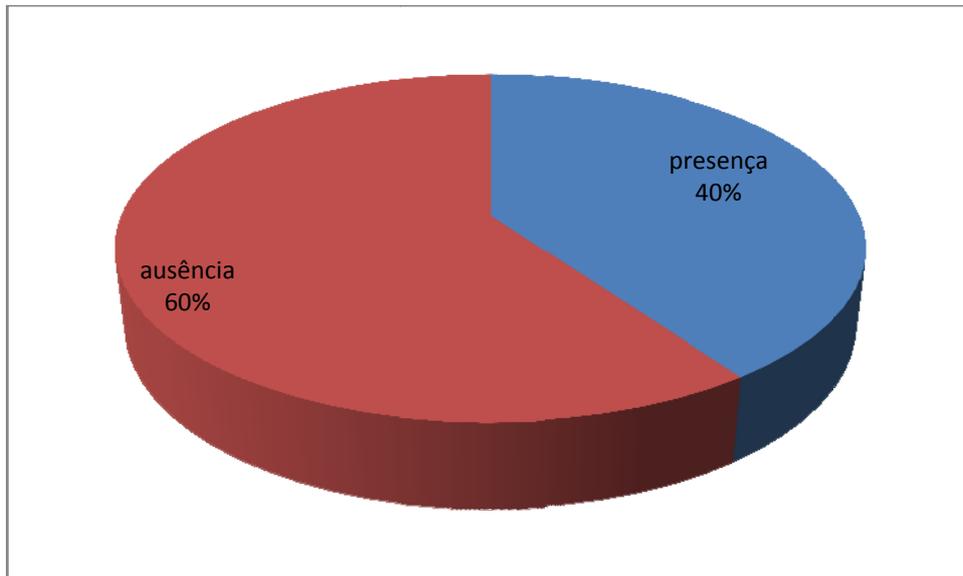
30. “**As casa** no início era de taipa” [FPS, l. 203, p. 45] (- CV)

31. “**A gente** o mês passado fizemo novo cadastro pa recebê o bôsa quilombola” [MNS, l. 346, p. 61] (- CV)

32. “Porque **a gente** aqui quando o rio inhenche fica ilhado” [MNS, l. 427-428, p. 64] (+ CV)

Nesses casos, percebemos que a aplicação da regra variável de CV encontra-se bastante equilibrada, 11 ocorrências de + CV e 13 ocorrências de – CV e que, conforme o número de elementos entre sujeito e verbo vai aumentando, há uma tendência a não marcação de + CV.

Figura 03 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com o grupo de fatores elementos intervenientes



Fonte: Autora, 2013.

Para Santos (2010), esta variável também é considerada estatisticamente relevante e, coincidentemente, também ocupa o segundo lugar quanto ao grau de relevância, nesse caso, os resultados da autora mostram que o fator ausência de elementos intervenientes entre sujeito e verbo condiciona a variante padrão, com valor percentual de 80% e PR. de .60, enquanto a presença de elementos desfavorece-a. Nesse sentido, percebemos a relevância dessa variável para o condicionamento da variante padrão em Muquém e em outra variedade do PB de Alagoas.

3.3.3 A variável idade

Com relação à variável idade, utilizamos três categorias de análise: FI – de 15 a 30 anos, FII – de 31 a 50 anos, FIII – de 51 anos em diante. Nossa hipótese para essa variável é a de que falantes mais jovens, das faixas FI e FII, fazem maior uso da variante padrão do que os falantes mais idosos, faixa FIII, tomando por base os

trabalhos referidos ao decorrer desta pesquisa. Vejamos o que nos mostra a tabela abaixo quanto aos resultados dados pelo programa GOLDFARB X:

Figura 9 - Grupo 3: Idade

Idade	Total de ocorrências	de Ocorrências (+ CV)	%	PR.
FI	208	137	65,9	.59
FII	265	131	49,4	.46
FIII	238	117	49,2	.45

Fonte: Autora, 2013.

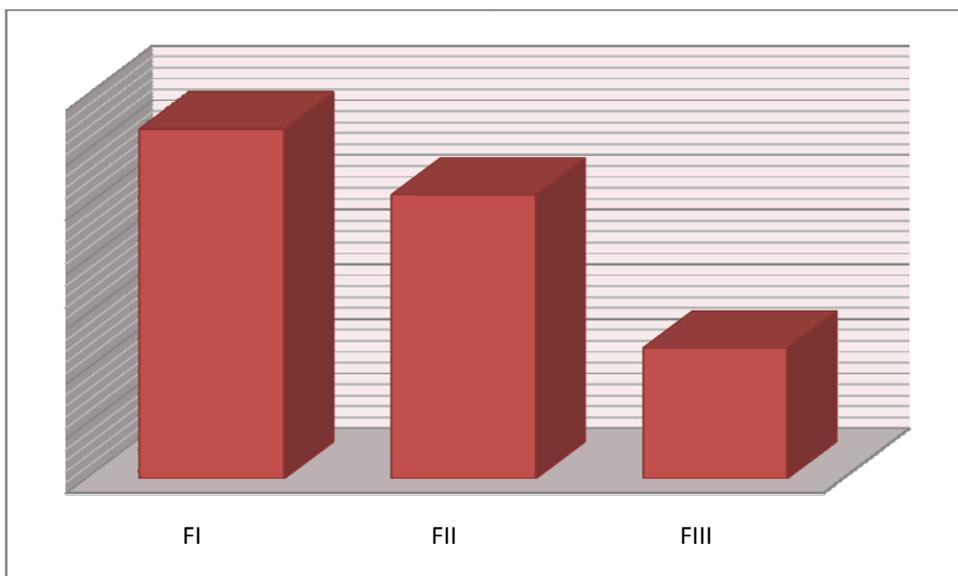
Da observação do quadro acima, apreendemos que, com relação ao PR., a faixa FI é considerada mais relevante para esta análise e, nesse momento, é interessante observarmos que os falantes dessa faixa estão todos em processo de escolarização enquanto os da faixa FIII, por exemplo, possuem nível de escolaridade mínimo ou inexistente. Assim, para fazermos um quadro de falantes de Muquém quanto a três aspectos: sexo, idade e escolaridade, verificamos que, dos quatro falantes da faixa-etária FI, três estão no nível de escolarização Ensino Médio e 1 está no nível Fundamental II, sendo duas mulheres e dois homens; dos quatro falantes da faixa-etária FII, dois estão no nível de escolarização Fundamental II e dois estão no nível mínimo ou inexistente, sendo duas mulheres e dois homens; dos outros quatro falantes da faixa-etária FIII, todos possuem nível de escolarização mínimo ou inexistente, sendo duas mulheres e dois homens.

Conforme Oliveira (2005), duas forças atuam no dialeto de Vitória da Conquista estudado em seu trabalho de acordo com o fator 'idade': (i) uma que caminha em direção à variante padrão e (ii) outra que caminha na direção oposta. Ou seja, falantes mais jovens preferem a variante padrão e falantes mais idosos optam pela variante não padrão – isto fica constatado nesta análise, como podemos verificar na tabela acima. Vejamos a seguir alguns exemplos retirados do *corpus* estudado neste trabalho:

1. FI
 - a. “**Os pais** são moreno moreno” [MNS, l. 77, p. 53] (+ cv)
 - b. “**Os filho** sai galego” [MNS, l. 77, p. 53] (- CV)
2. FII
 - a. “**Eles** falaro isso” [JEBS, l. 111, p. 5] (+ CV)
 - b. “Então **eles** fazia esse tipo de armadilha cum varas” [JEBS, l. 93, p. 4] (- CV)
3. FIII
 - a. “**A gente** varava tudinho” [FPS, l. 208, p. 45] (+ CV)
 - b. “**Nóir** mora aqui dento” [IRNS, l. 202, p. 34] (- CV)

Em Silva (2005), as primeiras faixas-etárias selecionadas pelo autor (FI- 20 a 40 anos e FII- 41 a 60 anos) condicionam a variante padrão, com PR. de .54 em cada um deles. Porém, nesta análise, constatamos que os falantes da segunda e terceira faixa-etária apresentam dados estatísticos bem próximos. Esse fato acaba nos levando a considerar que o comportamento linguístico de ambos é bastante semelhante com relação ao fenômeno da CV.

Figura 04 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com a variável idade



Fonte: Aurora, 2013.

Na ilustração acima, vemos claramente o grau de significância de cada uma das categorias selecionadas quanto à aplicação de + CV para o grupo de fator idade. Em primeiro lugar FI, em segundo lugar FII e, em terceiro e último lugar, FIII, confirmando a hipótese inicial.

3.3.4 A variável escolaridade – um caso à parte

A variável escolaridade está dividida em três categorias de análise: nível mínimo ou inexistente, nível Fundamental II completo ou cursando e nível Médio completo ou cursando. Nesse caso, fizemos um levantamento de ocorrências observamos que nos exemplos há + CV e - CV:

1. Mínimo ou inexistente:

- a. “**A gente** *divia* *chamá* União dos Palmare né?” [FPS, I. 129-130, p. 43] (+ CV)
- b. “**Eles** *come* tudinho” [FPS, I. 234, p. 46] (- CV)

2. Fundamental II:

- a. “E **eles** *se juntaro*” [ANS, I. 4, p. 27] (+ CV)
- b. “**Eles** *foi* um dos grande herói” [ANS, I. 18, p. 27] (- CV)

3. Médio:

- a. “**A gente** *mermo* num *sabe* assim de fato real como é” [MNS, I. 38, p. 52] (+ CV)
- b. “**Os moradores** *bota* cada um no seu quintal pra dormi” [MNS, I. 92-93, p. 54] (- CV)

Nossa hipótese para esta variável é que quanto maior for o nível de escolaridade do falante, mais ele vai se aproximar da variedade padrão da língua,

isto é, mais ele fará uso das variantes ditas padrão, conservadoras e que gozam de maior prestígio social. Assim, acreditamos que a escolarização é um fator de grande relevância para o fenômeno estudado. Vejamos o quadro abaixo que mostra os resultados dessa análise:

Figura 10 - Grupo 4: Escolaridade – uma análise à parte

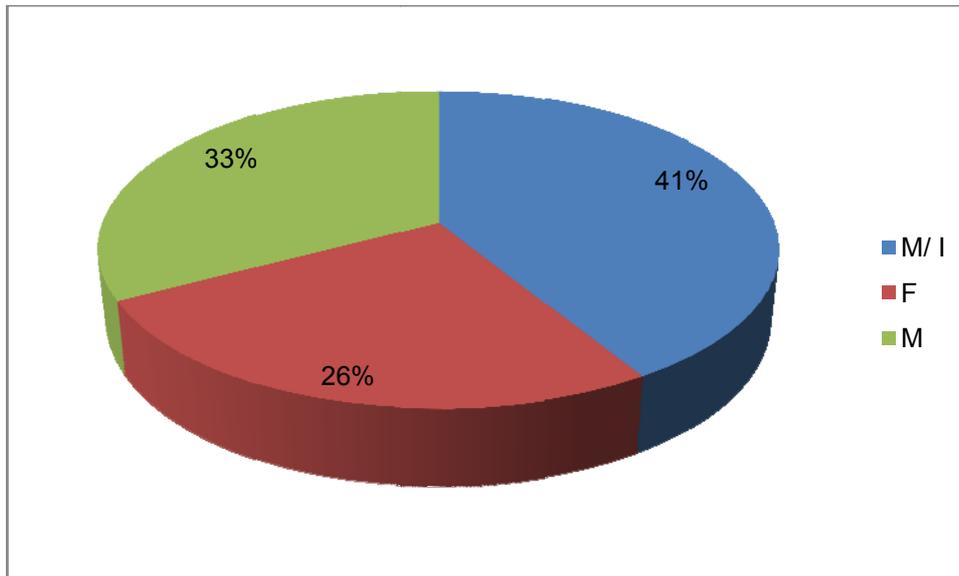
Nível de escolaridade	Ocorrências (+ CV)	Ocorrências (- CV)	Total de ocorrências
Mínimo ou Inexistente	160	178	338
Fundamental II completo ou cursando	100	96	196
Médio completo ou cursando	127	52	179

Fonte: Autora, 2013.

Da leitura da tabela acima, percebemos que os falantes com menor nível de escolaridade (mínimo ou inexistente) fazem mais uso da variante padrão. Não é de estranharmos que isto ocorra, uma vez que os falantes com menor nível de escolaridade são os responsáveis pelo maior número de sentenças produzidas, 338 sentenças. Desse modo, é compreensível que a ocorrência de + CV seja maior entre esses falantes, bem como a ocorrência de – CV, conforme o explicitado acima. Para termos uma ideia mais clara do que ocorre nesse caso, vejamos os resultados da aplicação de + CV expostos na tabela anterior em dados percentuais no gráfico que segue:

No gráfico abaixo, identificamos escolaridade mínima ou inexistente como M/I, Fundamental II completo ou cursando como F, e Ensino Médio completo ou cursando como M.

Figura 05 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com o grupo de fatores escolaridade



Fonte: Autora, 2013.

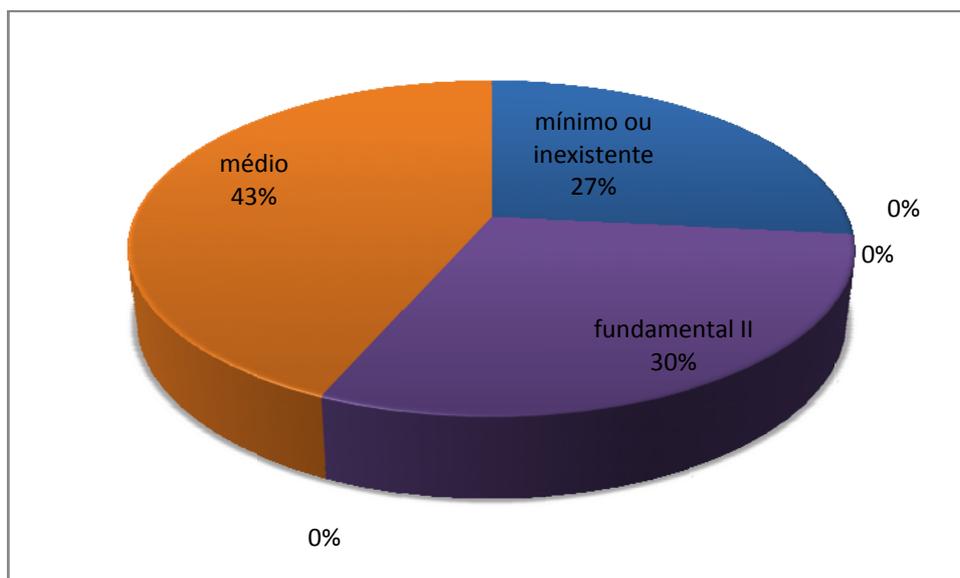
Da leitura desse gráfico, depreendemos que a categoria escolaridade mínima ou inexistente é a que mais favorece a aplicação da regra variável de CV, em seguida, aparece a categoria Fundamental II completo ou cursando; já a categoria Médio completo ou cursando é a última selecionada como relevante para a aplicação de + CV. Acreditamos que isto só ocorre por conta da enorme disparidade na quantidade de dados de fala analisados entre as categorias selecionadas – conforme dito anteriormente. Porém, se igualarmos a quantidade de dados, colocando 100 dados para cada categoria analisada, o que ocorrerá? Vejamos uma segunda tabela abaixo:

Figura 11 - Escolaridade – dados equiparados

Nível de escolaridade	Ocorrências (+ CV)	Ocorrências (- CV)	Total de ocorrências
Mínimo ou inexistente	41	59	100
Fundamental II	46	54	100
Médio	67	33	100

Fonte: Autora, 2013.

Na tabela acima, com os dados equiparados para a análise obtivemos resultados diferentes que apontam para a significância dessa variável e para a comprovação da nossa hipótese para esta variável, uma vez que, conforme aumenta o nível de escolaridade do falante, mais uso da variante padrão ele faz, pois falantes com nível de escolaridade mínimo ou inexistente apresentam 41 ocorrências de + CV e falantes com Ensino Médio completo ou cursando, 67 ocorrências. Para uma melhor visualização desse quadro, vejamos um outro gráfico a seguir:

Figura 06 - Resultados da aplicação de + CV conforme a variável escolaridade com dados equiparados

Fonte: Autora, 2013.

Para Santos (2010), esta variável foi a última selecionada pelo programa GOLDVARB X como relevante, para a qual a autora delimita dois fatores: início do Ensino Fundamental e Fim do Ensino Fundamental, com PR. de .56 para este último com relação à variante padrão - o que nos mostra a importância da escolarização para o fenômeno em estudo nesse trabalho.

Oliveira (2005) diz que o fator 'escolaridade' tanto pode condicionar a variante padrão quanto a variante não padrão e mostra que esse é o fator social mais relevante para a variante padrão em seu trabalho. Em nosso caso, essa variável condiciona a variante não padrão, como podemos ver no gráfico acima.

Os dados de Rodrigues (1997) mostram que o grupo de fatores escolaridade é relevante para o estudo da CV, pois, conforme vai aumentando o nível de escolarização do falante, aumenta também a possibilidade de aplicação de concordância, como vemos a seguir: a) analfabetos (PR. de .40); b) do primeiro ao quinto ano (PR. de .44) e c) do sexto ao nono ano (PR. de .66).

No trabalho de Silva (2005), a variável escolaridade, que foi dividida em duas categorias (escolarização precária ou analfabeto), apresenta PR. equilibrado de .58 e .40, respectivamente.

Gonçalves (2007) mostra que, em seu trabalho, os fatores: 'sujeito posposto' e 'nível de escolarização mínimo (até quatro anos de escolarização)' são os mais significantes no condicionamento da variante não padrão em sua análise.

Em todos os trabalhos mencionados acima, a variável 'escolaridade' seleciona fatores que apresentam maior nível de escolarização como condicionantes da variante padrão. Em nosso caso, essa variável também seleciona categorias com maior nível de escolarização como fatores condicionantes da variante padrão (médio e fundamental II, exatamente nessa ordem), enquanto categorias com menor nível de escolaridade favorecem a variante não padrão (mínimo ou inexistente e fundamental II, exatamente nessa ordem).

3.4 Variáveis não significativas

Conforme o programa GOLDVARB X, as variáveis consideradas não significativas com relação à variante padrão foram exatamente nessa ordem:

1. A variável Sexo
2. A variável Posição do sujeito

3.4.1 A variável Sexo

A variável sexo compreende duas categorias: masculino e feminino. Nossa hipótese para ela é que a segunda categoria se demonstrará mais relevante que a primeira quanto à aplicação de + CV, para isto partimos de trabalhos como o de Rodrigues (1997). Porém, essa variável não foi considerada significativa pelo programa GOLDVARB X.

1. Masculino:
 - a. “Porque **os homens** *trabalham* na usina Serra Grande” [JIBN, l. 137, p. 70] (+ CV)
 - b. “E lá **eles** pelo menos *consegue juntá* dinheiro aqui não” [JIBN, l. 142, p. 70] (- CV)
2. Feminino:
 - a. “Então **esses mininos** *ficavam* tudo no mêi da rua sem tê o que fazê” [MNS, l. 143, p. 55] (+ CV)
 - b. “Aí sempre **os mininos mais velhos** já que já *aprendeu* com o Néio da capoeira” [MNS, l. 157-158, p. 55-56] (- CV)

Vejamos o que nos mostra a ilustração dos resultados dados por este programa na tabela abaixo, na qual se depreende que as mulheres realizam mais sentenças que os homens, 405 contra 306 e fazem mais uso da variante padrão do que eles, 56,5% contra 51,0%.

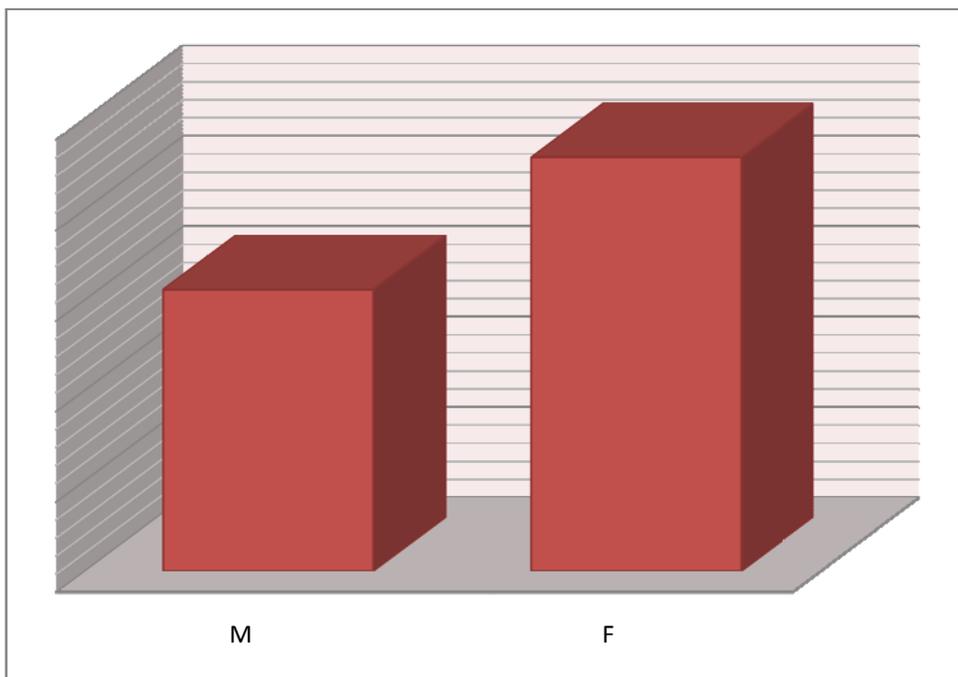
Figura 12 - Grupo 5: Sexo

Sexo	Total de ocorrências	de Ocorrências (+ CV)	%	PR.
Masculino	306	156	51,0	Não significante
Feminino	405	229	56,5	Não significante

Fonte: Autora, 2013.

Podemos dizer que, de certo modo, nossa hipótese inicial para esta variável não foi de todo descartada, uma vez que as mulheres realizam 229 ocorrências de + CV com valor percentual de 56,5%, enquanto os homens realizam 156 ocorrências de + CV, 73 a menos que as mulheres, com valor percentual de 51%, 6,5% a menos que elas.

Figura 07 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com o grupo de fatores sexo



Fonte: Autora, 2013.

No gráfico acima, usamos M para masculino e F para feminino, assim podemos ver que, mesmo esse grupo tendo sido considerado não significativo pelo GOLDVARB X, os falantes do sexo feminino fazem mais uso da variante padrão do que os falantes do sexo masculino.

Rodrigues (1997) aponta que mulheres fazem mais CV do que os homens, com PR. de .53 contra .46. A proximidade entre esses dados numéricos nos mostra que o fator 'sexo' para o estudo do comportamento variável de CV é neutro, ou seja, não significativo.

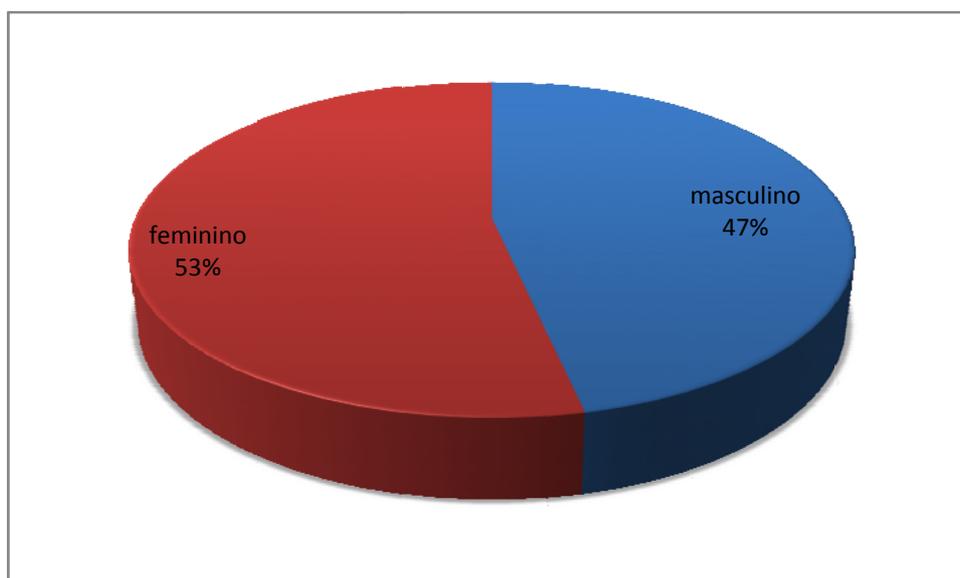
Em Silva (2005), os homens fazem mais concordância do que as mulheres (PR. de. 57 contra PR. de. 43), porém ainda percebemos uma proximidade numérica entre os dados, o que leva à neutralidade desse fator condicionante social. Assim, mesmo que essa variável tenha sido considerada irrelevante pelo programa GOLDVARB X, não podemos deixar de observar que as mulheres realizam mais sentenças e fazem mais uso da variante padrão do que os homens. Porém, como os dados analisados não se encontram equiparados, vejamos o que ocorre se fizermos uma análise paralela a esta com os dados emparelhados:

Figura 13 - Grupo 5: Sexo – análise à parte com dados equiparados

Sexo	Ocorrências (+ CV)	Ocorrências (- CV)	Total de ocorrências
Masculino	157	150	307
Feminino	180	127	307

Fonte: Autora, 2013.

Como podemos observar na tabela acima, mesmo equiparando os dados, as mulheres fazem mais uso da variante padrão do que os homens, confirmando segunda vez a hipótese levantada para esta variável. Para uma melhor visualização desse quadro, vejamos um segundo gráfico a seguir:

Figura 08 - Resultados da aplicação de + CV de acordo com o grupo de fator sexo com os dados equiparados

Fonte: Autora, 2013.

3.4.2 A variável Posição do sujeito

Quanto à posição do sujeito, abordamos nesta investigação sujeito anteposto e sujeito posposto ao verbo e verificamos, de forma geral, qual a natureza desse sujeito sem, no entanto, nos determos a delimitar o grau de proximidade ou distância entre sujeito e verbo nas sentenças analisadas.

Gonçalves (2007, p. 63) afirma que:

As análises variacionistas revelaram que a presença, posição e distância do sujeito, em relação ao verbo, também influenciam a ausência ou presença da marca de concordância. Todos os estudos apontam a posição à esquerda do verbo – posição de proeminência tópica – como favorecedora da presença da marca de plural do verbo, independentemente do grau de escolarização dos falantes.

Para esta variável, sugerimos que sujeito anteposto ocorrerá em maior quantidade que sujeito posposto e que o contexto mais favorável para a ocorrência da variante padrão é “sujeito anteposto ao verbo” e o fator “sujeito posposto verbo” tende a condicionar a variante não padrão. Vejamos a tabela a seguir:

Figura 14 - Grupo 6: Posição do sujeito

Posição do sujeito	Total de ocorrências	de Ocorrências (+ CV)	%	PR.
Anteposto	659	360	54,6	Não significante
Posposto	52	25	48,1	Não significante

Fonte: Autora, 2013.

Ao contrário do que supúnhamos, a posição do sujeito em relação ao verbo na sentença não condiciona a variante padrão nessa comunidade, como vemos na tabela acima. Mas, uma coisa é certa, sujeito anteposto ao verbo lidera o número de ocorrências (659) contra apenas 52 ocorrências de sujeito posposto, o que demonstra uma preferência natural desses falantes por sentenças do tipo sujeito-verbo-objeto (SVO). Vejamos a seguir alguns exemplos dos dados de fala analisados com sujeito anteposto ao verbo na sentença:

33. Sujeito anteposto (+ CV):

- a) “**As casa** são interessante” [JA, l. 737, p. 95]
- b) “**Aí os minino** foro inté mais eles pa amostrá os rumo né?” [LN, l. 528-529, p. 88]
- c) “**Aí uir mais sabido** foro tirano pedacinho trocano po coisas barata” [IRNS, l. 200, p. 34]
- d) “E agora **os minino** tão sorto à vontade” [AJPS, l. 93, p. 75]

34. Sujeito anteposto (- CV):

- a) “E **os home** ficava só na retaguarda iscondhido” [JEBS, l. 129, p. 6]
- b) “**Os senhores** queria tomá a terra né?” [MCNS, l. 154, p. 7]
- c) “**As pessoa aqui quase tudo** sabe nadá” [FPS, l. 286-287, p. 47]
- d) “**As casa** no início era de taipa” [FPS, l. 203, p. 45]

Mais uma vez, observamos que os SN-sujeitos são constituídos, na sua grande maioria, de determinante no plural + nome no singular concordando ou não com o verbo da sentença. Vejamos agora alguns exemplos com sujeito posposto:

35. Sujeito posposto (+ CV):

- a) “*Dize or mai veio*” [JAS, l. 143, p. 19] (Dizem os mais velhos)
- b) “*Morrero tudim cair mão dele*” [JAS, l. 148, p. 19]
- c) “*Aí cumeça aquele monte*” [FPS, l. 186, p. 44]
- d) “*Custuma vim muita gente* praqui” [FPS, l. 253, p. 46]

36. Sujeito posposto (- CV):

- a) “Mais *entrô cinco famílias* cum nome e sobrinome differenthe” [JEBS, l. 52-53, p. 3]
- b) “Só é da famia *úir mái veio*” [MNC, l. 38, p. 10]
- c) “*Diz os ôto* pa lá” [MNC, l. 108, p. 12]
- d) “*Morava cinco seis moradô* dibaxo” [JAS, l. 15-16, p. 15]

Apenas a título de curiosidade, mas sem a pretensão de nos determos nisto, observarmos qual a *natureza dos SN-sujeitos* nos dados estudados e verificamos que *sujeito anteposto* ao verbo geralmente se apresenta com: (i) marcas de plural apenas no determinante; (ii) núcleo constituído por substantivo com valor semântico de plural; (iii) sujeito simples e duplicado, vejamos alguns exemplos:

37. Marca de plural apenas no determinante:

- a) “Aonde **os filho** *foro casando*” [JEBS, l. 4, p. 2] (+ CV)
- b) “E **os marido** num *dexaro*” [AJPS, l. 35, p. 73] (+ CV)
- c) “**Os minino** *sai pum baile puma dança*” [AJPS, l. 90, p. 74] (- CV)
- d) “**Os minino** *solta* umas bombinha e pronto” [AJPS, l. 83, p. 74] (- CV)

38. Núcleo do sujeito constituído por substantivo no singular com valor semântico de plural:

- a) “**Aí a maioria do povo saí**” [JIBN, l. 105, p. 69] (+ CV)
- b) “**A maioria da família** agora *tá recebendo* o bôsa iscola ô bôsa família” [MNS, l. 339, p. 61] (+ CV)
- c) “**E a comunidade** *tão se juntando* aqui pra i cavano de um lado de ôtro” [MNS, l. 331, p. 61] (- CV)
- d) “Ah mais **o pessoal de fora** agora *tão muito valorizano*” [MNS, l. 289, p. 59] (- CV)

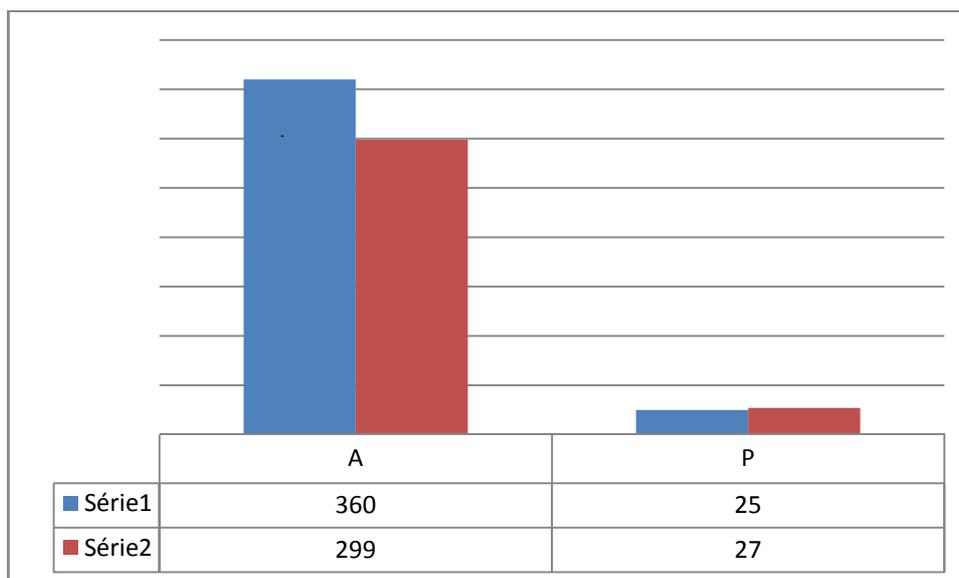
39. Sujeito duplicado:

- a) “**O povo o Muquém todo** *foi* uma iscritura só” [JEBS, l. 60-61, p. 3-4] (+ CV)
- b) “**Aí o pessoal todo mundo** *invadia* lá” [MNS, l. 439, p. 64] (+ CV)
- c) “**Esse premero casal eles** *vinhero* da Serra da Barriga” [ANS, l. 15, p. 27] (+ CV)
- d) “Hoje **a família do Muquém todos** *sabe* onde domina” [ANS, l. 53-54, p. 28] (- CV)
- e) “**Os professores os alunos todos** *somos* daqui” [MNS, l. 129, p. 55] (+ CV)

No que diz respeito ao sujeito posposto, observamos que ele aparece imediatamente depois do verbo sem a presença de elementos intervenientes, mas das 5 sentenças do *corpus* analisado neste trabalho em que ocorre a presença de apenas um elemento entre sujeito e verbo, 3 apresentam marcas de + CV “agora com relação a primos já *tão mudano as ideia*” e duas não apresentam “mair num *sintregô uir nego*”.

Para uma melhor visualização dos resultados obtidos, vejamos a ilustração do gráfico abaixo:

Figura 09 - Resultados de + CV e – CV de acordo com a variável posição de sujeito



Fonte: Autora, 2013.

No gráfico acima, usamos A para sujeito anteposto e P para sujeito posposto, Série 1 para ocorrência de + CV e Série 2 para ocorrência de – CV, cor azul para + CV e cor vermelha para – CV.

Como podemos ver diante de tudo o que já foi dito, os resultados obtidos por meio do tratamento estatístico dado pelo programa GOLDVARB X demonstram que esse grupo de fator não é significativo para a aplicação da regra variável de CV. Isto vai de encontro ao que se tem visto em estudos realizados em outras variedades do PB nos quais a variável *posição de sujeito* é estatisticamente significativa e o fator 'sujeito anteposto' condiciona a variante padrão, como por exemplo, o trabalho de Santos (2010) sobre o dialeto alagoano falado por menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, que apresenta o fator sujeito anteposto com porcentagem de 74% e PR. de .52 e, portanto, significativo para a variante padrão. Este quadro se configura pelo fato de o nível de ocorrência de sujeito posposto ser muito inferior ao nível de ocorrência de sujeito anteposto em PB, em outras palavras, podemos dizer que os falantes dessa língua têm preferência por sujeito anteposto.

Segundo Rodrigues (1997) mostra em sua análise, sujeito imediatamente anteposto ao verbo, ou seja, sem nenhum elemento interveniente entre eles,

apresenta PR. de .58, enquanto sujeito posposto ao verbo apresenta PR. de .17, o que deixa claro o condicionamento do fator “sujeito anteposto ao verbo” para a variante padrão.

De acordo com Silva (2005), a variável realização e posição do sujeito selecionou o fator “sujeito anteposto” como estatisticamente significativa, com PR. de .54 e sujeito posposto como condicionante da variante não padrão, com PR. de .36.

Para Oliveira (2005), sujeito anteposto imediatamente próximo ao verbo é o contexto linguístico mais favorável à manutenção da variante padrão, seguido do fator “sujeito anteposto, separado do verbo por uma a três sílabas” – já o fator sujeito posposto representa uma restrição à variante padrão.

Nesse momento, surge um contraponto entre os resultados dos autores acima e os que mostramos aqui - já que, em nosso caso, esta variável foi considerada não significativa e este fator (sujeito anteposto) apresenta valor percentual de 54,6. Neste momento, é interessante refletirmos sobre o fato de a quantidade de dados interferir significativamente nos resultados obtidos pelo programa, uma vez que, em todas as análises citadas, o fator ‘sujeito posposto’ aparece em pequena quantidade e sempre em quantidade inferior que o fator ‘sujeito anteposto’, o que parece ser natural no PB de modo geral.

3.4.3 Discussões sobre o quadro de análise

De acordo com os resultados apresentados e a análise feita neste trabalho, vejamos um quadro final que mostra a relevância de cada variável independente e seus respectivos fatores para a variante padrão, isto para termos uma visão geral do comportamento variável de concordância verbal da comunidade de fala estudada:

Figura 15 - Quadro geral dos resultados estatísticos da aplicação de CV

Variáveis	Total	de Ocorrências	%	PR.
	ocorrências	de + CV		
Relação número-pessoa				
“eles ou elas” e SN no plural	505	234	46,3	.37
“nós”	60	13	21,7	.17
“a gente”	146	138	94,5	.92
Elementos intervenientes				
ausência	376	230	61,2	.56
presença	335	155	46,3	.42
Posição do sujeito				
anteposto	659	360	54,6	Não significante
posposto	52	25	48,1	Não significante
Idade				
FI	208	137	65,9	.59
FII	265	131	49,4	.46
FIII	238	117	49,2	.45

Escolaridade				
M/ I	100	41	27	análise qualitativa
F	100	46	30	análise qualitativa
M	100	67	43	análise qualitativa
Sexo				
M	307	157	47	análise qualitativa
F	307	180	53	análise qualitativa

Fonte: Autora, 2013.

Dos dados estatísticos expostos no quadro acima, verificamos que os fatores condicionantes da variante padrão nesta análise são: ‘expressão pronominal a gente’, ‘ausência de elementos intervenientes’, ‘FI (de 15 a 30 anos)’ e ‘nível de escolarização Médio completo ou cursando’; já os fatores condicionantes da variante não padrão são: ‘primeira pessoa do plural’, ‘presença de elementos intervenientes’, ‘FII (de 31 a 50 anos)’ e ‘nível de escolarização mínimo ou inexistente’. As variáveis *posição de sujeito* e *sexo* foram consideradas estatisticamente não significantes por apresentarem dados numéricos muito próximos e, por isto, foram consideradas neutras com relação ao fenômeno estudado.

Ao longo desse trabalho, hipóteses foram levantadas e testadas, algumas delas foram comprovadas e outras refutadas, porém a hipótese central deste trabalho foi confirmada: o comportamento de CV na fala desses afrodescendentes de Muquém é variável e alguns dos fatores selecionados para esta análise foram condicionantes da variante padrão.

O comportamento variável de CV na fala de afrodescendentes dessa comunidade apresenta dois aspectos importantes: a) a variável *posição de sujeito* não é relevante para esta análise e b) o fator 'sujeito anteposto' não é condicionante da variante padrão. Consideramos que se trata de duas características relevantes para o falar desse povo, uma vez que trabalhos realizados em variedades do PB por vários autores, como aqueles dos quais tratamos aqui, demonstraram a relevância do fator sujeito anteposto para o condicionamento da variante de prestígio. Porém, nada nos autoriza a afirmarmos que há presença de marcas e traços linguísticos característicos desse povo nem, tão pouco, que há contribuição de LAs para o processo de formação do PB no caso dessa comunidade de fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a delimitação e construção dos capítulos que compõem esta pesquisa nos servimos da leitura de Labov (2008 [1972]), Tarallo (1986), Rodrigues (1997), Lucchesi (2001; 2006), Varejão (2009), Castilho (2010), Perini (2010), Moura (2001), Santos (2010), Silva (2005), Oliveira (2005), Gonçalves (2007), Silva (2008), para tratar do referencial teórico; Labov (2008 [1972]), Tarallo (1986), Albuquerque; Filho (2006), Moura (2009), Fernandes (2006), Santos; Vitorio (2011), Guy; Zilles (2007), para tratar dos procedimentos metodológicos; Labov (2008 [1972]), Avelar (2012); Costa (2010); Salgado (2010); Santos (2004; 2011); PET - Letras/ UFAL (2011), Tarallo (1986), Naro e Scherre (2007), Moura (2009), Guy; Zilles (2007), Santos (2010), Rodrigues (1997), Oliveira (2005), Silva (2005), Gonçalves (2007); Berlinck (1988); Motta (1979); para tratar da descrição e análise dos dados, isto sem contar as referências webgráficas.

A hipótese norteadora desta pesquisa foi a de que a CV observada na fala de afrodescendentes de Muquém apresenta variação entre marcas e ausências de CV e que alguns dos grupos de fatores selecionados se demonstrariam relevantes para esta investigação – ambas foram comprovadas por esta análise. Além disso, tínhamos o objetivo de investigar se a CV observada na fala desses afrodescendentes poderia apresentar ou não traços linguísticos característicos desse grupo social – nesse caso, nossa hipótese não foi comprovada.

Em se tratando da variabilidade do fenômeno em estudo, constatamos que o comportamento de CV nessa comunidade é variável, com 46% de ocorrências da variante não padrão contra 54% de ocorrências da variante padrão, o que nos parece uma disputa bastante equilibrada entre essas variantes nessa comunidade de fala se levarmos em conta os valores percentuais dados.

Com relação aos grupos de fatores que delimitamos neste estudo, podemos dizer que quatro deles se demonstraram relevantes para esta análise, a saber: a) relação número-pessoa, b) elementos intervenientes entre sujeito e verbo, c) idade e d) escolaridade; e dois se demonstraram estatisticamente não significativos, sendo eles: e) sexo e f) posição do sujeito, exatamente nessa ordem.

De acordo com a possibilidade de os resultados obtidos nesta análise se revelarem como traços e marcas linguísticas características desse grupo social, podemos dizer que eles não são suficientes em si mesmos para comprovar essa hipótese, uma vez que o comportamento variável de CV na variedade do PB falado por essa comunidade já foi verificado em outras variedades do PB falado e escrito, como mostramos ao longo deste trabalho e, mais especificamente, no último capítulo.

Como objetivos específicos, pretendíamos observar se os fatores: (i) sujeito anteposto ao verbo, (ii) ausência de elementos intervenientes entre sujeito e verbo, (iii) faixa-etária FI e FII, e (iv) nível de escolarização Fundamental II completo ou cursando e Médio completo ou cursando condicionam a variante padrão; e se os fatores: (i) sujeito posposto, (ii) presença de elementos intervenientes, (iii) faixa-etária FIII e (iv) nível de escolarização mínimo ou inexistente condicionam o uso da variante não padrão nessa comunidade de fala.

Quanto aos contextos linguísticos ou estruturais abordados, delimitamos: a) *posição do sujeito em relação ao verbo* (anteposto ou posposto); b) *elementos intervenientes entre sujeito e verbo* (presença ou ausência de elementos entre sujeito e verbo); c) *relação número-pessoa* (terceira pessoa do plural “eles ou elas” e SN no plural, primeira pessoa do plural “nós” e expressão pronominal “a gente”). Dentre os quais, as variáveis que se revelaram significativas foram: ‘elementos intervenientes entre sujeito e verbo’ e ‘relação número-pessoa’, já ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ se demonstrou não significativa nesta investigação.

Em conformidade com as variáveis estruturais subscritas acima, os fatores condicionantes da variante padrão, foram: ‘expressão pronominal a gente’ e ‘ausência de elementos intervenientes’; os fatores ‘primeira pessoa do plural “nós”’, ‘terceira pessoa do plural “eles ou elas” e SN no plural’ e ‘presença de elementos intervenientes’ se demonstraram favoráveis à variante não padrão. Mesmo a variável *posição do sujeito em relação ao verbo* tendo sido considerada estatisticamente não significativa, podemos dizer que o fator ‘sujeito anteposto’ favorece mais a CV que o fator ‘sujeito posposto’.

Quanto aos contextos extralinguísticos ou sociais selecionados: a) *sexo* (masculino e feminino), b) *faixa etária* (FI - de 15 a 30 anos, FII - de 31 a 50 anos e FIII - de 51 anos em diante) e c) *escolaridade* (nível de escolarização mínimo ou inexistente, nível Fundamental II completo ou cursando e nível Médio completo ou cursando), numa análise qualitativa paralela, apenas as variáveis *idade* e *escolaridade* se demonstraram significativas, já a variável *sexo* se revelou não significativa.

Neste patamar, os fatores considerados relevantes e condicionantes da variante padrão foram: 'FI' e 'nível de escolarização médio completo ou cursando'. Por outro lado, os fatores considerados como favoráveis da variante não padrão e inibidores da variante padrão foram: 'FII', 'FIII', 'nível de escolarização mínimo ou inexistente' e 'nível Fundamental II completo ou cursando'. No caso da variável *sexo*, mesmo esse grupo de fatores tendo sido considerado não significativo estatisticamente pelo programa GOLDVARB X, podemos dizer que o fator 'feminino' é mais favorável à variante padrão que o fator 'masculino'.

Dessa forma, se desenha o comportamento variável de CV na variedade do PB falado por afrodescendentes de Muquém a partir do recorte teórico-metodológico que realizamos. Esperamos com este trabalho ter contribuído para o conhecimento da realidade linguística dessa comunidade no que diz respeito ao fenômeno da concordância. Acreditamos na relevância do discurso de autoridade da ciência para combater o preconceito linguístico principalmente quando se trata de um grupo social marginalizado pela sociedade.

Assim, por meio dos resultados obtidos e da análise feita, comparando o que ocorre nos dados de fala de Muquém com o que ocorre em dados de fala de outras variedades do PB falado e escrito, como mostramos neste trabalho, desejamos desmistificar os conceitos de "certo" e "errado" que se apresentam muitas vezes como divisores de águas e de pessoas no que concerne aos estudos da linguagem humana, uma vez que podem levar à supervalorização de alguns grupos sociais enquanto outros são estigmatizados.

Conscientes de que apesar dos resultados alcançados e mostrados acima, esta pesquisa não encerra a discussão sobre o fenômeno variável de CV nessa

comunidade e que, por conta da limitação deste trabalho não conseguimos dar conta de muitos aspectos pertinentes a esta investigação como, por exemplo:

- i. Estender a discussão sobre preconceito linguístico, uma vez que, tratamos de uma comunidade social marginalizada em nossa sociedade;
- ii. Ampliar o *corpus*;
- iii. Problematizar ainda mais o comportamento variável de CV nessa comunidade comparando-o com o de outras variedades do PB e/ ou até mesmo com a de outras línguas;
- iv. Fazer uma comparação entre o quadro sócio-histórico e cultural do quilombo Muquém com o de outros quilombos brasileiros;
- v. Problematizar a realidade socioeconômica dos quilombolas no Brasil;
- vi. Expandir o quadro de grupos de fatores para uma análise mais detalhada do fenômeno de CV nessa comunidade de fala.

Estas e outras questões deixaremos para trabalhos posteriores, nos quais dedicaremos esforços para continuarmos a tratar da temática do negro sob a perspectiva linguística com o intuito de verificarmos a contribuição de LAs que foram atingidas pelo tráfico negreiro para a formação do PB, bem como, se o falar desse povo apresenta marcas linguísticas que lhes sejam características. Assim, finalizamos este trabalho, com a consciência de que parte de nossa inquietação como pesquisadora foi saciada, mas o desafio que nos aguarda é ainda maior e a caminhada está apenas começando.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W. R. de.; FILHO, W. F. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.

AVELAR, J. Expressões possessivo-existenciais de tempo decorrente na fala dos quilombolas de Muquém. **Stockholm review of Latin American studies Issue**, n. 8, March 2012.

BERLINCK, R. de A. **A ordem V SN no português do Brasil**: Sincronia e Diacronia. 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAMPOS, J. F. **Produção e Mudança**: o caso da cerâmica de Muquém. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Departamento de História/CHLA, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2004.

CARENO, M. F. do. **Vale do Ribeira**: a voz e a vez das comunidades negras. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

COSTA, C. F. Gênero no determiner phrase, na fala de moradores da comunidade quilombola Muquém. In. III Semana de Letras – UFAL: Navegando nos campos do saber com a hibridez da linguagem, Ano 2010, ISSN: 2176-7858.

FERNANDES, C. S. Muquém: uma comunidade visível?. In: CAVALCANTI, B. C.; SUASSUNA, C.; BARROS, R. R. de A. (Organizadores). **Kulé Kulé**: visibilidades negras. Maceió: EDUFAL, 2006.

FREITAS, D. **República de Palmares**: Pesquisa e comentários em documentos históricos do século XVII. Maceió: EDUFAL: IDEÁRIO, 2004.

GALVES, C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. **Cadernos de estudos linguísticos**, Unicamp, Campinas, n. 34, p. 19-32, jan./jun. 1998.

GONÇALVES, V. de F. **A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce—MG**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradutor Marcos Bagno, et al . São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências básicas do português**. Rio de Janeiro: MOBREAL/Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). **DELTA**, São Paulo, v.17, n. 1, p. 97-30, 2001.

_____. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.

MOTTA, E. C. de M. **Escolarização e variação linguística**. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURA, D. (Org.). **Resquícios de Palmares: O que uma comunidade quilombola nos diz**. Maceió: EDUFAL, 2009.

_____. A concordância sujeito-verbo na língua falada em português brasileiro e em francês contemporâneo. **Revista da FAEEBA**, Salvador, n. 15, p. 69-73, jan./jun., 2001.

NARO, A. J. The social and Structural Dimensions of a Syntactic Change. **Language**, LSA, v. 57, n. 1, 1981.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. (Org.); BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, M. dos S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PET – Letras/ UFAL. Comunidade quilombola Muquém: um estudo sobre a concordância nominal de número entre os elementos do sintagma nominal da fala de moradores dessa comunidade. In: COSTA, J. F. da.; SANTOS, R. L. de A.; VITÓRIO, E. G. de S. L. (Organizadores). **Variação e Mudança Linguística no Estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 173-188.

RODRIGUES, D. de A. **A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

RODRIGUES, A. C. S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. 1987. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

SALGADO, S. S. **A concordância entre sujeito e predicativo do sujeito na fala da comunidade quilombola Muquém – AL: estudo sócio-histórico linguístico**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

SANTOS, D. N. **O uso da variante /e/ no final das palavras monossilábicas Deus e mais por falantes da comunidade Muquém**. 2004. Trabalho de conclusão de

curso (Graduação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2004.

_____. O uso das formas apocopadas de *mas* e *mais* na língua falada em Muquém: um estudo em sociolinguística. In: COSTA, J. F. da.; SANTOS, R. L. de A.; VITÓRIO, E. G. de S. L. (Organizadores). **Variação e Mudança Linguística no Estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 65-72.

SANTOS, R. L. de A. **A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SANTOS, R. L. de A.; VITÓRIO, E. G. de S. L. A. Teoria da Variação e Mudança Linguística. In: COSTA, J. F. da.; SANTOS, R. L. de A.; VITÓRIO, E. G. de S. L. (Organizadores). **Variação e Mudança Linguística no Estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 13-27.

_____. Uma rodada no GOLDVARB X. In: COSTA, J. F. da.; SANTOS, R. L. de A.; VITÓRIO, E. G. de S. L. (Organizadores). **Variação e Mudança Linguística no Estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 43-62.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 554p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, E. V. da. Norma, variação e ensino: a concordância verbal. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n 34, p. 31-41, 2008.

SILVA, J. A. A. de. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil**: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia. 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

VAREJÃO, F. de O. A. O português do Brasil: revisitando a história. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa**, n 39, p. 119-137, 2009.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Linha de Pesquisa Língua e Sociedade: variação e mudança. Para uma História do Português do Brasil - RJ. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/phpb-rj/>>. Acesso em: 17 de jan. 2012.

Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Estudos Linguísticos. Banco de dados. Disponível em: <<http://www.fale.ufal.br/projeto/prelin/bancodedados.php>>. Acesso em: 22 de fev. 2012.

Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Estudos Linguísticos. Disponível em: <<http://www.fale.ufal.br/projeto/Prelin/>>. Acesso em: 19 de abr. 2012.

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Estrutura Fundiária. **Quilombolas.** Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas>>. Acesso em: 26 de maio 2012.

Comissão Pró-Índio de São Paulo. **Comunidades Quilombolas no Brasil.** Disponível em: <http://www.cpis.org.br/comunidades/html/i_brasil.html>. Acesso em: 27 de ago. 2012.

Estado de Alagoas. Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas. Comunidades Quilombolas de Alagoas. Disponível em: <<http://www.iteral.al.gov.br/comunidades-quilombolas-de-alagoas/comunidades-quilombolas-de-alagoas>>. Acesso em: 19 de nov. 2012.

ANEXOS

ANEXO A - Questionário de perguntas-roteiro que nortearam a entrevista semiestruturada realizada em 2009

1. Como surgiu a comunidade?
2. Em que circunstâncias os primeiros habitantes da comunidade vieram estabelecer moradia aqui?
3. Como era a comunidade nessa época? Como se vivia aqui?
4. Havia um líder ou representante da comunidade nessa época?
5. Como os homens e as mulheres se relacionavam? Como se davam os casamentos entre eles?
6. Em que período aproximadamente a comunidade surgiu?
7. Qual a origem do nome da comunidade?
8. Muquém tem alguma ligação com a Serra da Barriga?
9. Antigamente Muquém sofria algum tipo de ataque, invasão e, por esse motivo necessitava de proteção para se defender?
10. Como a comunidade sobrevivia economicamente?
11. Havia práticas religiosas ou festas típicas da comunidade?
12. Como a comunidade sobrevive hoje?
13. Há quantos habitantes na comunidade?
14. Há uma escola? Como os quilombolas fazem para estudar?
15. E com relação a trabalho?
16. E quanto à assistência médica, transporte, segurança e moradia?

ANEXO B - Fotografias da comunidade quilombola Muquém retiradas por Dariana Nunes dos Santos em 2009/ 2010 e que fazem parte de seu acervo pessoal.



Fotografias da comunidade retiradas em 2009 durante a pesquisa de campo realizada.



Fotografias do lado de fora da escola *Pedro Pereira da Silva* retiradas em 2009.





Fotografias da comunidade retiradas logo após a enchente ocorrida em 2010.



Fotografias do artesanato produzido por artesãos de Muquém retiradas em 2009.